UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO, DESPORTO E VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

por
Roberto Ferreira dos Santos

sob a orientação do
Dr. Alfredo G. de Faria Junior

Dissertação submetida como requisito parcial

para a obtenção do grau de Mestre em Educação

NITERÓI
Dezembro/1990

SUMÁRIO

Folha de Rosto..... p. I
Agradecimentos..... p. II
Sumário.....p. IV
RESUMO.....p. V

CAPÍTULO I - A problemática da violência no desporto: uma introdução..... p. 1
Notas.....p. 16
Referências Bibliográficas.....p. 22

CAPÍTULO II - Desporto e educação.....p. 24
Notas.....p. 45
Referências Bibliográficas.....p. 46

CAPÍTULO III - Educação e cultura brasileiras, desporto e futebol.....p. 47
Notas.....p. 65
Referências Bibliográficas.....p. 67

CAPÍTULO IV - Futebol e violência.....p. 69
Notas..... p. 106
Referências Bibliográficas..... p. 107

CAPÍTULO V - Manifestações de violência no futebol brasileiro:
o ano de 1989..... p. 109
Notas..... p. 149
Referências Bibliográficas..... p. 150

CONCLUSÕES..... p. 153

ABSTRACT..... p. 156

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... p. 157

ANEXOS..... p. 165

RESUMO

EDUCAÇÃO, DESPORTO E VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Este estudo teve como objetivos: (a) mapear as manifestações de violência no Futebol Brasileiro; (b) analisar e levantar explicações para aquelas manifestações. Foi utilizada uma das técnicas de "análise de conteúdo" (BARDIN, 1977) para estudar o material sobre Futebol publicado em dois jornais do Rio de Janeiro − O Globo (conservador) e o Jornal do Brasil (liberal) −, em 1989. Com base em um conceito de violência criou-se um sistema de categorias considerado válido ("exaustividade" como noção de validade e validade de conteúdo). Usaram-se elementos ("base" − modo de produção capitalista −; "organização social do futebol" − comercialismo, consumismo, intervenção do estado, individualismo e competição exacerbada −; "cultura" − cultura popular como parte da indústria da cultura e subculturas da juventude) da "Teoria Crítica" para fazer as interpretações dos resultados. Nos dois jornais "agressão física" (54,2% e 46,1%), "ofensa" (15,2 e 15,3%) e "coação" (10,1% e 20,5%) foram as categorias que concentraram a maior parte das manifestações de violência. Nenhuma manifestação foi constatada na categoria "suborno". Os dois jornais publicaram as notícias sobre violência no Futebol com levar em conta o contexto sócio-econômico e a biografia dos envolvidos nos incidentes.

CAPÍTULO I

A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA NO DESPORTO
UMA INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório tem um duplo objetivo: a partir de uma contextualização da violência na sociedade brasileira e nos desportos enfocá-la especificamente no Futebol profissional, e, refletir sobre aquela problemática do ponto de vista educacional.

Inicialmente o capítulo mostrará algumas evidências de como o fenômeno violência tem se manifestado no Futebol Brasileiro. Em seguida, apresentará justificativa para a realização do estudo, mostrando a contribuição que o mesmo poderá dar.

Seja de uma forma mais clara, seja de uma forma mais disfarçada, a violência é um fenômeno que marca atualmente a sociedade brasileira [1]. Dentro de um amplo espectro, a violência se identifica de várias formas. Assim, um alto funcionário do governo que manipula dinheiro público para obter ganhos pessoais está cometendo tanta, ou mais violência do que um pivete que assalta.

Nossa sociedade vem presenciando variadas manifestações de violência nas esferas política, social, econômica e educacional [2], sem que muitas vezes se possa isolar fatores dessas esferas. Estes fatores aparecem, na realidade, entrelaçados, exigindo uma investigação mais profunda, de modo a fugir de interpretações baseadas apenas no senso comum.

A comparação anterior entre a ação de um político e a de um pivete foi intencional para evidenciar que, mesmo vivendo em ambientes completamente diferentes, os dois praticam violência e que, na sua essência não diferem. Talvez a percepção que a sociedade tem das duas é que seja diferente. Uma choca muito, a do pivete, a outra é mais sofisticada, aparentemente mais distante, mas as duas estão aí, sendo que o político pertence a uma classe dominante e tem interferência no sistema, o pivete não.

Existe uma percepção geral de como nossa sociedade está repartida, fragmentada, e de como neste sentido usa a violência, principalmente aqueles que detêm pouco ou nenhum poder, o que caracterizaria quase que uma reação de desespero.

É realidade também que aqui, se não se conhece alguém importante (amizade pessoal), corre-se o risco de sofrer dois tipos e justiça: a justiça dos poderosos (ricos) e a dos não poderosos (pobres). Conseqüentemente, para se realizar a totalização e não se viver em dois mundos, a vingança, usando a violência, é o recurso extremo e brutal, mas

freqüentemente usado.

São muitos os exemplos dos crimes impunes nos quais os poderosos sempre arranjam um jeito de escapar, seja fugindo, ou usando de manobras que quase sempre os deixam se não na impunidade completa, às vezes com penas ridículas dada a gravidade do crime que cometeram.

Diante deste quadro social, entende-se que na classe trabalhadora, principalmente entre habitantes nas favelas e na periferia, o "fazer justiça com as próprias mãos" ocorra como conseqüência. Seguramente se usam deste recurso é porque percebem a distância entre o seu mundo e o dos outros. Não se pode jogar a culpa esta violência no imponderável nem na fatalidade, pois assim deixar-se-á de olhar para a própria sociedade e fazer uma avaliação das causas que provocam tanta injustiça.

Roberto DaMatta (1982) ao comentar a violência na nossa sociedade diz:

> "Finalmente, diria que a violência seria um modo permanente de relacionar e buscar a totalização dentro de um sistema vivido e percebido como fragmentado, dividido e dotado de éticas múltiplas. Neste sentido ela serviria tanto para hierarquizar os iguais, quanto para igualar os diferentes" (p. 43).

Neste ponto começamos a falar do desporto e de sua relação com a sociedade e pensamos que a partir desta é que podemos elaborar toda a crítica.

É consenso praticamente em todo mundo, a importância do desporto como um fenômeno educacional e cultural. Mas apesar desta repercussão, o desporto vem enfrentando um problema que assusta todos que de alguma forma estejam portanto é preciso que se aponte para as outras formas que vêm ocorrendo e que tanto prejudicam o desenvolvimento do desporto.

Várias vozes já se levantaram no Brasil e no mundo, contra a "coisificação" a que se está tentando induzir o homem, através de uma exacerbação das competições. Sabe-se que se o Sr. Ben Johnson tivesse conseguido burlar a vigilância dos órgãos "antidoping" de controle, lhe estariam assegurados, só na próxima temporada, cerca de 6 milhões de dólares, pela participação em competições, contratos publicitários e outros eventos. Compreende-se assim que muitas pessoas achem que a única forma de assegurar o futuro dentro desta visão de capitalismo seja agredir a si mesmo ou aos outros.

O fato citado acima ganhou notoriedade por ter sido praticado num evento internacional muito importante, mas é bom lembrar que no Brasil a questão do "doping" no Futebol é antiga.

João Saldanha (1987) em uma de suas muitas críticas, relata que em conseqüência da discussão de um caso de "doping" no Futebol, foi necessária a intervenção do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e do Conselho Nacional de Desportos (CND), para que se fizesse presente nos jogos do Campeonato Nacional, o exame "anti-doping" de controle. Isto ocorreu pois a Confederação Nacional de Futebol − apesar de muitas evidências, inclusive depoimentos de jogadores famosos confessando o uso − tentava encobrir tal fato dizendo que no Brasil isto não ocorria.

Considerando-se agora, especificamente, um setor que mundialmente tem se tornado centro de muitas atenções − o Futebol profissional − verifica-se também o crescer da violência neste meio.

Seja em competições internas − campeonatos municipais e até nacionais −, seja em competições internacionais, a violência tem se manifestado em vários níveis. Seja nos dos campos de Futebol e nos estádios, começando entre os atletas, e chegando mesmo aos árbitros, seja nas torcidas, contra os atletas, técnicos e árbitros, de uma forma mais ampla, entre as próprias torcidas muitas vezes ultrapassando os limites geográficos dos próprios países, a violência começa a tomar proporções preocupantes [3].

Osmar Santos (1989) ao comentar a violência no Futebol brasileiro, diz que esta já está se alastrando por todos os lados, dirigentes e torcidas; Dalmo de Abreu Dallari (1988) vai mais além e comparando com outras culturas, mostra que na nossa, talvez devêssemos tratá-la como crime comum passível de condenação penal, para evitar a propagação de uma mentalidade absurda "de que a prática de violências contra a pessoa humana é normal e inevitável" (p. 12), e finalmente Fernando Calazans (1990) ao criticar a violência ocorrida nos jogos de Juniores − jogadores bem jovens − mostra que paradoxalmente, esses jogadores são orientados na maioria das vezes por profissionais com pouca competência. Segundo o autor, as categorias iniciantes e que deveriam ter excelentes profissionais pois é aí que se começa uma boa formação que seguramente iria minimizar em muito a violência.

Cláudio Mello e Souza (1988) em crítica sobre o que se passa no Futebol brasileiro e seus bastidores diz:

> "um campeonato nacional disputado em duas, três ou quatro divisões só merecerá o respeito e atrairá os torcedores se cada uma dessas divisões for organizada com necessária competência e

> com a indispensável seriedade. Intimidar os jogadores adversários e espancar árbitros não é positivamente exemplo de seriedade" (p. 27).

Finalizando a crítica conclui:

"Temos hoje em dia dois tipos de Brasil. Um deles apesar de tudo, luta pela decência e pela competência: é o Brasil que quer se modernizar. O outro é o "país do futebol", a "pátria de chuteiras", no qual o suborno é ato de rotina e a violência é a mais eficiente forma de convivência. É o Brasil do Bragantino, é o Brasil do Americano. É aquele Brasil velho e surrado do qual ninguém sente saudades. É aquele malsinado país do Eduardo Viana, do Nabi Abi Chedid e do Vale Tudo" (idem).

A referência feita a dois dirigentes, decorre do fato notoriamente conhecido que é a interferência dos citados, em acontecimentos sempre confusos que só servem para conturbar o ambiente do Futebol. De fato o título do artigo é "Vale tudo no País do Futebol", título este que tem como objetivo relacionar a telenovela − "Vale Tudo" [4] − com o que se passa no futebol.

Ora, não é de hoje que o Futebol brasileiro recebe a ingerência de homens que se utilizando do mesmo, tentam ganhar projeção política e poder para depois, através destes manterem uma relação de poder sobre o mesmo.

O que sucede é que estes dirigentes fazem do Futebol o mesmo que na política, ou seja grandes artimanhas para atingir seus objetivos, mesmo que para isso tenham que pressionar árbitros, vetá-los por sugestão de clubes, construir estádios visando somente interesses políticos e econômicos.

Conseqüentemente toda essa interferência se reflete na competição em si, fazendo com que esta não se torne séria aos olhos dos torcedores e dos críticos especializados e também gerando grande tensão nos jogadores e técnicos que a disputam, seguramente grande potencial para as manifestações de violência ocorridas nos jogos.

O "O JORNAL DO BRASIL" no artigo "PUNIR VIOLÊNCIA COMO CRIME TEM APOIO TOTAL" (1989) aborda o fenômeno com os seguintes comentários:

> "preocupados com a violência no futebol os jogadores do Atlético Mineiro passaram a distribuir, antes do jogo, flâmulas às equipes adversárias com o seguinte pedido: "Somos profissionais, vamos nos respeitar mutuamente e promover um grande espetáculo para o público presente". No Rio o criminalista Nilo Batista resolveu

> também participar do combate ao jogo desleal, defendendo em artigo publicado no JB a criação e um juizado especial para tratar como crime a violência que impera nos campos" (p. 19).

Em resumo, no Futebol brasileiro são alarmantes os casos de violência registrados através dos tempos e com diferentes matizes [5].

A arte do Futebol com tudo de belo, inteligente e criativo que se pode aprender através dela, fica ameaçada de desaparecer caso continuem a crescer as manifestações de violência que já preocupam tanto.

O Brasil tem historicamente tradição neste desporto. Observando-se as grandes competições − campeonatos mundiais de clubes, copas do mundo de seleções e Jogos Olímpicos − verifica-se que o Brasil vem se representando bem − conquistando até mesmo vários títulos − exceto nos Jogos Olímpicos, o que reforça a necessidade de se analisar o mundo profissional.

Entretanto., desde 1974 temos tido dificuldades na conquista de títulos. Seria importante investigar até que ponto fatores extra-campo interferem no jogo propriamente dito, o que em última análise representaria uma intromissão na arte dos profissionais do Futebol.

Outro aspecto que este estudo leva em consideração é a repercussão que a violência no Futebol pode ter sobre a sociedade.

Kátia Brandão Cavalcanti (1984) lembra a necessidade de definir as funções sociais da educação através do desporto. Embora o interesse pelas questões do futebol e sua função social já despertem mais atenção, são raros os estudos sobre a violência neste desporto.

Como sustentam os trabalhos de René Maheu (1966), Georges Belbenoit (1974), Olímpio Coelho (1985), Jorge Olímpio Bento (1987), A. Melo de Carvalho (1985) e Flávio M. Pereira (1988), o desporto deve ser encarado como uma forma de educação, tanto no campo da educação escolar (educação formal), quanto no da educação não-escolar (educação não-formal e na educação informal). Portanto, caso a violência continue a se manifestar, fica difícil justificar uma de suas funções, que é a educação através do mesmo.

A revisão da literatura brasileira no que concerne à violência no Futebol, não aponta trabalhos nesta área, fato que justifica este estudo. Ao efetuar o mapeamento dos tipos de violência partir-se-á de um conceito de violência, o qual servirá como base para a definição das categorias a serem discutidas.

Assim este trabalho pretende, através de uma detalhada discussão compreender a violência no contexto do Futebol (profissional) possibilitando reflexões sobre este fenômeno sob o prisma da educação informal. O trabalho poderá ainda levantar formas de se tratar o problema da violência no Futebol, tanto no contexto da educação escolar, quanto no da educação não escolar, no seu aspecto informal.

A partir da perspectiva sociológica, a revisão da literatura mostra a existência de três posições considerando-se as teorias do desporto: (a) a dos defensores da Teoria Funcionalista, para quem o desporto só contribui positivamente; (b) para os defensores da Teoria do Conflito, para os quais o desporto é um ópio, só contribuindo para a deteriorização de valores, não se podendo fazer algo contra; e (c) finalmente os defensores da Teoria Crítica, para quem o desporto é mais que reflexo da sociedade. Mais especificamente, dependendo do contexto, o desporto tem seus pontos positivos e negativos. Mais ainda, que o desporto deve ser reflexo das pessoas as quais favorece ou desfavorece, e que pode ser modificado por essas pessoas, conforme suas necessidades.

Foi sob esse último enfoque que se desenvolveu esta análise da violência no futebol brasileiro e sobre as conseqüências que ela vem ocasionando.

O estudo teve como primeiro objetivo efetuar, sob o enfoque sociológico, um mapeamento das diferentes manifestações de violência no Futebol brasileiro, relacionando-as e levantando possíveis explicações com base em alguns aspectos da Teoria Crítica.

Um segundo objetivo foi analisar qualitativamente − procurando interpretar fatos a partir de evidências − e quantitativamente, dando o tratamento da estatística descritiva.

Para desenvolver o estudo foi utilizada uma das técnicas de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) para o estudo do material coletado durante o ano de 1989, abrangendo as seguintes competições: Finais da Copa União de 1988, Campeonato Carioca 1989, Amistosos da Seleção Brasileira no Exterior e no Brasil, Copa Brasil, Copa América, Eliminatórias da Copa do Mundo 1990, Campeonato Brasileiro de 1989, através de dois jornais do Rio de Janeio, Jornal do Brasil e O Globo. O "corpus" para a análise foi constituído pelas fotos, manchetes, artigos e colunas especializados em Futebol.

Foi escolhido o período de um ano, de modo a incluir as Finais da Copa União e 1988 porque esta competição foi a primeira organizada pelo Clube dos Treze − treze clubes que se organizaram e apresentaram um projeto de competição à Confederação Brasileiro de Futebol (CBF) − tentando a partir desta copa organizar o Futebol brasileiro em várias divisões, e também por ter havido várias competições importantes durante este período, fato

que contribuiu para que se tivesse uma amostragem representativa do que ocorre de violência no Futebol.

Foram escolhidos dois jornais que tradicionalmente têm linguagens diferentes, para que estas sejam confrontadas e analisadas. Sendo a Copa União uma competição nacional, as notícias veiculadas nos dois jornais tiveram sempre caráter nacional, enquanto que as outras notícias cobriram eventos importantes, tendo sido amplamente veiculados.

Com o intuito de se atingir os objetivos do estudo, dividiu-se a dissertação em cinco capítulos.

Capítulo I - A problemática da violência no desporto − uma introdução

O Capítulo I sendo introdutório, tem um duplo objetivo: a partir de uma contextualização da violência na sociedade brasileira e nos desportos, enfocá-la especificamente no Futebol profissional, e, refletir sobre aquela problemática do ponto de vista educacional. Inicialmente o capítulo mostrará algumas evidências de como o fenômeno violência tem se manifestado no Futebol Brasileiro. Em seguida, apresentará justificativa para a realização do estudo, mostrando a contribuição que o mesmo poderá dar.

Capítulo II - Desporto e Educação

Este capítulo tem como objetivo explicitar as relações entre o desporto e a educação. Na primeira parte são discutidos os conceitos de desporto e as principais teorias do desporto. A seguir são relembrados os conceitos de educação formal, educação não-formal e educação informal. Na segunda parte do capítulo é oferecida uma abordagem crítica do desporto e da educação nas sociedades capitalistas.

Capítulo III - Educação e Cultura Brasileiras. Desporto e Futebol

O Capítulo III tem com objetivo apresentar uma crítica ao desporto na sociedade brasileira e sua relação com educação informal. Na primeira parte critica-se a forma como o desporto é desenvolvido na sociedade brasileira. Em seqüência, se analisa a importância do Futebol para a sociedade, a cultura e a educação, (considerada esta do ponto de vista da educação informal) nacionais.

Capítulo IV - Futebol e Violência

O Capítulo IV tem como objetivo apresentar os aspectos da Teoria Crítica que serviram para estudar a questão da Violência no Futebol. A seguir, o capítulo ao mostrar

algumas evidências de como o Futebol brasileiro tem sido atingido pela violência, tentará contribuir para a compreensão do conceito de violência, da forma que será abordada no Capítulo V.

Capítulo V - Manifestações da Violência no Futebol Brasileiro durante o ano de 1989

O Capítulo V tem como objetivo: (a) deixar consignada a abordagem metodológica adotada; (b) mapear as manifestações de violência no futebol encontradas no estudo; (c) apresentar a interpretação dada às manifestações de violência mapeadas pelo estudo.

Na primeira parte, o capítulo relata como o trabalho foi desenvolvido nas três fases (pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados/interpretação) que a abordagem metodológica adotada − análise de conteúdo − abrange. Nesta parte, o capítulo destaca o sistema de categorias criado com base em uma conceituação de violência.

Na segunda parte, o capítulo inclui os resultados obtidos, mapeados por categoria, com percentuais e exemplos em cada uma.

Finalmente, na última parte, o capítulo apresenta as interpretações dos resultados obtidos, feitas com base em elementos da Teoria Crítica.

Conclusões

Nesta parte, são feitas algumas conclusões sobre a violência no Futebol Brasileiro, a partir das interpretações feitas no Capítulo V e dos capítulos anteriores.

As conclusões são baseadas em elementos que foram discutidos ao longo desse estudo.

NOTAS

1. A sociedade brasileira tem sido atingida pela violência como um todo. Embora a violência urbana seja a mais divulgada, sabe-se que ela atinge também fortemente a sociedade no meio rural. Assim, no ano passado, na região conhecida como Araguaia-Tocantins, Centro-Oeste do país, dezessete trabalhadores rurais foram assassinados. Esse número de mortes é inferior ao registrado em 1987, quando trinta e cinco lavradores foram assassinados. A redução ocorreu porque o ano de 1988 foi eleitoral, constatou a Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins, órgão subordinado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que realizou levantamento das violências registradas no campo. Desde a instalação da Nova República, em 1985, 148 lavradores foram assassinados por causa de disputas pela posse de terra. 561 sofreram ameaças de morte e 400 foram espancados na região do Araguaia-Tocantins, de acordo com dados da CPT. O coordenador da entidade, Adilar Daltoé, também denuncia a participação de fiscais do extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), na violência, associados a pistoleiros e à polícia na repressão de lavradores (JORNAL DO BRASIL, 27/5/1989, p. 12).
2. A lavradora Olinda Morais Tavares entrou com um processo na Justiça Federal de Goiânia responsabilizando o Estado por omissão e pedindo indenização, pela morte de seu filho, o padre Jósimo Tavares, assassinado no dia 15/5/1986 em Imperatriz, Maranhão. A lavradora alega que procurou o Presidente José Sarney, acompanhada de bispos do norte de Goiás e pelo coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) da região do Araguaia-Tocantins, pedindo providências de proteção ao padre que havia sido ameaçado várias vezes, e o governo nada fez. O assassinato do padre Josimo foi um dos muitos cometidos por políticos da região e

denunciados pela CPT, que até elaborou uma estatística comparando o ano de 1986 com 1987, e concluindo que em 1986 diminuíram estes tipos de crime em conseqüência de ser um ano eleitoral, e portanto diminui a violência de políticos tradicionais contra trabalhadores (JORNAL DO BRASIL, 27/5/1989, p. 12).

"Há um aspecto da violência que me assusta em particular. É o pouco ou nenhum valor que a vida humana passou a ter, nesta arena sem leis e sem normas, em que vive grande parte da população. Se o desesperado, o miserável, o encurralado, aprende por força da experiência, que sua vida não vale nada e que ela está sempre por um fio, passa a ser natural para ele que a vida dos outros também não tenha nenhum valor. Matar ou morrer nesta perspectiva são conseqüências previsíveis na vida, na fogueira para onde a crise da sociedade brasileira o empurrou. A própria discussão da pena de morte ilustra bem esse pouco apreço pela vida. Quer se curar a doença matando o doente, os pacientes. A nossa tendência é reduzir a questão da violência e da criminalidade às camadas mais pobres da sociedade. É preciso lembrar que os exemplos de mau uso da coisa pública, de malversação do dinheiro público, de falências fraudulentas são também geradores de violência, que podem se expressar em outros níveis não tão sofisticados" (TOSCANO, 1989, p. 3).

As regras habituais de gestão monetária e fiscal tornam-se impotentes para conter ou disciplinar a violência privada. O professor Klindleberger, estudioso das hiperinflações da década de 20, ensina que as origens do processo de "violência monetária" estão na imposição à sociedade de encargos que ela não é capaz de distribuir entre seus membros. "A inflação é uma forma de distribuir os ganhos e as perdas através da forças impessoais do mercado" (BELLUZZO, 1989, p. 39).

Menos de quatro meses depois da estudante Nilza Lourenço Lopes, 14 anos, ter sido assassinada a tiros por um marginal dentro de sua própria sala de aula, na cidade do Gama, uma nova onda de violência atingiu esta semana as escolas das cidades satélites de Brasília. Desta vez, a vítima foi a estudante Juliana Alves Nunes, de 17 anos, que foi esfaqueada na altura do tórax, ao tentar reagir a dois ladrões que tentaram assaltá-la dentro do pátio de sua escola, na cidade satélite de Ceilândia, considerada uma das mais violentas do Distrito Federal (JORNAL DO BRASIL, 1989, p. 20).

3. Juntamente com os gols nos campeonatos regionais e nacional, está de volta aos estádios de Futebol um velho fantasma: a violência. No mundo, acontecimentos trágicos têm perseguido as torcidas há algum tempo, como o massacre de Heysel em Bruxelas, na Bélgica há quatro anos, com a morte de 39 torcedores italianos na partida do Liverpool contra o Juventus, no final da Copa Europa de Clubes Campeões. Ou com a morte de 95 torcedores ingleses nas semifinais da Copa da Inglaterra, em Sheffield, no mês passado (abril de 1989). No Brasil, em Blumenau, no último domingo de abril, um trabalhador de 23 anos morreu com a cabeça quebrada durante um tumulto provocado por torcedores que tentaram invadir o gramado, revoltados com a atuação do juiz. Em Campos, Estado do Rio de Janeiro, um dirigente do Americano, equipe local, entrou em campo e agrediu o juiz com um soco, esquecido de que o exemplo deve vir de cima. As brigas entre torcidas uniformizadas e os enfrentamentos destas com a polícia têm sido freqüentes. O próprio presidente da torcida "Mancha Verde", do Palmeiras, foi morto em outubro passado, e os colegas logo atribuíram o assassinato à briga entre torcidas (SANTOS, op. cit., p. 142).

4. A novela "Vale Tudo" foi uma produção da Rede Globo realizada em 1989. A novela enfocava várias tramas de vários personagens cuja essência era a de que "faziam quase tudo" para atingirem seus objetivos, ou seja, não hesitavam em matar, roubar, subornar desde que justificasse seus objetivos. O final da novela ainda mostra um dos personagens conseguindo ter sucesso − muito dinheiro − e fugir do país, provavelmente induzindo o telespectador a pensar que muitos já fizeram o mesmo.

5. Como exemplos tem-se a violência entre os próprios jogadores e a dos dirigentes sobre os jogadores. Na última Copa do Mundo em que o Brasil participou, 1986, um dos seus melhores jogadores, Zico, só pôde participar precariamente porque sofreu ruptura dos ligamentos do joelho, durante um campeonato estadual, numa disputa de bola em que visivelmente a intenção do outro atleta foi atingi-lo.

   O Sindicato dos Jogadores Profissionais, em dezembro de 1988, travava luta contra os clubes e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), para que se respeitasse a data das férias − direito adquirido em lei − e os jogadores pudessem se recuperar de uma temporada exaustiva, com campeonatos duramente criticados por todos − no que diz respeito à sua organização − menos é óbvio os dirigentes. Essa luta evidencia o nível de consciência profissional dos atletas, mas também mostra as pressões sobre a categoria. Assim a classe dos dirigentes desportivos não hesita em utilizar formas de violência para atingir seus objetivos, mesmo que estes sejam obstáculos ao sucesso da profissão. Paradoxalmente, ficam contra aqueles que no fundo são os verdadeiros responsáveis pela manifestação da arte em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70. 1977.

BELBENOIT, Georges. O desporto na escola. Lisboa: Estampa, 1974.

BELLUZZO, Luiz G. Violência Monetária. Isto é/Senhor. Rio de Janeiro, p. 39, 7 jun. 1989.

BENTO, Jorge Olímpio. O desporto "Matéria de Ensino". Lisboa: Caminho, 1987.

CALAZANS, Fernando. A violência no Futebol e o nazismo da fórmula 1. O Globo. Rio de Janeiro, 19 jan. 1990. Esportes.

CARVALHO, A. Melo de. Violência no Desporto. Lisboa: Horizonte, 1985.

_____. A juventude e violência no Desporto. Lisboa: Horizonte, v. Viii, n. 13, p. 29-33. 5 mai/jun. 1986.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos − um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1981.

COELHO, Olímpio. Opção Desporto: o desporto na escola. Lisboa: Caminho, 1985.

CONSTANTINO, José Manuel. Reflexões em torno do valor cultural e ético do espetáculo desportivo. Lisboa: Horizonte, v. VI, n. 35, p. 167-172. Jan./fev. 1990.

CRESCE violência em escola de cidades satélites de Brasília. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 9 de mar. 1989. 1º Caderno.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Violência e crime no esporte. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 jul. 1988. Cidadesl. P. A12.

DAMATTA, Roberto et al. As raízes da violência no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERRANDO, Manuel Garcia. Interpretações sociológicas da violência no desporto. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura/Direção Geral dos Desportos, 1987.

MÃE quer o estado com réu na morte de Josimo. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 maio 1989. 1º Caderno. p. 12.

MAHEU, René et al. A educação no século XX. Lisboa: Presença, 1966.

PEREIRA, Flávio M. Dialética da cultura Física. São Paulo: Ícone, 1988.

PUNIR violência com crime tem apoio total. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 mar. 1989. Esportes.

SALDANHA, João. Meus amigos. Rio de Janeiro: Nova Mitavai, 1987.

SANTOS, Osmar. Vamos chutar só a bola. Veja. São Paulo: v. 22, n. 19, p. 142. 17 mai 1989.

SERGIO, Manuel. A prática da Educação Física. Lisboa: Compendium, 1982.

SOUZA, Cláudio Mello e. Vale tudo no país do Futebol. O Globo. Rio de Janeiro, 9 dez. 1988. Esportes.

TOSCANO, Moema. Quando a vida deixa de ter qualquer valor. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 abr. 1989. 1º Caderno, p. 5.

UNESCO. Estudio muldisciplinario sobre la violência em la actividad desportiva. Revista Colombiana de Educación Física. Bogotá, n. 4, p. 75-91, jul. 1989.

CAPÍTULO II

DESPORTO E EDUCAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo explicitar as relações entre o desporto e a educação. Na primeira parte são discutidos os conceitos de desporto e as principais teorias do desporto. A seguir são relembrados os conceitos de educação formal, educação não-formal e educação informal. Na segunda parte do capítulo é oferecida uma abordagem crítica do desporto e da educação nas sociedades capitalistas.

Em princípio parece simples o uso da palavra "desporto" mas, na realidade algumas dúvidas começam a surgir com a própria preferência por esse termo, em substituição aos outros como: "desporte" e "esporte" [1].

As dúvidas aumentam quando se começa a refletir sobre o conceito que o termo implica. Assim pode-se perguntar: Xadrez é desporto? Automobilismo também o é? Tenta-se responder a essas perguntas a partir da conceituação de Jay J. Coakley (1986), para quem desporto

> "é uma atividade competitiva, institucionalizada que envolve vigoroso esforço físico ou o uso de habilidades físicas complexas por pessoas cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos" (p. 17).

Segundo essa conceituação, Xadrez não seria desporto, automobilismo sim.

Entretanto, respostas simples como estas não satisfazem e necessário se faz uma análise mais aprofundada.

Primeiro, é importante ressaltar que uma conceituação constitui apenas um instrumento, com o qual nem todos concordam. Segundo, um conceito muitas vezes restringe um sentido mais amplo para um termo, como é o caso que tradicionalmente se chama desporto. Continuando esse processo de clarificação pode-se oferecer alguns exemplos, para a comparação:

a) se observarmos duas crianças "brincando de brigar" numa grama ou parque, não podemos afirmar que estão envolvidas em desporto, porque não existem regras oficiais que os governem enquanto "brincam de briga".

b) se duas pessoas decidem "jogar um basquetebol" e vão para uma quadra e ficam uma contra a outra jogando, ainda não caracterizará o desporto Basquetebol disputado durante um campeonato.

Para que haja caracterização efetiva do desposto diz Coakley: "... envolve uma atividade competitiva que é institucionalizada" (ibid., p. 12).

Para esse autor institucionalização "é um conceito sociológico que se refere a um quadro de comportamentos padronizados, mantidos por um certo tempo e de uma situação para a outra" (idem).

Sob este aspecto, a institucionalização ainda envolve:

1) regras padronizadas para a atividde;

2) as regras são reforçadas pelos órgãos reguladores oficiais;

3) os aspectos organizacionais e técnicos da atividade tornam-se importantes;

4) o aprendizado das habilidades do jogo torna-se formalizado. Isto se dá por duas razões principais. Primeiro, como a organização e as regras da atividade tornam-se mais complexas elas devem ser sistematicamente aprendidas. Segundo, a preocupação com êxito, leva os participantes, nos vários níveis, a buscar orientação de expertos (ibid. p. 12-13).

Resumindo, a atividade se torna padronizada e regulamentada. Em termos sociológicos, se submete a uma institucionalização. E é através deste processo que uma atividade física informal, não-estruturada, tal como corrida de rua, se torna desporto. Na realidade esta definição define um campo dentro do qual a situação é vista e portanto pode ser discutida. Outro aspecto a ser observado no conceito de desporto é o fato de que, muitas vezes, por uma solicitação exagerada do público e de outros interesses, o desporto passa a ser predominantemente um espetáculo. A luta-livre passou a ter este caráter desde que começou a ser mostrada pela televisão com aquele objetivo. O mesmo começa a acontecer com o Futebol, poder-se-ia pensar.

Outro ponto que também pode ser ressaltado em relação ao desporto é o que diz respeito à motivação. Tanto pelos que afirmam que as orientações subjetivas são irrelevantes (MEIER, 1981), quanto pelos que afirmam que desporto é caracterizado necessariamente pelo espírito do jogo (KEATING, 1964), encontrar um equilíbrio, no sentido

de conciliar uma atitude madura com a percepção do conceito de desporto.

Seguramente estas formas de encarar o desporto, talvez até como arte, não estão baseadas nos argumentos dos que como Johan Huizinga (1955) pensam que:

> "para uma atividade ser desporto, os participantes precisam, primeiramente, ser motivados por uma satisfação intrínseca associada com um envolvimento na própria atividade. Isso explica que o envolvimento é livre e voluntário e geralmente não sério e não relacionado com interesses materiais e preocupações de dia-a-dia" (p. 13),

nem nos que como (MEIER, op. cit.) simplesmente ignoram as motivações pessoais.

G. Stone (In: Coakley, op cit.) afirma que o desporto ocorre quando a motivação baseada em satisfação intrínseca coexiste com motivação baseada na preocupação com recompensas externas, separadas da pura alegria pela expressão corporal (p. 16).

Continuando, Stone diz mais que, "quando um participante perder o espírito do jogo e quando recompensas externas se tornam mais importantes, qualquer desporto está em perigo de ser transformado em espetáculo" (idem).

O autor ainda explica que este equilíbrio não tem que ter um percentual igual para intrínseco e extrínseco, que o importante é que

nenhuma das motivações se tornem insignificantes, e que se isto ocorre, deixa de ser desporto para se algo mais.

Milton César Prado Silveira (1988) usa a palavra esporte para chegar ao conceito de desporto. Para ele "o jogo sendo um fenômeno muito extenso, engloba em seu bojo o conceito de esporte" (p. 17). Continuando ainda dia "não são poucos os educadores para os quais o desporto representa, para o adolescente e o adulto aquilo que os jogos representam para as crianças" (ibid., p. 21).

Para clarificar cita Francisco Larroyo (In: Silveira, op. cit.) que diz:

"O desporte coincide com o jogo no seu caráter ativo, prazenteiro e desinteressado, diferencia-se ele, naquilo que requer uma organização e um esforço mais intenso, uma competição ou emulação maiores. As normas do desporte têm, ademais, um marcado caráter ético: "fair play", o jogo limpo é uma de suas notas essenciais, ao passo que no jogo infantil isto não tem a menor importância" (p. 23).

Pode-se recorrer a outras definições para elucidar. Inezil Penna Marinho (In: Silveira, op. cit.) fala:

"o desporto se caracteriza sobretudo pelas regras que disciplinam a atividade, regras estas de caráter rígido e aceitas internacionalmente. Assim, nos desportos, encarados sob o ponto de vista técnico há um número certo de jogadores, as dimensões do campo, quadra ou local onde deva ser praticado, estão determinadas e mesmo o desenrolar da prática obedece a preceitos" (p. 23).

O que o autor pretende dizer é que, por exemplo, ao se praticar uma atividade cuja essência seja a mesma de um desporto, no que diz respeito à motricidade, esta não poderá considerada "desporto" por ter mudado alguma de suas características básicas. Por exemplo, jogar

uma "quadra" de volibol, não é Volibol, "o" desporto, simplesmente porque o número de jogadores foi alterado.

Observando-se os conceitos revisados, percebe-se que existe subjacente a todos a valorização da atividade física, o uso do corpo como expressão de vida. Para os que praticam desportos, é através do corpo e da prática da atividade física que manifestam sua inteligência e afetividade. Da mesma forma que um artista se coloca numa tela que pinta, o desportista se coloca na atividade que exerce.

Depois de analisar os pontos positivos e negativos das "teorias sobre desporto", revisados no Capítulo I elegeu-se para nortear este assunto a Teoria Crítica, que considera o desporto com sendo mais que o reflexo da sociedade. Nessa afirmação fica clara a percepção que a Teoria Crítica, quando entendida e usada adequadamente contribui para evitar os principais problemas que surgem quando as Teorias Funcionalista e do Conflito tentam explicar a relação entre desporto e sociedade. Assim, enquanto as influências das forças históricas e econômicas são ignoradas pelos funcionalistas e tratadas de uma forma determinística pelos conflitualistas, a Teoria Crítica baseia-se justamente na premissa que essas forças são cruciais, embora a influência que exercem seja governada pelas maneiras pelas quais o desporto é definido e vivido pelas pessoas no seu dia-a-dia.

Na visão crítica percebe-se que o homem tem papel ativo pois sua vida pode ser governada por ele próprio, apesar das fortes influências do meio.

A realidade tem mostrado que nem todos cedem a pressões ou se utilizam de meios ilícitos para atingir seus objetivos. Considerar o

homem seu sua capacidade de discernimento e luta contra o meio ambiente, é no mínimo desconhecê-lo na sua totalidade.

Se observarmos especificamente um fato que ocorreu em 1988 no Tênis, veremos que tenistas que só disputavam torneios nos quais estavam em jogo altíssimas somas de dinheiro, disputaram, após muitos anos de ausência, os Jogos Olímpicos. Após o encerramento, declararam que foi uma experiência altamente gratificante participar de uma competição onde o único prêmio é a medalha olímpica. Assim a dinâmica da sociedade fica explicitada no exemplo, num universo onde a grande maioria só joga por dinheiro. Jogar para atrelar-se ao espírito olímpico passa a ser um valor dentro desta sociedade.

Lembramos mais, a sociedade, como falam os autores "críticos" não é uma pessoa que tenha voz e diga "Eu sou a sociedade e essa é a forma como o desporto deve ser!" (COAKLEY, op. cit.).

Historicamente, os Jogos Olímpicos têm presenciado protestos dos mais variados que retratam a própria essência da luta pelo homem contra seu meio, com o objetivo de transformá-lo em seu próprio benefício. Segundo os próprios teóricos críticos as condições sociais são limitadas mas não impedem que se faça algo pelo desporto.

Tentando fazer uma relação com o Futebol, por exemplo, sabemos que o sindicato dos jogadores profissionais tem tentado organizar a categoria no sentido de fazer reivindicações para o grupo profissional, mesmo que estes interesses conflitem com os interesses dos dirigentes − no sentido de organização de campeonatos, e com suas posturas autoritárias nas relações com os jogadores.

Embora estas reivindicações não sejam conseguidas a curto prazo, o processo pelo qual os jogadores passam caracteriza assimilação de uma consciência diante de sua profissão.

Seguramente é uma luta que continuará, visto que a relação de poder está sedimentada há muito tempo, impedindo mudanças repentinas, mas fica claro que o desporto pode mudar para refletir os interesses das pessoas envolvidas, nesse exemplo que são os jogadores, os responsáveis pela manifestação da arte em si.

Buscando concluir, enquanto a Teoria Funcionalista tem ajudado a identificar algumas conseqüências unicamente positivas do desporto em relação à sociedade e a Teoria do Conflito tem fornecido descrições úteis de como o desporto serve para a manutenção do "status quo", a Teoria Crítica tem ressalvado o fato que desporto vem da relação entre os grupos dentro da sociedade e portanto pode ser definido e vivido de muitas formas. Fica claro que entre as teorias, a que mais percebe o desporto numa perspectiva educativa-transformadora é a Crítica, pois vê o homem como um ser alvo de influências do meio, mas capaz de mudá-lo.

Manuel Sérgio (1976) um dos mais importantes analistas e crítico da forma como o desporto vem sendo usado nas sociedades capitalistas, em capítulo intitulado "Desporto e Revolução", recorre a outros autores para apontar para a possibilidade de se encarar o próprio desporto como uma "prática revolucionária" (idem). Cita Poulantzas (1974) que sustenta que "a luta de classes é o ponto nodal do processo de transformação" (p. 142) e depois cita Castro (1968) que diz:

> "porquanto seria profundamente errôneo supor-se que todas as manifestações de consciência social dos homens resultam, direta e imediatamente do condicionalismo sócio-econômico da época histórica em que existem (p. 143)".

A análise de Manuel Sérgio nos leva a perceber que o desporto, dentro da sociedade capitalista pode se tornar fator de união e catalização podendo incentivar uma ação em prol desta mesma sociedade, com o intuito de atingir objetivos desejados. Recorrendo esse autor outra vez a Castro (In: Sérgio, op. cit.) cita o mesmo quando este diz:

> "as instituições não econômicas e as formas de consciência dos membros do agregado, tendo uma existência específica, possuem as suas características, conhecem relações internas de desenvolvimento que lhes são próprias e que por sua vez também influem na estrutura sócio-econômica" (p. 143)

Sabe-se que a estrutura econômica determina, limita e condiciona, interferindo sob vários aspectos na construção de uma sociedade. Embora o desporto esteja dentro deste contexto, sofrendo portanto várias influências, "não impede que ele não possa (e deva) refletir sobre outros níveis por uma presença específica e deixe de anunciar condições progressistas (que é o mesmo que dizer, igualitárias e justas) da vida social (p. 143). Mesmo que o autor não se auto-classifique como um teórico crítico, percebo que sua análise contribui para a discussão sobre o fenômeno desporto, daí sua inclusão.

Neste estudo partiu-se das conceituações de educação formal (escolar), não forma e informal (não-escolar) segundo a Terminology of Adult Education (UNESCO, 1979). Assim entende-se por Educação Formal (escolar), qualquer educação formalmente estruturada e seqüencialmente organizada na qual os papéis do professor e do educando estão claramente definidos. Ela se estrutura e se organiza cronologicamente e se desenvolve nas escolas primária e secundária, nas universidades e nos cursos especializados e técnicos.

Por educação não-formal (não-escolar) entende-se a educação obtida fora da escola. Programas educacionais que não requerem registro ou inscrição dos que se propõem a aprender.

Em relação à educação informal (não-escolar) pode-se definir como sendo o processo permanente através do qual cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos pelas experiências diárias, influências educativas e pesquisas no seu meio ambiente − através da família e dos vizinhos, do trabalho, do jogo, do mercado, da biblioteca e da mídia.

Considerando-se que o desporto, independente das áreas de atuação na educação − escolar, não-formal e informal − não pode aceitar que a "vitória a qualquer custo" seja o objetivo final, aceitar o discurso inflamado e ideológico que sugere uma competição selvagem na qual o "vencer ou vencer" é o lema perseguido, e em prol do qual se faz quase tudo, e perder a perspectiva ética do desporto. Se um atleta incentivado por todo este discurso comete uma transgressão para atingir seus objetivos fica configurada a perda desta perspectiva.

José Maurício Capinussu de Souza (1987) estudando a transgressão nos desportos conclui: "a transgressão no desporto pode

ser encarada como um fator social, mas com sólidas raízes culturais e alguma influência de caráter econômico" (p. 87).

Compreende-se que numa sociedade impregnada por uma forte exacerbação da competição e com poucas chances de construir uma vida digna para seus membros com muitas desigualdades sociais, a transgressão seja um atalho pelo qual muitas pessoas tentem o caminho. O discurso ideológico citado anteriormente só serve para induzir a isto, principalmente quando se consegue ficar impune numa sociedade em que os mecanismos de justiça são inconfiáveis. Conseqüentemente passa a predominar a idéia que o "levar vantagem em tudo" é que é o certo, o que na sua essência é uma alienação em relação aos valores que orientam o desporto como atividade humana.

Coubertin, citado por Sérgio (op. cit.) falando da influência do desporto na personalidade diz:

> "ser uma elite não chega, importa que esta elite, se transforme numa cavalaria, em que o "fair-play" seja intransigentemente acatado, e que a idéia de trégua, de generosa emolução e o culto da beleza predominem sem quaisquer amputações de ordem utilitária ou mercantil" (p. 104).

O desporto como instituição não pode aceitar que violências sejam cometidas devido a uma visão utilitária e mercantilista.

Ainda Sérgio (op. cit.) fazendo uma análise histórica entre capitalismo e violência no desporto, chega ao ponto em que fazendo crítica ao individualismo "que é a alma do capitalismo porque separa pessoas e as antagoniza num feroz egoísmo conduz inevitavelmente à

violência" (p. 108), relaciona esta violência ao aparecimento do "Homo bellicus" e conclui

> "desta forma o desporto moderno sobressai, entumescido pela ânsia de competição desmedida e de tecnicidade agnóstica, com as seguintes características negativas: predomínio bárbaro da técnica; subordinação a interesses classistas e comerciais; organização semelhante à organização científica do trabalho tendo em vista o rendimento; especialização e profissionalização" (p. 109).

Outro autor, Jorge Olímpio Bento (1986), também falando do perigo da profissionalização diz:

> "uma conseqüência lógica da profissionalização e da comercialização é a procura do lucro. E este traz consigo o perigo da vitória a todo custo de atletas (compráveis e vendíveis) e, assim a manipulação de seus rendimentos desportivos através de todos os processos, mesmo daqueles que implicam a ruína do objetivo humanista imanente ao desporto" (p. 11).

Retornando a Manuel Sergio (op. cit.) citando Luigi Volpicelli, destaca que:

> "o que distingue o desporto grego do atual não é o "agon" ou a tendência à auto-afirmação, fenômenos naturais em qualquer competição. Na atualidade, a técnica apoderou-se cientificamente do treino e

> levou a especialização até o paroxismo. Em vez de propiciar uma festa do corpo, a especialização chega a comprometer a saúde" (p. 119).

A preocupação dos autores citados não é ilusória, visto que em qualquer retrospectiva que se faça, constatam-se evidências citadas. Uma delas, o "doping" tão usado com o objetivo de conseguir vitórias e recordes, é o próprio comprometimento da saúde. Como sabemos, o uso do mesmo já se prolonga há algum tempo, apesar de haver uma grande luta contra no mundo, como é o caso de grande parte da Europa, que neste momento vive um jogo de "gato e rato". De um lado os órgãos públicos com pesquisas e campanhas educativas, e do outro médicos, atletas e técnicos tentando descobrir formas de usá-los e não serem detectados pelos exames de controle.

No que diz respeito a atletas compráveis, é notória a preocupação das autoridades dos países que possuem loterias de Futebol, com a manipulação dos resultados dos mesmos. Na Itália e no Brasil já forma verificados dois casos famosos, sendo que na Itália um atleta da Seleção Nacional ficou dois anos impedido de jogar por comprovar-se envolvimento no mesmo.

Mas o que preocupa neste contexto, é que este fato tem a ver diretamente com a "ideologia do capitalismo" que fala da insaciabilidade do homem como um fato consumado.

Esta idéia, profundamente divulgada nas sociedades capitalistas e de uma forma massificante e dissimulada, induz muitas vezes o atleta para que − se vendendo − venha a ganhar altas somas de dinheiro. Sabe-se que são estas mesmas somas e dinheiro e a idealização de uma vida melhor que muitas vezes atraem muitos dos que escolhem o desporto como profissão e especificamente o Futebol profissional.

Conseqüentemente o que temos é uma competição desenfreada em todos os níveis de vida − aqui entra o desporto − resultado de uma "inculcação ideológica que pretende de cada indivíduo na sociedade capitalista um "competidor que quer ter mais, desfrutar mais, acumular mais" (ROSSI, 1980, p. 60).

Toda essa ideologia não acontece por acaso. Se imaginarmos o volume de dinheiro envolvido em pesquisas científicas para sofisticar equipamentos para atender a "capacidade ilimitada do homem" em bater recordes: planejamento e organização de competições; prêmios e bolsas para atletas competirem em busca de recordes; pesquisas em busca de aperfeiçoamento físico, concluiremos que, provavelmente, o jogo de interesses de determinados grupos na sociedade é maior, comparado com o efetivo benefício que o desporto tenha. Em outras palavras, o mercado do desporto fica em primeiro plano comparado com os valores que ele possa veicular como educação e cultura.

Do mesmo modo que esta competição desenfreada atinge o desporto, também atinge a escola.

Sendo teoricamente uma instituição que deveria através de seu poder e função transmitir para todas as classes sociais os conhecimentos básicos permitindo atingir uma escolarização plena e realizando assim a "mediação entre as determinantes econômicas e o destino social de sua clientela (MELLO, 1985, p. 15), esta escola, inserida neste contexto, está longe de realizar esta tarefa.

A escola trata sua população que tem origens diferentes, formação completamente desiguais, como se todos estivessem numa

linha de montagem de fábrica e tivessem que receber os mesmos componentes.

Em função desta pseudo-igualdade de tratamento o que acontece é uma realidade que é bem dura e mostra seus resultados desastrosos que hoje assustam todos no meio educacional. Principalmente as classes dominadas são tratadas de uma forma que faz com que a competição ratificada nesta escola seja desumana. Esperar de duas classes sociais rendimentos iguais diante de um tratamento padronizado, é no mínimo incompetência. A escola esquece justamente dos que vivem uma vida difícil, dura, com poucos estímulos e incentivos e ainda muitas vezes contribuem para a sobrevivência da família em termos econômicos. Claro, a partir desta desigualdade predeterminada, a escola, repito, adotando um tratamento padronizado para todos, só serve para formar o homem de uma forma incompleta, mas, forma esta que servirá aos interesses dos grupos que detêm o poder econômico e necessitam desta mão-de-obra para a perpetuação desse abismo econômico e social entre as classes.

Se observarmos o comentário que Wagner Rossi (op. cit.) faz sobre "a subida" que alguns indivíduos da classe trabalhadora" (p. 45) conseguem realizar neste contexto mas que o mesmo caracteriza um "estado de excepcionalidade", veremos que é revestido de uma falácia, a do mérito individual. A partir desta excepcionalidade, a ideologia tenta incutir que o mérito individual é o responsável por tudo, encobrindo que para se alcançar determinados objetivos condições básicas são necessárias e que, mesmo que se consiga atingir uma escolarização desejada, não temos garantia que o mercado de trabalho absorverá todos, pois este é determinado por outras leis.

A crítica à "meritocracia" se deve ao fato que esta não só é uma ilusão, como também acirra exageradamente a competição. A presente crítica não quer tirar o valor do esforço individual na perseguição de objetivos, mas quer sim, desmistificar este valor como sendo o que vai resolver todos os problemas nas sociedades.

Relembrando, voltemos a Rossi:

> "a ideologia da classe dominante acena aos despojados e oprimidos com a possibilidade de que venham a ser também dominadores. A educação, que aparece como instrumento e "mobilidade social", pode, por exceção, ensejar a ascensão individual de um trabalhador, mas não será hábil para alterar a condição da classe trabalhadora" (idem).

É preciso que se aponte para o perigo da propagação daquela ideologia, porque esta faz com que se idealize a educação e a escola, com um poder que elas, na sua essência não garantem, ou seja de que ser educado é garantia de conquista de uma vida melhor. Pelo contrário, o excedente qualificado pode se tornar fator de desunião de uma classe, fazendo com que seu poder de pressão diminua, visto que diante da inexistência de suficientes empregos, (os trabalhadores) "farão pressão para serem admitidos, não só a um "salário de mercado" como muitas vezes, abaixo dele, anulando os esforços dos trabalhadores no sentido de obterem melhores salários" (ibid., p. 48).

Outro ponto que merece crítica é a estandartização da transmissão do conhecimento. Realizando esta tarefa de uma forma indiferente e genérica, a escola capitalista mais se parece com uma indústria de reprodução de conhecimento, do que uma escola na qual

os diferentes alunos pudessem crescer e se tornarem críticos em relação à sociedade dentro da, e para a qual vivem.

Entretanto, reproduzindo desta forma que faz, a escola produz a mão-de-obra ideal que patrões esperam, mas a longo prazo, são pessoas com poucas perspectivas de vida.

Neste sentido, não se pode contestar a afirmação de Iratenberg, citado por Rossi (op. cit.) que diz: "a escola não cria a divisão de classes (sociais) mas contribui para essa divisão e reprodução ampliada" (p. 83).

Fechar os olhos a essa realidade é contribuir para a manutenção de uma situação, que a não ser que seja mudada rapidamente, chegará a um ponto insustentável socialmente, pois teremos frente à frente, uns poucos com muito e vida farta, e muitos com pouquíssimos bens e vida pobre e simplesmente sobrevivendo precariamente, situação essa potencial de muitos conflitos sociais.

NOTAS

1. Embora tenha havido dúvidas quanto ao uso dos termos desporto, desporte e esporte no jargão especializado da Educação Física brasileira, e Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (1976) os tenha apontado como sinônimos, hoje em dia no Brasil, esse jargão faz-se uma nítida distinção entre a primeira e a última daquelas palavras.

   Segundo Silveira (s.d.), em Portugal, somente após a publicação do Dicionário Prático Ilustrado (1910) começou-se a aportuguesar a palavra inglesa "sport", para desporto. Silveira (idem), citando Mário Gonçalves Vianna (1952) "mostra que a palavra desporto é moderna. Representa a tradução do vocábulo inglês "sport" que significa jogo, entretenimento, passatempo, recreio, brinco, brincadeira, ludibrio, escárnio".

   No Brasil, João Lira Filho (1973) busca a origem da palavra desporto, encontrando-a no francês antigo − "desport" −, significando prazer, descanso, espairecimento, recreio. Os ingleses a tomaram por empréstimo, convertendo-a, depois, no vocábulo "sport". Lira Filho (idem), apesar da resposta de Antenor Nascente à sua questão, continua a usar o termo desporto, por ser este o que aparecia na Constituição da República Federativa do Brasil.

   Pelo mesmo motivo − a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) usa o termo desporto no seu texto − adota-se neste estudo este termo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Jorge Olímpio. Olimpismo. Paz e Educação. Porto: Seminário no Instituto Superior de Educação Física da Universidade do Porto. p. 11. Junho 1986.

COAKLEY, Jay. J. Sport in Society: Issues and Controversies. St. Louis: Times Mirror/Mosbu, College Publishing. 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: a study of the play element in culture. Boston: Bacon Press, 1955.

KEATING, J.W. Spotsmanship as moral category. Ethycs. V. 75, n. 1, p. 23-35, 1964.

MEIER, K. On the inadequacies of sociological definition of sport. International Review of Sport Sociology. V. 16, n. 2, p. 79-100, 1981.

MELLO, Guimar Namo de. Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1985.

POULANTZAS, Nicos. Fascisme et dictature. Paris: Seuil/Máspero, 1974.

ROSSI, Wagner. Capitalismo e Educação: Contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. São Paulo: Moraes, 1980.

SERGIO, Manuel. Desporto em Democracia. Lisboa: Seara Nova, 1976.

SILVEIRA, Milton César Prado da. Desporto e Desenvolvimento Econômico. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1988.

SOUZA, José Maurício Capinussu de. A transgressão no esporte. Rio e Janeiro: Artuz, p. 7, dez. 1987.

UNESCO. Terminology of Adult Education. Paris: UNESCO, 1979.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO E CULTURA BRASILEIRAS. DESPORTO E FUTEBOL

Este Capítulo tem como objetivo apresentar uma crítica ao desporto na sociedade brasileira e sua relação com educação informal. Na primeira parte critica-se a forma como o desporto é desenvolvido na sociedade brasileira. Em seqüência, se analisa a importância do Futebol para a sociedade, a cultura e a educação (considerada esta do ponto-de- vista da educação informal) nacionais.

A cada quatro anos, com os preparativos para os Jogos Olímpicos, a sociedade brasileira parece que acorda e "magicamente" começa a se preocupar com o fato que o país se fará representar no "templo" do desporto mundial de alto rendimento.

Nesse momento, vários segmentos organizados da sociedade começam a se movimentar realizando encontros, mesas redondas, jornadas e seminários, com intuito e avaliar as reais possibilidades brasileiras. Até a imprensa arrisca artigos, revestidos pretensamente de enfoques científicos [1] mostrando o que se faz nos países centrais. Conseqüentemente, ao se fazer uma comparação entre os resultados obtidos pelo Brasil com os dos países centrais somos levados a concluir que conquistar umas poucas medalhas − como tem acontecido − é até um bom resultado para um país que possui muito pouco em termos de ciência do desporto. Assim, continuamos imobilizados sem uma política desportiva nacional, até as vésperas dos Jogos Olímpicos seguintes, quando outra "crise" de consciência nos mobilizará.

Outros aspectos poderiam aqui ser apontados como aquele que DaMatta (1986) enfatiza ao comentar como foi "sua primeira aula de

racismo à brasileira" (p. 95) quando uma criança ouvia de adultos em sua casa a comparação da fotografia do time brasileiro com seus "negrinhos sujos", "dentes podres" e "mulatos imbecis", com o time argentino, "onde por trás da camisa azul e branca, surgiam peitos altos de gente "ariana" bela na sua suposta pureza racial" (idem). Na lógica do autor, "por trás dessa pedagogia da vergonha de nós mesmos, existe o drama sempre repetido de um país com uma imagem flagelatória de si mesmo" (idem).

Por isso é preciso que se mergulhe um pouco mais no estudo desta ideologia racista e se entenda porque tal fato se repete.

É importante lembrar que, mesmo diante dos países centrais que têm condições sociais completamente diferentes das nossas − e sabe-se que as nossas são preocupantes − ainda conseguimos revelar grandes talentos e fazê-los competir em condições de alcançarem medalhas Olímpicas. É óbvio que são pouquíssimos esses talentos, comparados com os daqueles países. Além disso os atletas dos países centrais vivem um processo bem diferente daquele que os nossos atletas experimentam.

Portanto, é importante que se pense como se deve trabalhar o desporto no contexto da sociedade brasileira.

Evidências mostram que, historicamente, a elite dos atletas brasileiros apesar de algumas vezes terem surgido nas escolas, são treinados nos clubes. Estes possuem uma função social bem característica. Foram criados para atender pequenas parcelas da sociedade e, pela legislação, não podem auferir lucros. Como conseqüência, o que tem ocorrido é o gradativo empobrecimento dos mesmos − relacionado ao empobrecimento geral da população

brasileira − fazendo com que muitas vezes recorram a patrocínios de firmas. Este modelo clube/empresa é passível de muitas críticas sendo que uma delas é que por necessitarem de retorno rápido de propaganda, só investem para formar equipes com grandes estrelas, se esquecendo de uma formação mais cuidadosa nas equipes de jovens.

No sistema educacional a situação é bem pior porque é notório o aviltamento do ensino público, e o particular pouco se importa com o desporto como formação significativa de seus alunos, sendo que muitas escolas superlotam seus espaços destinados à Educação Física, ávidas de lucro [2].

Portanto, a realidade brasileira em relação ao desporto de rendimento está reduzida às surpresas que a história possa nos presentear.

Ao ampliar-se a discussão, é preciso comentar a relação do "desporto escolar" com o "desporto de rendimento".

É importante para a discussão que se realce o papel predominantemente educacional do desporto na escola, mesmo sabendo que este poderá servir como base ao desporto de rendimento. A partir de uma grande rede [3] que serve para educar, no sentido mais amplo da palavra, mas também para selecionar os que queiram e possam ir para o desporto de rendimento, a relação escola/clube fica evidenciada. No Brasil, infelizmente, essa rede não existe. Por causas diferentes, nem o ensino público nem o particular cumprem o papel que poderiam cumprir, pois em outras sociedades esta seleção é feita de uma forma suave e informal.

Quanto às confederações e Federações limitam-se a trabalhar com o que lhes chega à mão, ou seja, também não fazem um trabalho integrado com as escolas. Resumindo, não existe uma política desportiva educacional de fato. O governo se limita a repassar verbas para as confederações e estas geralmente limitam-se a realizar programas temporários, sem continuidade. Assim, pode-se portanto afirmar que as confederações carecem de uma efetiva determinação de procura do talento, associada à educação.

Como exemplo, pode-se citar a Confederação Brasileira de Atletismo, que realizou um programa chamado "Pentatlo Nacional", com o patrocínio de empresa multinacional, mas que apesar de na época ser considerado um bom programa sob muitos aspectos, não teve continuidade. Não se sabe porque foi interrompido, mas a Confederação não procurou substituí-lo por outro semelhante nem criou algo que tivesse o mesmo objetivo.

No Futebol podemos citar o programa de iniciação de Futebol patrocinado pela Função Rio-Esportes que utiliza ex-jogadores profissionais. Neste programa os professores são divididos em núcleos pelos vários bairros da cidade, e na maioria das vezes em situações precárias tentam ensinar o desporto. Este programa não conta com apoio da Confederação Brasileira de Futebol.

Em artigo cujo título é "Grandes competições não mudam a realidade do atleta brasileiro" o Jornal do Brasil (1989) aponta para o fato que apesar de se estar quase iniciando uma nova temporada internacional para o Atletismo brasileiro, inclusive sendo sede pela primeira vez de Grand Prix Internacional, este ainda tem em seus atletas meros coadjuvantes dessas competições" (p. 46).

A crítica do artigo é pertinente, pois sabe-se que muitos talentos desportivos perderam-se ao longo da história pelos mais variados motivos, mas seguramente por causa de uma estrutura social que faz com que muitos precisem trabalhar precocemente ou estudar, prejudicando o desenvolvimento do desporto de uma forma natural. Ou seja, se o atleta é pobre, opta pelo trabalho como forma de sobrevivência imediata, se é mais favorecido opta pelo estudo para garantir a sobrevivência futura. Mais uma vez fica explicitada a necessidade de uma integração entre sistema econômico, e o governo, a escola, os clubes e o desporto.

Defende-se aqui uma integração entre estes sistemas, de forma que a partir desta se tenha um desporto escolar forte e conseqüentemente um desporto de rendimento qualitativa e quantitativamente mais representativo de nossa sociedade.

Futebol, Sociedade, Cultura e Educação

> "A competição é estado conflitual cujo 'salto qualitativo' é cooperação de evidente nível superior e de muito maior complexidade estruturadora. Só muito recentemente a humanidade (que cultivou durante milênios a heteronomia) começou a descobrir a funcionalidade da cooperação, imprimindo uma práxis à amorização. Uma bola de futebol tem mais poderes amorizadores para o time de futebol que um sermão sobre amor ao próximo: não se pode meter gol sem cooperação..." (McLUHAN, In: LIMA, 1980, p. 20).

Parece que a sociedade brasileira entendeu perfeitamente, ou melhor percebeu, a afirmação anterior e através da história tem demonstrado que o Futebol é muito importante para ela.

Basta que se lembre como fica o Brasil na época de disputa de uma Copa do Mundo, e é fácil concluir sobre o valor do Futebol para o povo brasileiro. Aliás, foi baseando-se nesse sentimento que a Ditadura Militar pós-64 manipulou tanto o Futebol (Lever, 1983: FARIA JUNIOR, 1987) − chegando ao ponto de "criar" um Tri-Campeonato que na verdade nunca existiu pois foi interrompido pela derrota em 1966, na Inglaterra.

Mas sob outros enfoques se pode começar a falar da importância do Futebol para a sociedade.

Gilberto Freyre (1945), Mário Filho (1964), Muniz Sodré (1977), Carlos Drumond de Andrade (In: DaMatt, 1982), Roberto DaMatta (1986), João Saldanha (1987) são algumas personalidades importantes − jornalistas e escritores − que dedicaram seus escritos ao Futebol brasileiro. Para estes, o Futebol evidentemente os sensibilizou, mas acima de tudo, foi a partir desta sensibilização que puderam se comunicar, de alguma forma, com a sociedade brasileira, transmitindo suas visões acerca deste fenômeno e suas implicações para a mesma. Ao escreverem sobre Futebol, criticando, avaliando, relatando, efetivamente contribuíram para o estudo este fenômeno que tanto sensibiliza o povo brasileiro. Esta sensibilização é tão forte que alguns chegam a afirmar:

> "é preciso ter o Futebol no sangue, e a gente nestes momentos não duvida que qualquer laboratório detectaria a presença do Futebol no sangue de

> cada brasileiro numa mistura balanceada com glóbulos brancos e vermelhos... (CARTA, Mino, In: CASTELANI FILHO, 1985).

É óbvio que a imagem reflete uma exacerbação de um sentimento, mas como figura de retórica retrata poeticamente o que grande parte do povo sente. Parece ser esse sentimento a que Castelani Filho (op. Cit.) se refere como um "segredo", segredo esse que faz

> "com que 130 milhões de brasileiros − uns vítimas da seca do nordeste, outros das enchentes do sul, a maioria vítima de um sistema que deles suga toda a vontade de resistir − de repente como que tocados por uma varinha mágica, por um feitiço coletivo, permaneçam durante noventa minutos presos à magia de 22 homens (ou deuses?) dentro de um campo" (Ibid., p. 6).

Certamente juntar tudo que já foi escrito sobre o Futebol brasileiro e tentar analisar um pouco mais, talvez permita compreender a nossa sociedade, podendo a partir desta compreensão realizar-se tentativas de mudança da relação atual.

Por exemplo, é preciso que se pense na relação de poder que existe hoje entre atletas e dirigentes. Oliven (1986), falando das metamorfoses da cultura brasileira, analisa o Futebol e mostra como este passou de uma classe de jovens ricos para outra, a "camada popular" e que vê nele uma chance e ascensão social. Ainda para esse autor após as classes populares se apoderarem do Carnaval e do Futebol, estes foram reapropriados pelas classes dominantes que os

manipulam "transformando-os em consumo, turismo e símbolo de identidade nacional" (p. 70).

Um exemplo disto, que será discutido no Capítulo IV sobre a Violência, é a instituição do "passe", instituição pela qual o clube detém poder, pois o jogador pertence ao clube podendo ser negociado quase que como se fosse uma mercadoria.

Penso que ao transformar esta relação de poder discutindo tudo que ela acarreta e propondo novas alternativas, a sociedade brasileira estaria dando prova da real importância do futebol como fenômeno educacional e cultural.

Na realidade, alguns setores da sociedade brasileira já descobriram esta importância e começam a investigá-lo. Ricardo B. Araújo (1989), citado por Doralice Lange de Souza (1989) fala dessa relação dialética quando diz "tentativas de manipulação do futebol feitas pelo Estado ou qualquer outra entidade política, aparecem como conseqüência de sua própria importância e não como fonte de seu prestígio" (p. 1).

É preciso que estes setores da sociedade, que começam a se interessar e a se aproximar do Futebol de uma forma crítica, insistam nessa atitude para que o mesmo não fique somente sob as influências já apontadas aqui, pois só assim se poderá acabar com o estigma de "ópio do povo".

É importante também que se realce que o desporto, e aqui o Futebol deve ser entendido sem separá-lo da sociedade. Nesse ponto concorda-se com DaMatta (1986) quando diz que o Futebol brasileiro

> "é um veículo para dramatizações de problemas importantes. Se estudo o esporte, quero me aproximar desta atividade buscando entendê-lo como parte da sociedade e não em oposição reificada à sociedade" (p. 104).

o que reforça a importância de sua expressão e compreensão.

Por muito tempo o desporto tem sido criticado como sendo um antro de manobras, falcatruas e situações complicadas, o que por si só justificaria um afastamento, como se o desporto fosse uma entidade maligna que fizesse tudo de ruim. É preciso que se diga que o desporto − aqui o Futebol − é o que as pessoas fazem dele. DaMatta (ibid) analisa a derrota para o Uruguai e todas as explicações que se seguiram, sendo que uma das mais infelizes foi a de "alocar" o insucesso "à nossa constituição racial e ao peso enorme que carregamos como sendo uma sociedade formada por vários grupos inferiores como ´índios´ e negros (p. 110). Para o autor, ao atribuirmos a derrota a dois jogadores da defesa e especificamente negros, mostramos todo nosso lado racista e como fala o autor "reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita ´radicalmente´ impura" (p. 111).

Pela proposta do autor, ao se discutir essa ideologia estaremos dando um grande passo em enfrentar a realidade discutindo nosso dilema social e assumindo uma atitude corajosa para que se possa sair da situação atual, na qual muitos fatos são dissimulados.

Concluindo, "se o futebol é bom para ser visto, ele também serve para dramatizar e para pôr em foco os dilemas de uma sociedade" (Idem).

É assumindo maduramente nossos próprios problemas, contrastes e discutindo-os publicamente que poderemos dar uma nova dimensão à nossa cultura esportiva. É preciso que tomemos em nossas mãos a discussão científica e a proposição de uma outra relação no que diz respeito ao fenômeno Futebol.

Janet Lever (op. cit.), ao intitular seu livro sobre o Futebol brasileiro − um estudo exaustivo sob vários enfoques − de "A loucura do Futebol" tentou retratar a impressão que muitos têm, do fenômeno. Realmente, para muitos, principalmente pessoas de outras sociedades, tudo que se passa no Futebol brasileiro pode ser comparado com loucura, se entendermos loucura como sinônimo de descontrole, irracionalidade, descalabro, disparate. Mas lendo seu livro vê-se que a autora classifica − e concordamos − o Futebol em termos de importância, como sendo o principal desporto internacional, o único desporto profissional a realizar um campeonato mundial, que a nível de popularidade internacional só perde para os Jogos Olímpicos. Esta afirmativa é baseada no fato que existem registrados na Federal Internacional de Futebol Amador (FIFA) "147 países-membros, um número impressionante a se aglutinar em torno de um único esporte, 13 a mais do que são atraídos pelo apelo multi-esportivo das Olimpíadas" (ibid, p. 50). Ressaltando sua importância diz a autora que

esta competição é tão importante que é organizada de forma que não coincida com os Jogos Olímpicos e que o processo de seleção para determinar os participantes da competição final dura dois anos (idem).

Portanto, fora do país já existe uma visão da importância do fenômeno, visão esta que serve para reforçar os estudos que porventura apareçam.

José Roberto Padilha (1988) em "Futebol: a dor de uma paixão", relata suas experiências através de dezessete anos vividos no Futebol. Livro raro, pois se trata de ex-jogador atualmente atuando como técnico, onde a grande parte das crônicas deixa transparecer todo o sofrimento e as decepções, mas também mostra todo seu encanto pela arte que praticou e que hoje tenta transmitir. Ao citar o livro − talvez o único de um ex-jogador − por último, como fato de relevância para a sociedade brasileira pretende-se mostrar que por todos os fatos até aqui descritos e por todos os estudos realizados, o Futebol brasileiro conquista seu lugar e importância na educação e cultura brasileira, sem que os maiores responsáveis pela sua expressão se manifestem acerca do fato. Ouvir e provocar os grandes autores da arte talvez fosse um passo a ser tomado. Sem esgotar todas as possibilidades de estudo, o relato de José Roberto Padilha (op. cit.) − e os estudos de Roberto DaMatta (1982), Doralice Lange de Souza (op. cit.), Arno Vogel (In: DaMatta, 1982), Luiz Felipe B Neves Flores (In: DaMatta, 1982) − servem como base e incentivo para que se continue com investigações sobre o fenômeno, buscando a maior transparência possível.

Nesse sentido, seguindo o objetivo do Capítulo, gostaria de ressaltar que apesar de abordar separadamente os dois aspectos − importância para a sociedade e para nossa educação − entendo que

estes dois aspectos não estão separados. Assim, concluir que seria importante para a sociedade mas não associar que seria importante pelo aspecto educacional, seria incoerência. Acho relevante tentar relacionar os aspectos que não são muito discutidos pela sociedade, visto que mascaram muitas situações que interessam a uns poucos em detrimento de uma minoria.

Se imaginarmos a quantidade de jovens que são influenciados pela atitudes que são veiculadas através dos jogos que assistem, pelo que aprendem informalmente com entrevistas de técnicos e atletas, por conceitos que são difundidos no meios futebolístico, veremos que sob o ponto-de-vista da educação informal o Futebol é um importante veículo que integra nossa educação. Some-se a isso o fato de que dado o engajamento que o Futebol consegue, sua importância torna-se maior. Karl Mannheim (1982), discutindo a necessidade de transmissão constante da herança cultural, e relacionando esta com os dados transmitidos conscientemente e inconscientemente, mostra a importância de tal fato ao afirmar

> "é esse o motivo porque o inventário de experiências que é absorvido do ambiente por infiltração no início da juventude freqüentemente se torna o estrato historicamente mais antigo da consciência, que tende a estabilizar-se como a visão natural de mundo" (p. 82).

No Brasil, muitos conceitos são veiculados pelo Futebol e na maioria das vezes sem uma reflexão mais apurada. Por exemplo, Oliven (op. cit) sustenta que existe

> "uma imagem que é veiculada através do Futebol brasileiro correspondendo em boa medida à do malandro. Há uma crença generalizada de que nosso futebol vale pela esperteza, pela criatividade e pelo improviso dos nossos jogadores" (p. 71).

Observando-se mais detalhadamente pode-se entender algumas repercussões desta ideologia.

Com esta "fama" repetindo-se ao longo dos anos, compreende-se porque muitos atletas brasileiros tenham um tipo de característica apontada por muitos técnicos: a dificuldade de se defender, marcar. Ora, se a esperteza, a malandragem e a criatividade resolvem tudo, para que marcar. Como se marcar não fosse uma arte, uma técnica, com se marcar em si tivesse uma conotação de algo feio, pouco nobre. Mas o fato é que a partir desta ideologia, ao se trabalhar com alunos e atletas percebe-se que estes tendem a optar pela improvisação, pelo "jeitinho". Portanto, o "jeitinho brasileiro" resolveria tudo, até no Futebol.

O que se quer criticar aqui é a veiculação de uma ideologia que deixa de apontar para todos os desdobramentos os quais o exercício da arte implica. Se jogar bem entre outros aspectos necessita uma certa disciplina, uma certa dedicação e uma certa seriedade, por que estes aspectos não são ressaltados? De 1982 até 1990 o Brasil participou de duas Copas do Mundo e dois Jogos Olímpicos, sendo que pelo menos em três vezes foi derrotado em situações muito desagradáveis e em todas por erros primários de marcação ou de aplicação técnica. O Brasil tinha uma equipe e muito talento criativo e "futebol arte" mas cometeu erros só justificáveis se invocarmos o "Sobrenatural de Almeida" (Nelson Rodrigues), ou seja nossa "malandragem" e "esperteza" não resolveram. A aceitação de uma ideologia, inconscientemente ou não, pelo grupo, tende a se cristalizar,

principalmente quanto quem criou o lema é um ídolo. A "Lei do Gerson" famosa frase do jogador da Seleção Nacional de 1970 − "gosto de levar vantagem em tudo, certo?" − se transformou numa forma de se relacionar, no Futebol e em outros meios, que mereceu até crítica em jornal, e campanha na televisão. O Jornal do Brasil (1988) em grande reportagem aborda a questão, mostrando vários setores da sociedade brasileira que foram afetados pela mentalidade. A mais impressionante de todas é a própria declaração do Procurador-Geral da República, Sr. Saulo Ramos, que mostra como este "driblou" os constituintes, inventando uma fórmula jurídica para evitar que a Constituição promulgada em 1988 extinguisse o Conselho de Segurança Nacional, órgão símbolo do regime militar que imperou até recentemente. Ao final de sua introdução o artigo diz: "É o paradoxo: o país espera uma ordenação jurídica mais justa, enquanto a crise econômica (e de valores) continua a recompensar a malandragem, o oportunismo e a especulação, certo?" (2/10/88, p. 4).

Se imaginarmos a rede informal de clubes, grêmios e outras entidades que trabalham com o desporto e principalmente com o Futebol, veremos o perigo que representa a propagação e uma idéia − como esta − que só serviu para criar um espírito indesejável no meio educacional.

A revista Veja (1988) publica reportagem intitulada "Risco nas quadras" onde aborda predominantemente todos os problemas de se praticar atividade física em excesso, e aponta para vários que podem ocorrer. O artigo mostra uma tendência de só analisar o lado físico do problema, não que este não seja importante mas esquece que saúde não se restringe aos aspectos físicos. A própria reportagem aponta para o fato que o desporto se tornou violento demais, com exagero nas competições. A violência que vem assustando todos tem várias facetas. Algumas elas são seguramente conseqüência deste clima de vencer a

qualquer custo. A Copa do Mundo de 1986 foi palco num mesmo jogo de duas situações, em minha concepção altamente significantes.

Na primeira o jogador Maradona fez um gol com a mão, para revolta do time inglês. Momentos após fez um dos mais belos gols passando por cinco jogadores do time inglês sem ter sofrido sequer um empurrão. Talvez se estivesse jogando contra o Brasil não tivesse passado nem pelo primeiro jogador, pois receberia uma falta ali mesmo. Existe uma máxima entre jogadores de defesa "vá na bola, mas não perca a viagem" significando se a bola passar o adversário não passa.

Arte, criatividade, espontaneidade, honestidade, disciplina e outras características já comentadas, me parecem que não são incompatíveis e antagônicas em um mesmo atleta. Talvez o que se precise é defender com mais veemência um quadro de valores diferente do que impera. Um quadro de valores que ocasione menos violências ao ser humano.

NOTAS

1. Como exemplo pode-se apontar o artigo da revista Veja intitulado (O recorde é o limite", que ao citar a medicina esportiva, a biomecânica, a psicologia e o treinamento desportivo, tenta mostrar como estes setores da ciência estão desenvolvidos nos outros países. Entretanto, apesar de apresentar opiniões contrárias, carece de uma fundamentação mais científica visto que determinados pontos são altamente criticados pela comunidade científica. Por exemplo, ao citar o colete de Bosco como tendo ajudado o esquiador finlandês, é preciso que se investigue se o atleta já havia utilizado outros métodos de treinamento tão conhecidos, por exemplo a pliometria. Este método e treinamento é muito usado em Atletismo, Volibol e Basquetebol e é um dos maiores auxiliares do aumento da potência muscular, objetivo do esquiador. Passados os Jogos Olímpicos parece que o colete não resolveu o problema dos atletas italianos, pois os mesmos não apresentaram os resultados esperados, principalmente com o recordista mundial Pietro Mennea.

2. Nas décadas de 70 e 80 várias universidades, e em particular as privadas, se utilizaram do desporto com meio e propaganda. Com o passar do tempo este fato ficou óbvio pois ao enfrentarem a primeira crise − não importa se econômica ou administrativa − o primeiro setor a sofrer perdas foi o desporto de competição. Conseqüentemente, fica claro que anteriormente investiram no desporto pois buscavam propaganda e/ou outros objetivos imediatos. A filosofia de investir no desporto com algo importante na formação de seus educandos não era tão verdadeira.

3. O termo rede aqui usado tem o significado de "conjunto de meios de comunicação ou de informação que pela sua estrutura se

assemelham a uma rede" (FERREIRA, 1975, p. 1200). Neste sentido rede significa todo o sistema resultante das escolas, clubes e associações que utilizam o desporto como meio educacional, sem deixar de atender suas características específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTUS. Revista de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, v. II, n. 6, 1979.

CARTA, Mino. Que tal um pouco e seriedade? In: CASTELANI FILHO, Lino. op. cit.

CASTELANI FILHO, Lino. O fenômeno cultural chamado Futebol − uma proposta de estudo. Artus. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 15, p. 6, 1985.

DaMATTA, Roberto. Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DaMATTA, Roberto et al. Universo do Futebol − Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

FARIA Júnior, Alfredo Gomes de. Research Trends in Physical Education in Brazil, England and Wales 1975/1984: a comparative study. Relatório de pesquisa/Pós-Doutorado. London: University of London Institute of Education, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque e Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FILHO, Mário. O negro no Futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FLORES, Luiz Felipe B. Neves. Na Zona do Agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do Futebol. In: DaMATTA, Roberto et al. op. cit.

FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

GRANDES competições não mudam a realidade do atleta brasileiro. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 dez. 1989.1º Caderno, p. 46.

ISTO É. Perigos do esporte infantil. Rio de Janeiro: V. XII, n. 596, 1988.

LEVAR vantagem em tudo. Certo? Rio de Janeiro, 2 out. 1988. Caderno Especial, p. 4.

LEVER, Janet. A loucura do Futebol. Rio de Janeiro: Record, 1983.

McLUHAN. Marshal. In: LIMA, Lauro de Oliveira. Mutações em educação segundo McLuhan. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

MANNHEIN, Karl. Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

OLIVEN, Ruben George. Violência e Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

OS LIMITES do homem. Veja. Rio de Janeiro, n. 827, p. 64, 1984.

PADILHA, José Roberto. Futebol: a dor de uma paixão. São Paulo: Guanabara, 1988.

SALDANHA, João. Meus Amigos. Rio de Janeiro: Mitavaí, 1987.

SODRÉ, Muniz. Futebol, teatro ou televisão? O monopólio da fala. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOUZA, Doralice Lange de. O significado do Futebol na Cultura Brasileira. Monografia de Especialização. São Paulo: UNESP, 1989.

CAPÍTULO IV

FUTEBOL E VIOLÊNCIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os aspectos da Teoria Crítica que serviram para estudar a questão da Violência no Futebol. A seguir, o capítulo ao mostrar algumas evidências de como o Futebol brasileiro tem sido atingido pela violência, tentará contribuir para a compreensão do conceito de violência, da forma como foi abordada neste estudo, isto é, no quadro da educação informal

Ao se realizar a revisão da literatura escolheu-se a Teoria Crítica, visto que esta parece ser a que mais possibilidades oferece para se analisar o fenômeno da violência. Como se sabe, a Teoria Crítica já existe há bastante tempo em sociologia, entretanto, sua popularidade tem sido limitada porque ela é difícil de entender e de usar. Desde que a influências de forças históricas e econômicas é ignorada pelos funcionalistas e tratada de forma determinística pelos teóricos do conflito, a Teoria Crítica foi elaborada com base na premissa que essas forças são importantes mas que a influência que exercem é determinada pelas formas como o desporto é definido e vivido por pessoas no cotidiano. Em outras palavras, a Teoria Crítica reconhece que a existência do desporto na sociedade deve ser explicada em termos de algo mais que a simples necessidade do sistema social, dos modos de produção da economia capitalista. Ela reconhece o fato que o desporto é criado por pessoas interagindo umas com as outras e usando poder e recursos para transformar o desporto em algo que satisfaça seus interesses e preocupações. A Teoria Crítica é única no sentido de ser baseada na idéia que ambos − valores comuns e interesses conflitantes − existem simultaneamente na sociedade.

Contudo ela reconhece que valores comuns não são permanentes, eles são baseados num infindável processo de negociação, compromisso e coerção entre vários grupos na sociedade. E a base para conflitos de interesses muda assim que mudam as circunstâncias históricas e econômicas. Portanto, sob esta perspectiva, a relação entre desporto e sociedade não está definida de uma forma determinística. A Teoria Crítica foi construída para ser um instrumento do exame crítico da sociedade e de como esta sociedade opera. Contudo, o principal objetivo da Teoria Crítica é ser mais do que um simples instrumento analítico. Os sociólogos Charles Anderson e Jeffry Gibson (1978) explicam este objetivo assim:

> "uma perspectiva crítica [também] procura cultivar a compreensão do potencial da sociedade e do que a sociedade deve ser, dado o seu nível de recursos sociais e materiais. Ela [focaliza] a tensão entre realidade e potencialidade e procurar liberar o pensamento humano e a reação para o propósito da potencialidade" (p. 54).

O primeiro ponto a ser incluído na análise, mas de grande importância, é o que diz respeito à relação entre desporto, sociedade e violência, é o certo grau de autonomia que a Teoria Crítica atribui ao desporto, não admitindo portanto, que este seja somente explicado em termos de influência econômica ou necessidade do sistema capitalista.

O segundo ponto da Teoria Crítica que servirá de referencial teórico para a análise será a questão da "organização social do desporto". Dentro desta questão inserem-se alguns aspectos. O primeiro deles é a questão dos interesses conflitantes. A Teoria Crítica pretende esclarecer as atuais condições de vida social através do

desvelamento dos verdadeiros interesses indivíduos, de grupos (ou categorias profissionais) ou de classes sociais. A palavra interesse refere-se às necessidades e às preocupações de determinados grupos (ou classes), mas especificamente às vantagens (ou desvantagens) que eles possuem, no sentido do "interesse próprio". A Teoria Crítica pretende pôr a descoberto as causas da injustiça e das desigualdades.

Falando-se especificamente do nosso objeto de estudo, − a violência no Futebol − e dos aspectos da Teoria Crítica que serviram para orientá-lo, poder-se-ia avançar pela via da identificação dos interesses conflitantes.

Em relação aos conflitos de interesses a experiência internacional dá como exemplo a questão das relações trabalhistas. Assim, a abolição do salário máximo (1961) e o surgimento da livre negociação, na Inglaterra, parecem ter tornado os jogadores mais cínicos na luta pelo sucesso (vitória a qualquer custo). Em conseqüência, o uso de recursos violentos, mal controlados pelos árbitros, passou a crescer naquele período e serviu como mau exemplo para a massa espectadora.

Outro aspecto importante a ser discutido é a mudança que houve na organização social do Futebol profissional, como destacou Ian Taylor (1971), ao tentar explicar a violência no Futebol (e em particular, a decomposição do clube de Futebol como uma instituição local, de classe, com o Futebol sendo crescentemente organizado, depois da 2ª Guerra Mundial, como um desporto de entretenimento cujas bases estão sedimentadas localmente, dirigido a espectadores "pagantes"). Em conseqüência, como a relação entre clube e torcedores foi se deteriorando produziu-se uma grande alienação, como aponta J. Clarke (1978).

A partir deste fato e da já citada anteriormente, alienação por que passam é compreensível que torcidas − que fatalmente incluem pessoas portadoras de certos desvios − reajam de forma violenta, talvez como forma de protesto ou por razões ainda não totalmente identificadas.

A revisão da literatura revelou os modos pelos quais as mudanças na comunidade mais ampla têm trazido transformações significativas na relações do torcedor de Futebol, da localidade, dos proprietários, dos dirigentes e dos jogadores. Entretanto, estas análises têm sido feitas sem implicações para uma verdadeira reforma e mudança na estrutura de poder (posse e direção) do Futebol profissional.

Como se leu anteriormente, a Teoria Crítica defende o argumento de que a existência do desporto e de suas realidades (como a violência, por exemplo) poderiam ser explicadas por algo mais do que as necessidades de produção do sistema capitalista. Este algo mais poderia ser a "cultura".

Apesar de toda a dificuldade de conceituação, o estudo da cultura é colocado no âmago da Teoria Crítica que lhe confere um alto grau e autonomia e independência dos fatores econômicos. Cultura é um dos mais complexos e enganosos conceitos. Ele envolve objetos materiais (por exemplo, ferramentas, casas), trabalhos artísticos, atividades espirituais e mentais (por exemplo, valores, linguagem, crenças etc.) e o próprio comportamento (por exemplo, costumes, instituições, agrupamentos, rituais). Estes exemplos demonstram como é difícil tentar elaborar uma definição de cultura. Quatro aspectos principais da cultura têm particular significado para a Teoria Crítica:

cultura erudita, cultura popular, cultura jovem e cultura e natureza. A Teoria Crítica tem tratado o Futebol como cultura popular. Jennifer Hargreaves (1985), por exemplo, é conclusiva sustentando que "o desporto, sem dúvida constitui um componente central da cultura popular..." (p. 16). Entretanto, "a única generalização válida acerca de cultura popular é que ela é apreciada por muitas pessoas e ela é, inegavelmente, potente na formação de atitudes e comportamentos" (GIBSON, 1986).

Quando a cultura popular torna-se parte da "indústria da cultura" sujeitando-se progressivamente às pressões comerciais, ela fica sob a censura dos teóricos críticos, e as críticas tornam-se mordazes e intensas. A expressão "indústria da cultura" foi criado por Theodor Adorno para caracterizar tudo aquilo que não era criação espontânea do povo, algo externo, não orgânico. A característica é a mistura em igual proporção de condenação e condescendência. A substância da acusação que a cultura popular brutaliza os sentidos, cretiniza o gosto e oferece apenas gratificação espúria, ilegítima. O entretenimento de massa não é nada menos que um vôo saindo da realidade, contribuindo para a decadência da educação e para o crescimento bárbaro de tudo que não tem sentido. As críticas à indústria da cultura se justificam visto ser ela uma instituição crucial na sociedade capitalista moderna. Ela é o mecanismo-chave do controle social − o equivalente contemporâneo da política da Roma antiga de "pão e circo" para distrair e pacificar as massas.

O uso da cultura popular pode voltar-se para a manutenção do "status quo" tirando o impacto dos protestos e buscando o consentimento. Na busca pelo consentimento estão os valores fundamentais da sociedade capitalista: comercialismo, controle privado do consumo, individualismo, a autoridade dos profissionais, e a

legitimação do estado. Isto assegura e justifica as desigualdades e as injustiças.

Assim, a cultura popular como parte da indústria da cultura para os teóricos críticos, confirma o "status quo", desumaniza e age de forma anti-emancipatória. Ela cria nas mentes dos espectadores (e dos leitores e ouvintes) passividade, docilidade e aceitação que induzem a um senso de conforto, uniforme bem-estar, ao mesmo tempo que nega qualquer possibilidade de liberdade.

Finalmente, como de certa forma conseqüência da indústria da cultura, abordaremos o conceito de subculturas da juventude, que no nosso estudo se associa muito às manifestações das torcidas. Para expressar melhor este conceito podemos citar (BRAKE, 1980), quando afirma "a cultura da juventude é uma tentativa nas mini-políticas das rebeliões contra as forças sociais obscuras (p. 177).

Nesta parte são apresentadas algumas evidências de como o Futebol brasileiro tem sido atingido pela violência.

Falar de violência no Futebol brasileiro é falar de sua própria história. Melhor dizendo, pode-se afirmar que a violência vem permeando, confundindo-se com essa história, mas muito pouco tem sido destacada.

Aliás, violência é um assunto que a sociedade brasileira gosta de evitar para que não faça uma autocrítica. Criamos o mito que somos um povo pacífico, hospitaleiro, uma sociedade em paz, o melhor país do mundo.

Ruben George Oliven (1986) ao falar da violência na sociedade brasileira e da dificuldade que temos em assumi-la diz que a "base da qual se deve partir é do fato de que, embora historicamente a sociedade brasileira tenha sido construída com recurso constante à violência, esta tem sido sistematicamente negada a nível ideológico" (p. 13). A afirmação do autor é baseada em vários fatos históricos que servem para mostrar que não somos tão pacíficos quanto tentamos mostrar.

Sem perder de vista que nosso ponto central é o Futebol, gostaríamos de fazer uma breve comparação com a Medicina, para mostrar que nesta, o fenômeno também ocorre, apesar de muitas vezes não ser considerado como violência.

Embora estejamos falando de outra atividade tentaremos relacionar os fatos com o Futebol, pretendendo facilitar a percepção do fenômeno.

Em entrevista ao Jornal do Brasil o médico Aloysio Campos da Paz (1989) falando sobre a Medicina brasileira, faz duras críticas ao sistema médico como um todo. Para começar afirma que a "medicina não é comércio" (p. 8). Analisando a entrevista do médico, percebe-se uma crítica intensa à forma como a medicina vem sendo conduzida no Brasil. O médico aponta para aspectos tais como: má formação acadêmica; confusão do papel do médico na sociedade (ética); especulação e suborno. Os mesmos pontos são passíveis de crítica dentro do Futebol, por exemplo.

No Futebol existe o que se chama de "bicho", uma quantia extra-salário, que o jogador ganha caso vença a partida. Na Medicina se criou o "ganhar por operação". Seria o caso de se questionar por que jogador e médico têm que sobreviver às custas de artifícios, e não em

função de um salário digno. Numa sociedade em que a luta pela sobrevivência induz as pessoas a atitudes extremadas, é compreensível que o jogador de Futebol faça quase tudo dentro do campo para ganhar o "bicho", assim como o médico comece clinicamente a operar, desnecessariamente.

Cínica, aliás, é o adjetivo usado pelo médico entrevistado para classificar a atitude dos médicos diante da realidade nacional. Cínico também é o jogador que agride o colega em campo, é expulso, e diante das câmeras de televisão, após o jogo, pede desculpas. Entretanto, no jogo seguinte estará agredindo um segundo colega.

É preciso que se compreenda que este é um papel que ele "aprendeu" a desempenhar. É comum a expressão "passou o jogo, somos bons amigos". Pode até ser verdade em alguns casos, mas o fato é que bons amigos não se agridem a ponto de um [jogador] ficar machucado, impedido de jogar, sem poder exercer sua profissão. Repetindo, este é um papel que ele aprendeu a viver, ou seja, "peça desculpas e tudo fica bem". No fundo incentiva-se o cinismo, pois é muito mais fácil assumir uma atitude simpática embora superficial, do que realizar uma mudança interior, evitando outras agressões.

Portanto, se o motivo pelo qual se fez uma incursão na sociedade para percebê-la como um todo e sua dificuldade em encarar a violência, voltemos agora ao Futebol e à sua história para analisar o fenômeno desde a sua origem.

Recorrendo à história, veremos que esta, em relação ao Futebol, também é uma história repleta de fatos violentos e constrangedores. Apesar de nos últimos anos a violência ter aumentado e ter assumido muitas formas que começar a preocupar os estudiosos, na realidade

ela data de muito tempo, podendo se afirmar que reflete um estado de luta de classes e disputa de poder.

Falando concretamente e apontando fatos, podemos dizer que logo após o início do Futebol no Brasil em 1894, os primeiros sinais de racismo começam a aparecer.

Joel Rufino dos Santos (1981) mostra que já em 1912, o racismo fica evidente no Futebol brasileiro. Ao analisar o surgimento da expressão "pó-de-arroz", diz o autor que esta surgiu devido ao fato de determinado jogador se maquiar excessivamente para poder parecer branco e jogar entre os jogadores do Fluminense Futebol Clube.

Se já em 1912, fatos como esse tinham lugar, só podemos concluir que muitos fatos que agora ocorrem têm uma relação direta com toda essa história e toda essa estrutura construída com muitas discriminações, luta de poder e confusões de bastidores.

Por outro lado podemos dizer que esta discussão não está tão distante assim. Apesar de começar naquele ano continuou se prolongando. A história mostra que em 1921 a discussão sobre se devíamos levar negros para a Seleção Nacional "tomou conta da crônica esportiva" (ibid p. 29), e na realidade só em 1930, na terceira Copa do Mundo que disputamos é que o Brasil se representou com uma seleção "sem distinções de cor ou religião" (Ibid, p. 37).

Parece que este tema não se esgotou aí porque, em artigo de agosto de 1987, a revista Afinal, em reportagem de João Carlos Rodrigues sobre a crise que vive o Futebol Brasileiro, divulga o relatório de 1956 da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) − que comandava todos os desportos inclusive o Futebol − dizendo que "os

negros mais sujeitos a emoções talvez não servissem para uma competição do nível da Copa do Mundo" (RODRIGUEZ, 1987, p. 48).

Por ironia, dois anos após o Brasil sagrar-se-ia campeão do mundo pela primeira vez, e um negro de apenas dezessete anos foi um dos maiores responsáveis por tal conquista. Este negro "reinou" por duas décadas, sendo considerado o maior jogador de Futebol do mundo e o atleta do século − Pelé.

Longe de terminar aqui o assunto da discussão do racismo no Futebol, estes fatos servem para apontar para uma das formas de violência que historicamente vem prejudicando o Futebol brasileiro.

Se em 1912 fatos como o citado acima indicavam sinais de violência, passados muitos anos, percebe-se que outros fatos comprovam que progredimos pouco na questão do relacionamento e da dignidade profissional.

Em 1938, Leônidas da Silva era rotulado de mercenário oprque começava a aprender que podia ganhar dinheiro com o Futebol, e não terminar a carreira como outros terminaram. O que Leônidas fazia era assumir uma atitude profissional. Em conseqüência, entrava em choque com os dirigentes, como até hoje ocorre com os atletas que lutam por seus direitos.

Em 1989, Jorginho, jogador do Clube de Regatas Flamengo e integrante da seleção nacional, precisou ganhar na Justiça o direito de ir jogar fora do país, porque o clube não lhe pagava o que pedia e se recusava a vender seu passe como a lei obrigava.

De 1938 a 1989 muitos fatos aconteceram. Leônidas da Silva não tinha uma legislação que o protegesse como teve Jorginho. Mas

mesmo assim é preciso lembrar que este teve que recorrer à Justiça para fazer valer seu direito.

É importante lembrar que foram os dirigentes que "ensinaram" aos jogadores a se defenderem e até reivindicarem na Justiça direitos que deveriam já estar assegurados pela lei. É notório o fato de vários jogadores terem sido enganados na hora de oficializarem seus contratos. A relação de desconfiança que se cria a partir destes fatos é muito negativa.

É preciso que se estabeleça uma relação honesta entre jogadores e dirigentes. Os responsáveis pela arte, em última análise, são os atletas. Havendo um relacionamento entre estes e os dirigentes, baseado no respeito, dignidade e seriedade profissional, este fato só servirá como retorno para o bem do Futebol, inclusive aumentando o número de freqüentadores dos estádios, o que significaria mais renda para todos.

Falando em estádios e público presente ao Futebol atual, estatísticas mostram que sob este aspecto nosso Futebol vai mal.

NO artigo de Rodriguez (op. cit.), anteriormente citado na revista Afinal, vêem-se dados que comprovam que apesar de nossa população ter aumentado em 57 milhões de habitantes, a média de assistentes no Campeonato Nacional caiu de 20360/jogo em 1971, par 13423/jogo em 1986 (p. 44).

Se considerarmos que o Brasil é um país com respeitável história nas Copas do Mundo − e o único país que participou de todas e quase sempre com destaque − os dados do artigo servem para uma boa reflexão.

Por que o povo estaria se afastando de um espetáculo que sempre o atraiu? A realidade é que a sociedade faz, de uma forma natural, um boicote a um campeonato que pouco mostra de Futebol arte e competição, mas mostra muita confusão e violência, conseqüentemente arrastando o espectador.

Continuando, podemos perguntar que razões tem a sociedade para acreditar num campeonato cujas tabelas são feitas de forma que um time, para continuar no mesmo, tenha que perder?

O referido fato ocorrem em 1986 em Pernambuco, sendo que, é claro, o time perdeu o jogo sendo afastado somente do teste da Loteria Esportiva, mas não foi punido nem pela sua Federação nem pela Confederação.

Parece que intencionalmente há o objetivo de se fazer campeonatos que sejam manipuláveis por uns poucos. Isto fica parecendo mais uma ação entre amigos, do que a organização de um campeonato com regras claras, simples, com critérios justos, e que portanto dariam respeitabilidade à competição. Esta forma atual que tanto vem prejudicando o Futebol brasileiro precisa desaparecer.

A interferência, por quem quer que seja, só serve para a perda de credibilidade e seriedade da competição. Pior, quanto estas injunções vêm de políticos tais com ministros ou até o próprio Presidente da República.

Ainda com referência ao artigo citado dois fatos absurdos são apontados.

Em um deles foi preciso a interferência do Ministro da Educação para resolver um simples caso de "doping". Teoricamente, o que

deveria acontecer seria a perda dos pontos para o time que atuou com o jogador nestas condições e multa para o atleta. Mas tal não ocorreu, pois se isso acontecesse um terceiro clube "grande" seria prejudicado.

Evidenciando uma manobra política, um quarto clube, que não tinha nada a ver com a situação, mas que tinha brigado com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) na justiça comum, foi desclassificado. Como era um clube de São Paulo, também "grande", recebeu o apoio dos clubes paulistas e houve ameaça de boicote ao campeonato, por parte dos mesmos.

Então o Ministro resolveu da forma mais política possível: manteve todos na competição, e ainda convidou mais três por critérios desconhecidos − todos ficaram satisfeitos. Os critérios que levaram o Ministro a convidar tais clubes provavelmente são os mesmos aos quais já estamos acostumados no Brasil, ou seja, os interesses − do Ministro e de seus amigos − elegeram os escolhidos.

Em outro caso, outro clube conhecido, teve como grande amigo o Presidente da República, que mandou e próprio punho um bilhete para o presidente da CBF, pedindo para incluí-lo no Campeonato Nacional pois do contrário o clube iria à falência. Obviamente havia um motivo político, e o pedido só foi feito porque foi intermediado por um deputado do Partido do Movimento Democrático Brasileiro de São Paulo (PBMD_SP), cujas bases eleitorais eram da cidade do clube, tendo provavelmente interesse em manter seu eleitorado (RODRIGUEZ, op. cit.).

Neste ponto podemos lançar uma pergunta:

Como podemos esperar de jogadores de Futebol − em que 80% da categoria ganham menos de dois salários mínimos (ibid) − que dentro do campo, no auge das emoções de uma partida, muitas vezes pressionados por árbitros também coagidos, que tenham discernimento, tranqüilidade e escrúpulos suficientes, para não "entrarem de sola" no joelho de um companheiro de profissão, ou mesmo agredir o árbitro? Não estou aqui defendendo o descontrole, muito pelo contrário, mas que tal atitude é o resultado final de todo um clima que se cria no ambiente, sendo o jogador o protagonista último. Portanto, não devemos atribuir-lhe culpa exclusiva e sim mostrar que outros contribuem muito para tal, manipulando inescrupulosamente seus destinos.

Se um Presidente da República ou um Ministro não se envergonham e interferir fazendo uso dos seus poderes, não podemos condenar somente os jogadores, pois estes infelizmente estão, por assim dizer, na linha de frente de uma batalha manipulada por outras pessoas.

As manipulações assumem várias formas. Se um jogador incentivado por um dirigente inescrupuloso vai ao campo e passa o tempo todo praticando o antijogo, dando pontapés, muitas vezes machucando outro atleta − geralmente um mais habilidoso − não se pode atribuir-lhe culpa. Mas na realidade, na hora de ir aos tribunais esportivos raramente um dirigente é punido.

Saldanha (1989, a), ao comentar este fato diz mais, que quando o jogador exagera e machuca seriamente o outro, fica sem o apoio dos que mandaram "baixar o pau" (p. 21). Continuando, o autor relaciona este fato a crimes cometidos por policiais militares − PMs − em Friburgo em 1989, ou seja, o jogador criminoso exagerou tanto quanto

o policial militar, mas o fez certamente consciente que está respaldado por toda uma estrutura propositalmente confusa, e que dificilmente punirá alguém."

A violência nos campos de Futebol está assumindo tamanha proporção, que juristas brasileiros já começaram a pensar em que se caracterizem como crime as formas de violência ocorridas dentro dos mesmos.

Dalmo Dallari (1988) e Nilo Batista (1989) discutem a violência no desporto e os dois concordam que a violência cometida dentro dos campos está se tornando um privilégio de umas pessoas que só a praticam porque sabem que ela está inserida dentro do contexto desportivo fazendo com que a mesma seja, quanto muito, punida levemente. Concordam também quando sugerem que algo diferente seja feito como por exemplo os "juizados especiais criados pela última Constituição" (ibid, p. 10), que serviriam para agilizar e criar efetiva participação popular − no caso do Futebol − para aplicar punições sérias que provocassem uma possibilidade de mudança de mentalidade em todas as pessoas que integram a comunidade futebolística.

Ao se envolver muitas pessoas, principalmente da comunidade desportiva, no juizado especial, é provável que este passe a ter um caráter mais transparente, uma vez que todos mostrariam suas opiniões. Ou seja, técnicos, dirigentes, jogadores, jornalistas e outros envolvidos no meio, teriam oportunidade de opinar publicamente sobre os fatos. Por exemplo, um grande conflito que ocorra, onde fica difícil saber − principalmente por quem está de fora − todos os detalhes, diante deste juizado, seria esclarecido, podendo-se julgar com mais justiça. O dirigente que tem o hábito de invadir campos para ofender e

pressionar árbitros, o jogador que durante a partida ofende e intimida outro como forma de pressão, o árbitro que abusa de seu poder, todos seriam colocados diante da comunidade que pelo menos ia começar a ter mais poder e consciência em relação ao próprio ambiente podendo modificá-lo.

Pode ser que esta sugestão não seja a melhor mas pelo menos algo pode ser feito contra fatos que já começam a fazer muitas vítimas. Além disso, outra preocupação é se o ídolo em campo pode ter atitudes inconvenientes, violentas e reprováveis sem sofrer punição, influenciando pessoas que se espelham no Futebol para elaborar suas condutas. Ou seja, "difícil é explicar para o cidadão que na porta do botequim repetiu no peito do torcedor adversário a tesoura voadora que seu ídolo desfechara em campo, que ele está sendo preso por um crime que não é crime quanto praticado pelo ídolo" (ibid, p. 10). Ao ser preso porque repetiu, copiou uma atitude que no "mundo" do seu ídolo era normal, o cidadão se sentirá confuso e injustiçado. Certamente este fato só contribuirá para pensar que vive uma realidade injusta e se sentirá discriminado socialmente. Como diz Batista "esse contra-senso antidemocrático, que aguça o sentimento e que a impunidade está sempre relacionada à condição do criminoso" (idem).

Entretanto, é preciso que se aponte como reagir a este contra-senso, escolhendo formas de se lutar contra essa ideologia do mais forte, do mais esperto.

Uma das formas de se lutar contra e desmistificar muitas das idéias, que são comumente veiculadas e que tanto prejudicam o Futebol no seu aspecto educacional e também como manifestação de arte e cultura.

João Saldanha (1989, b), um dos maiores críticos das relações do clube com os atletas, numa crônica, entre outros fatos mostra a revolta da torcida do Flamengo para com o procurador do jogador Bebeto, que já estaria vendido ao Vasco.

A primeira pergunta de Saldanha foi:

Por que não o Vasco?

E aí a resposta da Torcida "Vasco não, é demais".

Ao analisarmos o fato devemos separar dois pontos. Primeiro o que está por trás da pergunta de Saldanha e segundo a reação da torcida.

Evidentemente a pergunta do autor questiona o fato de os clubes venderem seus astros para quem quiserem, não se preocupando em mantê-los, para que virem fonte de vitórias, orgulho do clube e também renda para seus tão minguados campeonatos.

Questiona também qual a diferença de vender para um clube diretamente adversário, no caso o Vasco, ou vender para um clube fora do país.

Na realidade a pergunta é daquelas que incomodam profundamente, tanto aos dirigentes, como às torcidas. Incomoda aos dirigentes, pois os lava a discutirem um assunto que preferem que fique sempre nebuloso, a venda dos passes dos jogadores, quando estes deviam ser mantidos como patrimônio. Incomoda às torcidas, pois faz com que comecem a refletir sobre suas atuações junto aos clubes.

Na seqüência da crônica, o autor analisa não só a venda do passe do Bebeto, mas várias outras, todas de jogadores importantes − integrantes da Seleção Nacional − e que os dirigentes não tiveram o menor constrangimento em efetivar.

Parece-me que a crítica do autor é procedente pois, vivendo o Futebol problemas sérios − de renda, de público e de qualidade do espetáculo − deveria ser uma boa política os dirigentes tentarem manter aqui, seus grandes astros, para que estes fizessem do Campeonato Nacional o grande campeonato. Mas o fato é que parece até que o Brasil passou a ser um grande exportador de jogadores, pois chegamos ao ponto de, em 1990, termos grande número de jogadores titulares da Seleção Nacional jogando fora do país. Além deste fato, se fizermos um levantamento, veremos que a nível de times que disputam primeira e segunda divisões dos principais campeonatos em países como França, Portugal, Alemanha e Itálica, talvez cheguemos a ter cerca de 100 jogadores, também de excelente nível, jogando nos clubes principais.

É preciso que se esclareça qual a real intenção dos dirigentes brasileiros. Mesmo admitindo-se que existe um grande mercado internacional que paga em dólares, pode-se transformar o Futebol brasileiro num grande mercado. O fortalecimento de clubes de Futebol vai depender da filosofia que os dirigentes queiram imprimir a seus clubes. Parece-me não serem excludentes dois objetivos dentro do mesmo clube, ou seja terem um lucro mínimo − ou até máximo − para manterem seus jogadores, custearem as despesas de manutenção do clube, e conseguirem vitórias.

Sabe-se que essa é uma discussão profunda que envolve a estrutura desportiva brasileira, mas convém lembrar que Pelé foi jogador do Santos Futebol Clube por cerca de 15 anos e jamais o clube

cogitou em vendê-lo, e nem por isso o jogador terminou sua carreira pobre. Se, no final da carreira foi jogar nos Estados Unidos da América do Norte, foi porque o momento era outro e começou a vislumbrar outros investimentos para sua carreira.

A discussão do montante do dinheiro que circula nos clubes nas mãos dos dirigentes em conseqüência de vendas e pagamentos de salários, é sempre um assunto obscuro. No Rio de Janeiro o absurdo chegou ao ponto de um clube, após ter comprado um jogador, ter-lhe pago altos salários durante anos, ao final do contrato ter sido obrigado a vendê-lo por preço baixo, pois ainda lhe devia grande soma de dinheiro, em dólares.

Voltando à análise de Saldanha, deve-se lembrar que pela legislação os clubes não foram feitos para apresentarem lucro, pois com diz o jornalista "isto é com banco, supermercado, indústria ou boteco" (ibid., p. 19).

Mas, poder-se-ia admitir que os clubes quisessem ter lucro. A melhor forma de ganhar seria ter um grande time − política adotada pelos grandes clubes da Europa − que procuram manter seus astros que sempre geram grandes rendas.

No Brasil parece não ser essa a filosofia dos dirigentes que, pelas evidências apontadas, sempre na primeira oportunidade vendem seus astros. Esta situação dos clubes está chegando a tal ponto que em muitos casos os jogadores nem "pertencem" aos clubes, mas sim a um empresário ou até a um contraventor, que por interesses particulares resolve investir num clube, comprando e vendendo jogadores quanto bem decide.

Como se vê, esta é uma filosofia que está baseada na vontade de uma pessoa só, ou seja, independentemente de o clube querer ou não ficar com o jogador, quanto este "pertence" a alguém, este alguém passa a ser mais um fator de pressão e tensão nos momentos já tão difíceis das negociações salariais entre jogadores e clubes, podendo dispor e manipular da forma que lhe interesse.

Portanto, pelos vários motivos expostos, percebe-se que os clubes passam por momentos difíceis, resultado de uma política confusa, vendem seus principais atletas, que seriam a principal fonte de renda, donde se pode concluir que nestas transações o clube é menos favorecido.

O segundo ponto importante da pergunta do jornalista é quanto ao comportamento das torcidas, e sobre este tentaremos fazer uma análise. O que toda torcida quer para seu clube é a vitória em todas as competições de que o clube participe, fato que na realidade é impossível. Como conseqüência, o que se vê é a torcida fazer pressão sempre que considere que o clube esteja sendo prejudicado. Evidentemente esta pressão é muito emocional, muitas vezes deixando de analisar todos os fatos.

Como exemplo, podemos citar o caso comentado anteriormente − a venda de Bebeto do Flamengo para o Vasco − na qual a torcida se revoltou contra o procurador do jogador quando deveria se revoltar contra os dirigentes. Além de estarem vendendo mais um jogador de nível de seleção − já haviam vendido Mozer, Aldair e Jorginho − os dirigentes conduziram as negociações de forma que revoltou o jogador, levando-o a optar até por um clube tradicionalmente adversário, mas que naquele momento o valorizava.

Esta revolta da torcida é cega como tem sido cegas muitas das reações de brigas entre torcidas, dentro e fora dos estádios. As reações dessas torcidas já estão chegando a tal ponto que nos estádios muitas vezes é montada uma ação policial por jogo para evitar brigas e maiores tragédias.

O Jornal do Brasil do dia 18/8/89 relata o fato que a Polícia Militar realizou uma batida em locais considerados nobres − tribunais, cadeiras e camarotes especiais − tendo apreendido 23 revólveres.

Este fato evidencia o clima de prontidão para violência no qual estas pessoas se encontram porque os dados mostram que as grandes brigas e conflitos ocorrem em locais mais populares − arquibancadas e gerais − mas também mostram que na saída dos jogos muitas pessoas têm sido assaltadas e envolvidas em tumultos. Conseqüentemente, deduz-se que apesar de estarem dentro do estádio em locais mais privilegiados, ainda se sentem inseguras, fato que os leva a se armarem, talvez pensando numa defesa.

Segundo Osmar Santos (1989), em outubro de 1988 o chefe da torcida "Mancha Verde" do Palmeiras − considerada uma das mais violentas −, foi morto a tiros, e segundo seus amigos, em conseqüência de briga de torcidas. Ou seja, os crimes estão começando a ter um caráter de vingança, pois não o cometeram no clímax de um tumulto, mas sim com um requinte de premeditação. Após o jogo, o rancor, ódio e sensação e vingança levaram os torcedores a praticarem o crime.

Mauro Ventura e colaboradores parecem retratar bem o que ocorre no meio destas torcidas. O título do artigo − "Torcer até Morrer" − reflete bem o sentimento de fanatismo que move alguns desses torcedores, resumindo muito do que tem ocorrido ultimamente nesse ambiente.

Os autores, que acompanharam os torcedores em alguns jogos, comentam que apesar de se dizerem "sadios" não se comportaram como tal. Na viagem para um jogo, o que animou a torcida foram os gritos de guerra com palavrões e as paradas para roubos em lanchonetes e a quebra de vitrines.

Agrava-se o fato que não foram pequenos furtos eventuais mas sim uma atitude deliberada, planejada. Parece que estas atitudes mostram que as torcidas começam a espalhar a violência para fora dos estádios de uma forma completamente injustificada. Com esta afirmação não se está concordando com a violência gerada entre as mesmas dentro dos estádios, mas dentro deles pelo menos as torcidas estão diante de um "confronto" que poderia explicar os incidentes − os quais serão discutidos a seguir −, fato que não ocorre numa simples viagem.

Pode-se concluir que as torcidas começam a se valer desta violência para tirarem um certo proveito. Se viajam, como estão em grupo, se aproveitam deste fato para roubarem pois sabem que se autoprotegem nesta formação, pois no momento em que haja uma tentativa de identificação dos culpados, esta será bastante dificultada, fazendo com que muitas vezes alguns culpados fiquem impunes.

Outro aspecto a destacar, e de uma certa forma um desdobramento destas violências, é que muitos integrantes de torcidas já estão assumindo tamanha projeção − baseados na violência − o que nos leva a concluir que começam a se tornar "seguranças" das torcidas. Apesar de haver reação contra estes seguranças dentro das próprias torcidas, estas não conseguem bani-los, sendo que algumas até admitem que precisam desta proteção.

O fato é que, o contexto das torcidas reproduz o contexto do que existe no Futebol e nos clubes, ou seja, emoção descontrolada gerando um sensacionalismo que também é comercializado, uma grande confusão provocada por interesses diversos, muitos deles espúrios, e conseqüentemente é o Futebol que acaba sofrendo, pois o público certamente se afasta por causa destes fatos.

Felizmente neste meio também existem os que não concordam com toda esta violência e conseguem visualizar uma foram de sair da atual situação e até conseguir um certo poder junto a seus clubes.

Afirmações tais como "é preciso entender que as brigas não mudam o resultado do jogo" (NILTINHO. In: Ventura, 1989), ou que "o modo digno de influir no clube é comprar um título de sócio e participar das eleições" (BRANCO. In: Ventura, op. cit.) apontam para o fato que as torcidas devem servir de apoio, de reforço e até de construção de um novo tipo de clube, mas nunca para ratificação de atitudes extremadas.

Evidentemente, pela grandeza do problema o comportamento das torcidas interfere tanto no espetáculo que alguns já afirmam que "elas hoje são mais maléficas ao Futebol do que a retranca" (NOGUEIRA. In: Ventura, op. cit.) comparando os acontecimentos a uma tática de jogar, que segundo a visão de alguns prejudica a arte em si. Outros afirmam que "eles vêem pouco Futebol, preferem agitar" (MÁXIMO. In: Ventura, op. cit.) referindo-se ao fato que as torcidas ao optarem por esta preferência passam a se constituir em obstáculo pois criam muitas situações desagradáveis.

Estas situações constrangedoras criadas pelas torcidas não se restringem aos jogos. Como exemplo podemos citar o fato ocorrido com jogadores do Fluminense que interromperam o treinamento para brigarem com torcedores nas arquibancadas (JORNAL DO BRASIL, 1989, a), pois estavam sendo ofendidos. Portanto, a torcida interfere negativamente mesmo quando os jogadores se preparam para um jogo e sem a presença de adversários. Como se vê, as torcidas parece que começam a roubar a atenção do espetáculo e até mesmo prejudicam a preparação para o mesmo.

Se em outros países este fenômeno já está sendo estudado há muito tempo, por aqui é preciso que as autoridades comecem a tomar atitudes, se é que realmente se preocupam com o Futebol como veículo educacional. Os fatos acontecidos constituem objeto suficiente para reflexão e para tomada de iniciativa de modo a combater a repetição dos mesmos.

Entretanto, é importante ressaltar que ao estudarmos as várias formas de violência, sejam elas praticadas ou não pelas torcidas, tentemos situá-las dentro do contexto de nossa sociedade, pois apesar de poderem apresentar um certo caráter de universalidade, o aspecto cultural é determinante para a análise.

É preciso, por exemplo, tentar relacionar as violências que ocorrem nos campos e nos estádios com outras que têm sua origem fora dos mesmos mas que seguramente neles se refletem. É preciso tentar discernir onde começam estas manifestações de violência.

Por exemplo, é inadmissível que dirigentes desportivos cheguem a recorrer à coação e a artimanhas para manterem um jogador no clube. No episódio da venda do jogador Bebeto − que afinal acabou se

realizando − os dirigentes chegaram ao ponto de dizer à esposa do jogador que "talvez tivessem que andar com a presença de seguranças" (JORNAL DO BRASIL, 1989, b), querendo dizer que poderiam sofrer alguma agressão física por parte de torcedores inconformados com a venda.

Em resumo, fica evidente que os dirigentes criaram um clima de coação e de tensão que fez com que o jogador e sua esposa chorassem, mas que apesar de tudo não impediu o rumo da negociação.

Fica evidente também que desde o início do processo da renovação do contrato do jogador, até o momento da venda do mesmo, os dirigentes nunca tiveram escrúpulos em usar as mais variadas estratégias para atingirem seus objetivos. Quando tentaram, ainda no início do que seria a renovação, trataram de desvalorizá-lo oferecendo muito menos do que o jogador queria e dizia poder ganhar em outro clube. Quando este fato se concretizou e perceberam que o perderiam, apelaram para outras atitudes culminando com os fatos relatados anteriormente.

Como conseqüência direta de toda essa relação que se estabeleceu, na primeira vez em que se enfrentaram Flamengo e Vasco, o jogador − que sempre teve um comportamento exemplar − foi expulso por agredir um ex-colega, logo após um gol do Flamengo.

Esta fato parece suficiente para mostrar toda a tensão acumulada ao longo do processo da negociação até a venda para o outro clube − na primeira vez em que se viu diante de seus ex-colegas não suportou uma provocação, e reagiu impensadamente. Ou seja, a reação dentro do campo originou-se fora deste; e para que se tenha

melhor compreensão do fato é importante ressaltar que, desde o início das negociações, o jogador manifestava vontade de permanecer no clube. Daí, a sua revolta quanto à forma como foi tratado pelos dirigentes.

Por outro lado, é incompreensível que um colega seu passe a provocá-lo, só porque tenha mudado de clube. Esta provocação só pode ser entendida dentro de um contexto "doente", artificialmente criado, no qual a hora do jogo é uma "guerra" que deve ser ganha usando-se todos os artifícios.

Assim, o jogador em questão, passa a ser um objeto que precisa ser manipulado, provocado, para ser destruído e derrotado. Nada importa, nem mesmo que até pouco tempo antes estivessem do mesmo lado, lutando por objetivos comuns e mais, que futuramente talvez estejam na mesma equipe defendendo o próprio país.

A situação absurda de um contexto social como este, gerado por homens que estão na maioria das vezes só à procura do poder e da fama, às custas do trabalho e arte dos outros, não parou aí. Por conta de toda essa hiper-rivalidade que se criou entre os dois clubes, um outro jogador, que já havia sido comprado pelo Vasco, foi assediado pelo Flamengo, e comprado. Conclusão: depois de já ter assinado o contrato com o Vasco, também o fez com o Flamengo, que pretendia com isso acalmar sua torcida. No desdobramento da situação, por ter se comprometido com os dois clubes simultaneamente, ficou impedido pelo primeiro de atuar, até que a situação fosse resolvida pela justiça comum.

Mais uma vez, os dirigentes, numa exacerbação de poder inescrupulosa − pois não podemos achar que não sabiam que o atleta

havia assinado com o outro clube − induzem o jogador a um caminho que o acaba prejudicando: nove meses parado, e poucas oportunidades de aprimorar o futebol que o levou até mesmo à seleção nacional. Parece, entretanto, que os dirigentes ficaram felizes com a "vingança" contra o clube rival.

Com se surpreende Saldanha (1987), "quanto ódio ao jogador. Por quê? Se ao jogador devemos tanto neste país?" (p. 97), referindo-se também a uma das famosas transações inescrupulosas, na qual o jogador acabou sendo prejudicado.

Infelizmente esquecem que desonestidade e falta de escrúpulos são conceitos veiculados para milhões de pessoas e que, refletidos no Futebol, contribuem para perpetuar a imagem negativa, do ponto-de-vista educacional, que o Futebol parece projetar para a sociedade.

Uma das figuras importantes neste contexto, que também tem sofrido muito é a do técnico desportivo. Para exemplificar uma das violências cometidas contra ele, começamos relatando o caso famoso que envolveu João Saldanha quando dirigia a Seleção Nacional. Após ter classificado o time brasileiro par a Copa do Mundo de 1970, foi afastado do cargo de técnico, numa situação que nunca ficou bem esclarecida para o grande público do Futebol, pelos dirigentes da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD0.

Entretanto, o técnico revelou que foi afastado porque se recusou a convocar o jogador Dario, que tinha a simpatia do ditador Médici.

Ao analisarmos o fato, podemos começar com o detalhe que nenhuma autoridade veio a público desmentir o técnico. Violência era o

que não faltava nos governos militares e, comparada aos crimes políticos, poderíamos até achar que esta foi pequena.

Podemos portanto dizer que só por uma exacerbação de poder, um governo que se auto-declarava preocupado com o desenvolvimento do país, desperdiçasse seu tempo com este tipo de ingerência. Esta exacerbação de poder é que tem caracterizado a relação trabalhista dos dirigentes brasileiros para com os técnicos. Em artigo intitulado "Estabilidade é um sonho para a maioria dos profissionais" (JORNAL DO BRASIL, 1989, c), o comentário geral dos técnicos reflete a situação em que vivem, sendo demitidos sumariamente, de forma indigna, diante do menor insucesso.

Um técnico pode até ganhar um campeonato, mas se em algum momento o time vai mal por algum motivo, todo trabalho realizado até então é esquecido e provavelmente ele é demitido. Este é um hábito que serve para reforçar um ditado corrente no Futebol, "técnico vive de vitórias" no sentido literal da palavra. Não interessa − e não existe − a percepção de que se uma equipe estabelece um objetivo e se este é alcançado, isto é considerado uma vitória.

Baseados numa visão imediatista, com alguma dose de fanatismo, esses dirigentes seguem perpetuando essa relação que faz com que os técnicos se sintam sempre pressionados pelas vitórias constantes.

Entretanto é preciso que não esqueçamos que o Futebol também reflete o contexto social brasileiro e portanto muitas situações se repetem. Uma delas é o excesso de mão-de-obra − técnicos − qualificada disponível que existe no mercado. Evidentemente os

dirigentes sabem deste fato e o utilizam como força de pressão diante dos técnicos.

Segundo Jair Pereira (1989) "enquanto um técnico está empregado tem sempre alguém que se oferece, telefonando para o clube interessado no emprego do companheiro" (p. 46). Este fato evidencia o comentário feito no Capítulo II a respeito da relação que existe entre desemprego, excesso de mão-de-obra qualificada e conseqüente enfraquecimento da categoria profissional. Ou seja, o técnico que se oferece divide a sua categoria profissional, pois facilita que o dirigente exerça seu poder.

Em pleno desenrolar da Copa do Mundo de 1990, o Jornal do Brasil publicou um caderno com a visão de vários intelectuais sobre o Futebol, e estas servem como uma reflexão sobre este fenômeno que atrai milhões de pessoas em todo o mundo, porque apontam para aspectos que talvez tenham sido pouco questionados.

Dentre todos os enfoques, um que sobressai, principalmente pela sua visão crítico-prospectiva, é o de José Carlos Sebe Bom Meihy (1990) que analisa a importância do Futebol como fator de reflexão sobre o novo "destino esportivo" (p. 7), caracterizando este desporto e outros, "como um direito e não um favor delegado por grupos dirigentes" (p. 7).

A visão do autor é ousada e pertinente, pois ao fazer a correlação entre o momento esportivo e o momento político − via Futebol − aponta para mudança de atitude em relação ao desporto. Seguindo sua crítica, Meihy (ibid) identifica dentro do meio uma tendência que em sua opinião só serve para retardar a evolução do desporto, "como fenômeno de massas, o esporte tem que ser encarado

como parte inerente do sistema e deixar de ser uma espécie de território de ufanistas falsos e nacionalistas espertos" (p. 8).

Os falsos ufanistas mascaram uma realidade que não gostamos de ver: o domínio da arte do Futebol já não só nos pertence − aliás não sabemos se chegou a pertencer −, e ao insistirmos nessa tecla deixamos e analisar nossos problemas. Os nacionalistas espertos − ou ingênuos − apontam soluções imediatistas, às vezes demagógicas, como se estas resolvessem problemas que no fundo têm uma história mais profunda.

Afirmações precipitadas só servem para a perpetuação de situações indesejáveis, pois não iluminam a discussão. Dizer simplesmente "chega ser irônico que Lazaroni decrete que Dunga é o novo paradigma do jogador brasileiro. Agora é o confisco da criatividade" (REIS, 1990), é perceber a situação apenas pelo aspecto que interessa à elaboração da crítica, sem mostrar o que o técnico tentou realçar na atuação sistemática do jogador.

De acordo com o conceito de "dramatização" (DaMATTA, 1986), citado no Capítulo III, podemos concluir que toda essa preocupação com o Futebol, manifestada pelas várias críticas, ensaios, programas de televisão, e até manifestações públicas, devem ser entendidas como o que ele chama de "horizontalização do poder" (ibid., p. 112), decorrente de uma sociedade que tem dificuldades de se fazer ouvir e de uma certa forma "escolheu" o Futebol como veículo de comunicação, para se manifestar.

Unindo as análises de Meihy e DaMatta, vemos que elas se complementam e nesse aspecto sugestões que surjam a partir destas reflexões estarão perfeitamente situadas dentro de uma perspectiva da

Teoria Crítica, porque ao falarmos no nosso Futebol devemos ter em mente tudo que interfere nele, e no que queremos que ele se transforme.

A atual estrutura de poder precisa e deve ser mudada para que o Futebol saia da crise em que se encontra. Entretanto, apesar dessa crise − e a partir dela − é que devemos realçar a importância do Futebol como veículo educacional. É dentro dele, efetuando a discussão de suas ambivalências, de seus conflitos que iremos seguramente chegar a uma nova realidade, e aí então teremos atingido nosso objetivo.

> "O significado humano e educativo do desporto é garantido quando cada um rende o mais que pode sem sentir que isso é uma obrigação imposta do exterior; quando cada um não assume mais do que é capaz, mas simultaneamente esgota suas possibilidades de empenhamento e rendimento" (BENTO, p. 38, 1990).

Considerando-se o que diz Jorge Olímpio Bento, vemos que esta afirmação é um ponto referencial para começarmos a criticar muitos dos fatos relatados até aqui, e seguramente repercutem negativamente na nossa sociedade. O cinismo que o jogador "aprendeu" a viver em campo cometendo algumas violências e fingindo que nada aconteceu; a forma indigna com que dirigentes tratam jogadores nas relações de trabalho; a manipulação inescrupulosa das competições, são efetivamente violações externas que prejudicam o empenho e o rendimento de quem quer que seja.

Concluindo, diremos que é fundamental uma crítica forte à atual estrutura para que num futuro se construam outras formas na organização social do Futebol.

NOTAS

1. O autor se refere a todos os movimentos populares que, por serem revolucionários, foram reprimidos violentamente. O Quilombo dos Palmares, a Cabanada, a Balaiada, os Canudos, o Contestado, os Muckers e a revolta da Chibata são citados pelo autor. Ressalta ele também que a classe trabalhadora sempre foi tratada como potencialmente perigosa, sendo muitos dos seus líderes desterrados ou deportados. Concluindo, o autor diz que somente em 1964 nossa índole de pacifistas desaparece pois a violência política da repressão passa a ser encarada como problema nacional. Entretanto, quando os meios de comunicação falam de violência referem-se quase que exclusivamente à delinqüência, omitindo vários outros tipos de violência, tais como miséria, desnutrição e outros que ocorrem por conta de um contexto social desumano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CIRANDA dos técnicos brasileiros. Jornal do Brasil (C), Rio de Janeiro, 10 dez. 1989, Esportes, p. 46.

ANDERSON, Charles e GIBSON, J.R. Toward a new sociology. Homewood: The Dorsey Press, 1970.

ARTIMANHAS rubro-negras para coagir o atacante. Jornal do Brasil (b), Rio de Janeiro, 28 jul. 1989, Esportes, p. 21.

ATLETAS do Fluminense deixam o campo para brigar nas arquibancadas. Jornal do Brasil (a), Rio de Janeiro, 16 mar. 1989, Esportes, p. 31.

BATISTA, Nilo. Futebol e violência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 mar. 1989, 1º Caderno.

BENTO, Jorge Olímpio. Desporto e Ética. Atas do Fórum Desporto Ética e Sociedade. Porto: Universidade do Porto, 1990.

CLARKE, John. Football and working class fans: tradition and change. In: INGHAM, R. (ed.). op. cit.

DALLARI, Dalmo. Violência e crime no esporte: Folha de São Paulo. São Paulo: 22 jul. 198. Cidades, p. 12.

DaMATTA, Roberto. Explorações/Ensaios de uma Sociologia Interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

INGHAM, R. (ed.) Football Hooliganism: the wider context. London: Inter-Action, 1978.

MARACANÃ sem armas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 ago. 1989. Esportes.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A crise da crise de uma arte. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 jun. 1990. Idéias-Ensaios, p. 7.

OLIVEN, Ruben George. Violência e Cultura no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986.

PAZ Júnior, Aloysio Campos da. Medicina não é comércio. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 2 jul. 1989. Caderno Especial, p. 8.

PEREIRA, Jair. In: A ciranda dos técnicos brasileiros. Jornal do Brasil, op. cit.

RODRIGUEZ, João Carlos. Uma paixão em crise. Rio de Janeiro: Afinal, 11 ago. 1987.

REIS, Ney. Mais um Vietnã de chuteiras? Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 jun. 1990. Idéias-Ensaios, p. 9.

SALDANHA, João. Meus Amigos. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.

_____. O incêndio. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 jul. 1989. Esportes, p. 19.

_____. O mandante do crime. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 out. 1989. Esportes, p. 21.

SANTOS, Joel Rufino dos. A história política do Futebol Brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TAYLOR, Ian. On the sports violence question: Soccer hooliganism revisited. In: HARGREAVES, Jeniffer (ed.) Sport, culture and ideology. London: Routledge Kegan Paul, 1982.

VENTURA, Mauro e colaboradores. Torcer até morrer. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 mai 1989. Revista de Domingo, p. 28.

CAPÍTULO V

MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO O ANO DE 1989

Este capítulo tem como objetivo (a) deixar consignada a abordagem metodológica adotada; (b) mapear as manifestações de violência no futebol encontradas no estudo; (c) apresentar a interpretação dada às manifestações de violência mapeadas pelo estudo.

Na primeira parte, o capítulo relata como o trabalho foi desenvolvido nas três fases (pré-analise, exploração do material e tratamento dos dados/interpretação) que a abordagem metodológica adotada − análise de conteúdo − abrange. Nesta parte, o capítulo destaca o sistema de categorias criado com base em uma conceituação de violência.

Na segunda parte, o capítulo inclui os resultados obtidos, mapeados por categoria, com percentuais e exemplos em cada uma.

Finalmente, na última parte, o capítulo apresenta as interpretações dos resultados obtidos, feitas com base em elementos da Teoria Crítica.

A abordagem metodológica seguida obedeceu às três fases da análise de conteúdo sugeridas por Laurence Bardin (1977): "1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação" (p. 95).

Na pré-análise, efetuou-se uma leitura flutuante tendo como objetivos: (a) buscar inspiração para a criação de um sistema de categorias; (b) constatar a possibilidade de aplicação de técnicas usualmente utilizadas na análise de materiais análogos; (c) verificar a possibilidade de uso de elementos da Teoria Crítica para a interpretação dos resultados.

A seguir, partiu-se para a escolha do universo dos documentos de análise, recaindo a escolha em dois jornais: O Globo e o Jornal do Brasil. Estes dois jornais, no Rio de Janeiro, são os que proporcionam mais ampla cobertura jornalística nacional sobre o futebol, com algumas colunas sendo reproduzidas em vários jornais de todo o país. Foram eles também escolhidos por serem representativos das duas tendências então dominantes na política brasileira − a conservadora (O Globo) e a liberal (Jornal do Brasil). Não foi possível incluir nenhum jornal de esquerda pois estes não incluem matérias cobrindo atividades como o futebol. Exclui-se também a imprensa sensacionalista porque esta ao apelar para este enfoque, se torna superficial.

Ao circunscrevermos a jornais o universo dos documentos de análise não podemos deixar de reconhecer que isto cria uma limitação ao estudo da questão da violência no futebol. Evidentemente, algumas formas perpetradas de violência no futebol não aparecem na imprensa e poderiam ser reveladas por outro tipo de abordagem. Entretanto, julgamos que três critérios servem para apoiar nossa escolha: (a) representatividade (as publicações em jornais são uma amostragem categórica, representativa, do universo das manifestações de violência no futebol; (b) homogeneidade (os documentos obedecem a critérios de escolha precisos e não apresentam excesso de singularidade dos critérios de escolha; (c) pertinência (os documentos são adequados como fontes de informação em relação ao objetivo da análise).

O "corpus" de análise ficou composto pelas notícias, manchetes, fotos, artigos de fundo e crônicas especializadas, encontradas no "Jornal do Brasil" e "O Globo" durante o ano de 1989, (Anexo 1). Neste ano foram realizadas as seguintes competições: Finais do Campeonato Brasileiro de 1988; Campeonato Carioca de 1989; Amistosos da Seleção Brasileira, no Brasil e no exterior. Copa América 1989, Amistosos da Seleção Brasileira; Eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, Copa Brasil e Campeonato Brasileiro de 1989.

O material foi coletado na Biblioteca Nacional e Biblioteca Estadual, entre 1 de janeiro e 31 de março de 1990, quando se analisaram todos os exemplares dos dois jornais.

A partir de reflexões apresentadas no Capítulo 10, elaborou-se um conceito de Violência, mesmo sabendo ser difícil construir um que fosse completo.

Inicialmente faz-se uma ressalva quanto ao uso do termo agressividade, que muitas vezes nos desportos é usado como sinônimo de determinação, tentando dizer que o jogador ou time "devam ser agressivos procurando sempre a vitória". Entendemos que agressividade é uma das várias formas de violência e neste trabalho será tratada como tal.

Também é importante ressaltar que entendemos que toda violência é "intencional". Pode ser até que uma segunda pessoa − ou grupo − seja atingido indiretamente, mas este fato não a descaracteriza como violência, pois havia originalmente uma intenção dirigida a alguém ou a um grupo.

Outro aspecto que deve ser lembrado é que violência não é somente, e "fundamentalmente o uso de força proibido por lei" (RICH, 1982, p. 82).

Dentro do contexto que vimos examinando, fatos nos induzem a considerar como violência, neste trabalho, atos que se caracterizem como tal, mesmo quando perante a lei ficam difíceis de assim serem qualificados.

Portanto, partindo desses pressupostos, conceitua-se, para fins este estudo, violência no futebol como "todos os atos intencionais, cujo objetivo seja causar mal físico, psicológico, moral ou sofrimento a alguém, cometidos em locais como campos de jogo ou treinamento, vestiários, estádios e adjacências, salas de imprensa, de reunião de técnicos ou jogadores, salas e escritórios de dirigentes, e outros espaços físicos que sirvam ao desenvolvimento das relações de todas as pessoas direta ou indiretamente envolvidas com o Futebol.

Neste estudo consideraram-se as manifestações de violência, perpetradas em território brasileiro, independentemente de quem as cometeu (brasileiro ou não).

A conceituação adotada gerou o seguinte sistema de categorias:

a) AGRESSÃO FÍSICA

Entende-se por agressão física o ato e bater, surrar, espancar, causar mal físico a.

b) AMEAÇA

Entende-se por ameaça o ato e meter medo, anunciar castigo ou malefício, usar palavra ou gesto intimidativo.

c) COAÇÃO

Entende-se por coação o ato e constranger, forçar, pressionar, obrigar.

d) FRAUDE

Entende-se por fraude o ato de enganar, iludir, falsificar, adulterar.

e) FURTO/ROUBO

Entende-se por furto o ato de apoderar-se (de coisa alheia) sem que este saiba (furto) ou com uso de arma ou força física (roubo).

f) INDUÇÃO

Entende-se por indução o ato de instigar, incitar, sugerir, persuadir.

g) OFENSA

Entende-se por ofensa o ato de injuriar, melindrar, afrontar, molestar.

h) SUBORNO

Entende-se por suborno o ato de dar dinheiro ou outros valores, para mau fim.

i) VANDALISMO

Entende-se por vandalismo o ato de destruir, incendiar, quebrar, estragar por ignorância ou por estupidez, rebentar.

Os conceitos referentes a cada categoria foram baseados no Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1978) e no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (AULETE, 1964).

As categorias de análise são consideradas pertinentes, homogêneas e mutuamente exclusivas, a partir do momento em que se determina a intenção original (BARDIN, op. cit., p. 101).

O sistema de categorias criado foi validado segundo dois critérios: "exaustividade" como noção de validade e validade de conteúdo.

A exaustividade é considerada como uma das características fundamentais de um sistema de categorias. "A exaustividade supõe a definição prévia do universo de comportamentos a observar e envolve o problema da amostragem de váriaveis" (LEON et al., 1977). Vários autores (LECLERC, TURCOTTE, 1973; FARIA JÚNIOR, 1980), consideram como noção de validade a capacidade que tinha cada um dos sistemas de categorias que criaram ou utilizaram, de poder classificar todos os eventos que se propunham estudar. No estudo da exaustividade (como noção de validade) consideraram-se como universo todas as notícias, manchetes, fotos, artigos de fundo e crônicas especializadas, publicadas no O Globo e no Jornal do Brasil,

em 1989, que tivessem ligações com a violência no futebol. Os resultados obtidos com a utilização do sistema de categorias são claros e convincentes: em nenhum momento se deixou de poder classificar qualquer elemento daquele universo ou tornou-se necessário criar outra categoria para fazê-lo. Julga-se, portanto, lícito concluir que o sistema de categorias criado é "válido", sob a ótica da "exaustividade" como noção de validade.

Decidiu-se prosseguir no esforço de validação empregando uma estratégia denominada de validade de conteúdo. A importância da validade de conteúdo como processo de validação é reconhecida por vários autores (De LANDSHEERE, 1976; FARIA JÚNIOR, op. cit.). A "validade de conteúdo" é entendida neste estudo como a capacidade que tem um sistema de categorias de cobrir os aspectos fundamentais das principais conceituações de violência. Aproveitando-se da revisão da literatura efetuada examinaram-se as conceituações de violência de George Sorel (1950), Hanah Arendt (1970), Newton Garver (In: Care, 1973), Robert Audi (In: Shaffer, 1971), Ted Honderich (In: Care, 1973, John Martin Rich (op. cit.), Conrado Durantez (1987), Manuel Garcia Ferrando (1987). Os dois professores que participaram desse processo de validação não puderam encontrar qualquer aspecto fundamental das conceituações dos referidos autores que não estivesse incluído no sistema de categoria proposto. Por isto, sob a ótica da validade de conteúdo, considerou-se "válido" o sistema de categorias criado.

O sistema de categorias foi criado de forma a atender unicamente às necessidades deste estudo. Desta forma, julgou-se possível desenvolver o trabalho sem um estudo pormenorizado dos índices de fidedignidade do mesmo. Tomou-se apenas o cuidado de pré-testar o sistema de categorias analisando-se exemplares dos mesmos jornais, jornais referentes a 1989.

A seguir, estabeleceu-se a "unidade de registro" com sendo o "tema" − no caso violência − na forma conceituada anteriormente. A "unidade de contexto" adotada foi a "notícia", entendendo-se por notícia todos os relatos de uma dada manifestação de violência ocorrida.

Na segunda fase, "exploração de material", os documentos foram ordenados e identificados em ordem cronológica e os elementos do "corpus" separados por jornal. (ANEXO 1).

Na terceira fase, "tratamento dos resultados obtidos e interpretação", optou-se por uma dupla abordagem: quantitativa e qualitativa.

A abordagem quantitativa foi feita usando-se dois recursos da estatística: o primeiro, comparando as ocorrências das categorias umas com as outras, de modo a se identificar possíveis diferenças quantitativas de enfoque, dos dois jornais, no período analisado. Para tal, utilizou-se a ANOVA, seguida do "Teste de discriminação DHS de Tuckey" (LEVIN, 1985, p. 174)

A ANOVA compara o somatório de ocorrências em cada categoria nos dois jornais analisados, com a finalidade de estabelecer possíveis diferenças. O Teste DHS de Tuckey discrimina exatamente entre quais categorias as diferenças foram significativas.

O segundo recurso estatístico utilizado buscou comparar as categorias levando em consideração as freqüências em cada jornal. Ou seja, cada categoria com ela mesma, objetivando verificar se as diferenças obtidas eram significativas. Para isso, valeu-se do "Teste de

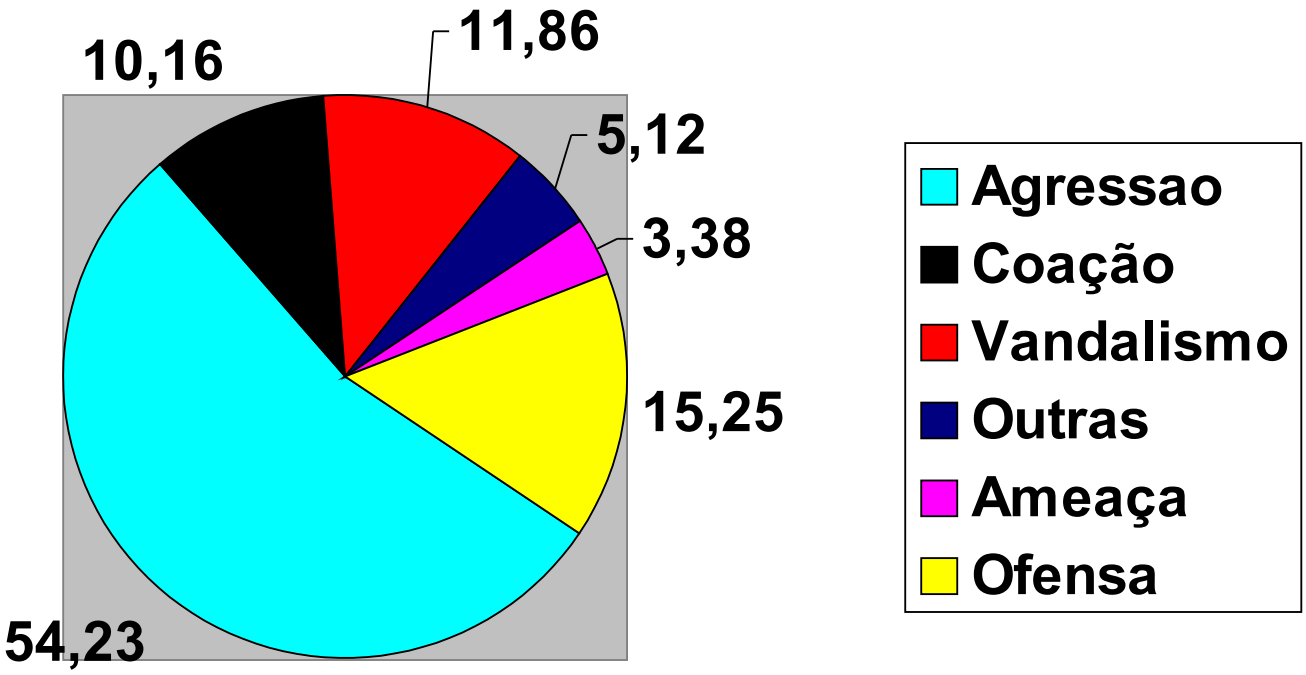
significância da diferença entre percentagens" (GARRET, 1974, p. 265).

A abordagem qualitativa foi feita através de interpretações feitas com base em três elementos da Teoria Crítica: (a) influência da base (modo de produção capitalista - fatores econômicos; (b) organização social do desporto (conflito de interesses de classes − categorias e grupos; grau de especialização dos profissionais; estrutura burocrática hierarquizada; aliança entre ciência e tecnologia; inculcação de ideologias e papel do estado como cúmplice do sistema de dominação e exploração. (c) cultura popular como parte da indústria da cultura e subculturas da juventude.

Nas duas páginas que se seguem, serão apresentados gráficos, com percentuais das categorias.

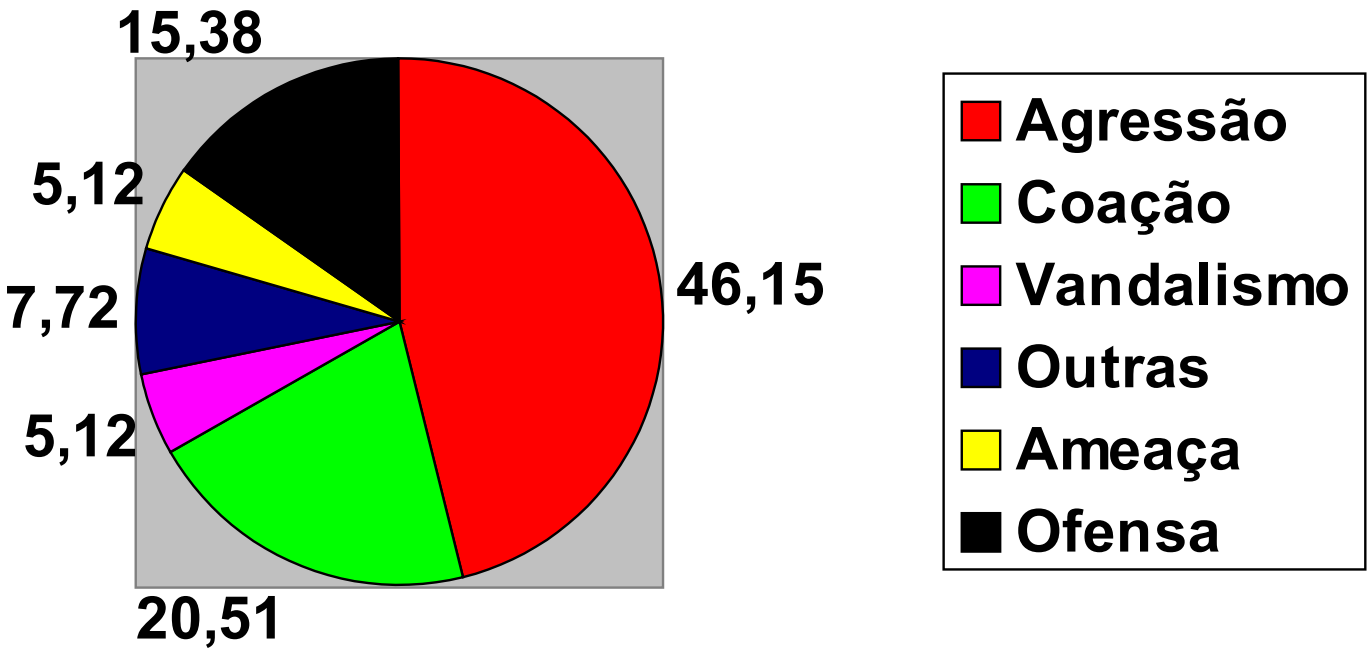
O GLOBO

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL



JORNAL DO BRASIL

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL



Nesta parte inicia-se a apresentação dos resultados.

a) Agressão Física

A agressão física seguramente foi o tipo de violência que mais ocorreu, com 47,43% no Jornal do Brasil e 54,23% no O Globo, principalmente em nível pessoal, e dentro dos campos de futebol. A maior incidência deste tipo de violência ocorreu na relação jogador/jogador, em seguida na relação torcida/torcida, sendo que as relações torcida/jogador, torcida/árbitro, dirigente/dirigente, jogador/dirigente e jogador/técnico foram as que apresentaram menores incidências.

Como exemplos temos: "Alcindo expulso por atingir com soco Serginho na semifinal do Brasileiro" (JB, Anexo I); "O apoiador Tobi usou sempre de violência par atentar conter o Cabofriense" (JB, Anexo I); "Clássico da paz paulista termina em briga de torcida. Apesar de campanha feita no início do jogo por jogadores e administração do estádio, no final as torcidas brigam" (JB, Anexo I), "Polícia Militar tem que intervir para separar brigas de torcidas" (JB, Anexo I).

b) Ameaça

Na pesquisa realizada, este tipo de violência se manifestou predominantemente em nível pessoal e interpessoal, e representou 5,12% no Jornal do Brasil e 3,38% no O Globo. Entretanto, um tipo de violência, em nível institucional que ficou constatado foi a ameaça aos árbitros feita pela Comissão Brasileira de Arbitragem do Futebol (COBRAF) de que não seriam escalados se estivessem movendo ação trabalhista contra a mesma (JB< Anexo I). Este fato evidencia que a independência dos árbitros fica ameaçada e suas atuações passíveis de influências. As outras relações constatadas foram, jogador/jogador, árbitro/jogador e torcida/dirigente.

Como exemplos tempos: "Troca de provocações entre Marcio Rossini e Edinho − quem entra no prejuízo é Edinho, só lembro a ele que o jogo será no campo do Bangu" (JB, Anexo I); "Comissão julga Aragão por prepotência. Árbitro é julgado por perseguir e ameaçar jogador durante o jogo" (JB, Anexo I).

c) Coação

Na pesquisa, o maior número de coações ocorreu no nível institucional, representando 20,51% no Jornal do Brasil e 10,16% no O Globo, ou seja, dirigentes pressionando árbitros, jogadores e técnicos para que se submetessem a suas vontades. Houve um equilíbrio no que se refere ao número de incidências por relação, ou seja, três ocorrências para cada uma das relações citadas acima.

Exemplos: "Cacau é barrado por ordem da diretoria. Por estar sem contrato, o jogador é barrado no momento da assinatura do contrato. A diretoria acha que o estará prestigiando caso jogue" (JB,

Anexo I); "Discussão entre Helal e Telê. Dirigente tenta escalar o time" (JB, Anexo I); "Viana admite pedir a inclusão e exclusão de árbitros a partir de seu julgamento" (JB, Anexo I).

d) Fraude

Representando 1,28% no Jornal do Brasil e 1,68% no O Globo − foi o único caso − entretanto, pela gravidade e pela forma como foi feita, despertou muita atenção da comunidade futebolística. O fato envolveu a participação do Brasil e Chile nas eliminatórias da Copa do Mundo de 1990. No segundo jogo realizado no Maracanã o time do Chile − especificamente seu goleiro − simulou uma contusão e todo o time se retirou do campo, quando perdia, tentando com isso uma possível anulação do jogo, e a tentativa da inversão do mando de campo.

A Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) puniu severamente o jogador com sua eliminação do Futebol profissional, puniu o Chile, e o Brasil ficou com o resultado previsto no regulamento, vitória por 2 X 0 (JB, Anexo I).

e) Furto/Roubo

Este tipo de violência foi noticiado duas vezes em nível institucional, representando 2,56% no Jornal do Brasil e 1,69% no O Globo.

Exemplos: "Evasão de renda em Minas Gerais. Porteiro e "cambista" são presos em flagrante quando revendiam ingressos" (JB, anexo I); "Funcionários roubavam ingressos. Coordenadoria afasta 117 funcionários suspeitos" (JB, Anexo I).

f) Indução

Esta categoria ocorreu predominantemente em nível institucional, com 3,84% no Jornal do Brasil e 1,69% no O Globo.

Exemplos: "O autor do projeto de construção do estádio da Fonte Nova, adverte para o problema dos riscos com a superlotação do estádio que recebeu 30.000 pessoas a mais do que comportava. Vários tumultos ocorreram na entrada do jogo" (JB, Anexo I); "Insinuações e provocações esquentam o campeonado gaúcho. Dirigentes insinuaram que goleiro favoreceu outro adversário" (JB, Anexo I).

g) Ofensa

Este tipo de violência ocorreu em maior escala na relação das torcidas para com os jogadores. Em menor escala na relação de jogadores para técnicos e de dirigente para dirigente, apresentando um percentual de 15,38% no Jornal do Brasil e 15,25% no O Globo.

Exemplos: "Ailton e Delacir os ´Judas´ de uma noite de tristezas. Torcida ofende os jogadores e os culpa pela derrota" (JB, Anexo I); "Discussão sobre o tabelamento dos preços das entradas. Presidente do Flamengo chama Eurico Miranda de 'débil mental'" (JB, Anexo I).

h) Suborno

Incidências de violência não foram encontradas no exame dos dois jornais O que houve foi uma acusação de "tentativa de suborno" sem que entretanto ficasse provada a efetiva ocorrência do fato.

i) Vandalismo

Esta categoria, estritamente ligada à reação das torcidas, ficou por conta da violência cometida contra o patrimônio, seja "pichando" os muros das sedes dos clubes com ofensas e exigências, seja quebrando, estragando ou provocando incêndios em estádios durante ou logo após o final dos jogos. Isto representou 5,12% no Jornal do Brasil e 22,86% no O Globo.

Apesar de não ter ocorrido em grande número, verificou-se também o vandalismo como conseqüência de encontro e briga com outras torcidas, contra estabelecimentos comerciais.

Exemplo: "Tumulto na Gávea no protesto dos torcedores contra a venda de Bebeto. Torcedores jogam boneco em chamas sobre toldo que pega fogo e provoca tumulto" (JB, Anexo I).

Análise dos Jornais

A análise quantitativa dos dados revelou que há diferenças significativas entre as ocorrências nas categorias, mas que se manifestam unicamente no que concerne à relação da categoria "agressão física" com as demais. Isto significa que, sob o ponto-de-vista do somatório total de notícias, os dois jornais noticiaram com a mesma ênfase as outras sete categorias, no que toca à quantidade de incidências. Apenas a categoria "agressão física" destacou-se de forma significativa, sendo nitidamente o enfoque preferencial (Figuras 1 e 2). Isto pode ocorrer pela associação entre a maior ocorrência que realmente existiu nessa categoria e o interesse da imprensa em noticiá-la, em virtude da grande atração que desperta.

A análise da diferença de percentagens, por outro lado, demonstrou que a única categoria onde houver diferença significativa entre o número e abordagens de um jornal em relação ao outro foi a de "coação". As demais equivaleram-se estatisticamente. Isto pode ser explicado pelo fato de que este tipo de violência foi perpetrado predominantemente pela categoria dos dirigentes. Um jornal com características mais conservadoras tende a omitir notícias que revelem ações que possam abalar o prestígio da autoridade constituída (dirigente). Finalmente, seria interessante ressaltar a diferença de ocorrências na categoria "vandalismo", ainda que estatisticamente possam ser consideradas iguais. Mais uma vez manifestaram-se as tendências conservadoras do jornal O Globo ao relatar as incidências de vandalismo geralmente praticadas por indivíduos da classe trabalhadora. Concluindo, silencia sobre a violência dos dirigentes, ao mesmo tempo que dá destaque à do torcedor.

Do ponto-de-vista qualitativo, mesmo considerando o O Globo um jornal "conservador" e o Jornal do Brasil um jornal "liberal", não foi possível notar diferença significante nos relatos de pressão exercida por cada jornal em relação ao relato dos incidentes noticiados.

Os dois jornais reclamaram melhor policiamento, punições mais severas em relação às ocorrências verificadas e defenderam o reforço à autoridade.

A maior diferença deu-se por parte do Jornal do Brasil ao publicar artigo central assinado pelo advogado Nilo Batista, ex-secretário da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que propunha o enquadramento da violência cometida no campo de futebol, em artigo do código penal:

> "quando o jogador abandona as normas da competição [...] e visa inequivocamente a atingir a integridade corporal do adversário, o que temos é o crime previsto no artigo 129 do Código Penal" (Jornal do Brasil, 7/3/89, p. 10).

As notícias sobre violência no futebol publicadas no O Globo e no Jornal do Brasil silenciam sobre dois aspectos que a revisão da literatura apontou como importantes: o amplo "contexto sócio-econômico" e o "contexto biográfico" dos indivíduos envolvidos nos incidentes violentos. As questões do desemprego e do sub-emprego, dos baixos salários da classe trabalhadora, da perda do poder aquisitivo da população, os períodos de recessão e o injusto sistema de distribuição de renda no Brasil não entram nas análises dos jornais sobre os incidentes violentos no Futebol.

A preocupação com aspectos sociais e políticos destaca-se nas crônicas do jornalista − conhecido por sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro − João Saldanha, que em suas crônicas sobre o Futebol, muitas vezes inclui essas relações (JB, 31/10/89).

Resumindo, os dois jornais desenvolveram, ao longo do período examinado, ideologias sobre a violência no Futebol. Por exemplo, no tratamento dado às notícias, fotos e manchetes, a violência não apareceu vinculada às transformações ocorridas na experiência social e econômica da classe trabalhadora nos últimos vinte e cinco anos.

Pela leitura do material examinado, foi possível caracterizar uma diferença no "tratamento jornalístico de impacto" dado pelos jornais. Assim, O Globo, utilizou fotografias publicadas na primeira página para

destacar detalhes de agressões físicas entre torcedores (O GLOBO, 30/10/89).

O Jornal do Brasil também publicou fotos, como a de André Barcinski, onde aparece o vasto arsenal de armas utilizadas pelas torcidas no Maracanã. A Torcida Independente do São Paulo, cujo slogan "se é para matar se é para morrer", apresentou-se para o jogo com uma "afiada lança feita de bambu" que aparece destacada na fotografia por um círculo. Entretanto, estas fotos sobre violência no Futebol não ganharam a primeira página desse jornal (ANEXO II).

As charges como a de Liberati, no Jornal do Brasil de (16/3/89), ilustrando crônicas sobre violência, integram também aqueles tratamentos de impacto (ANEXO II).

Em 1989, nenhum dos dois jornais publicou "caderno especial" sobre violência no futebol, fato verificado no ano anterior.

Na análise do material, não foi possível constatar que os jornais examinados antecipavam um conjunto de projeções e de tensões e forma a alimentar um estado de incerteza, fornecendo argumentos e estimulando a imaginação dos indivíduos, a um clima propício a manifestações de violência. Não se pode notar, também, uma repetição constante de reportagens jornalísticas contribuindo para uma "tematização" em torno da violência no Futebol.

Desta forma, a possibilidade levantada por Taylor (1985), Selosse (1989) e Clayes (1986) de que a "mass media" estaria criando um ciclo estímulo/resposta no que concerne à violência no Futebol, não pode ser constatada, na realidade brasileira, pelo presente estudo, considerando-se a sua limitação.

Na "interpretação dos resultados" que se segue sobre a violência no Futebol brasileiro, feita à luz da Teoria Crítica, começa-se por discutir a questão da "organização social do futebol profissional", no Brasil.

O futebol profissional hoje em dia tem tanto de jogo como de relação e poder. Os jogadores ao jogarem "trabalham" e, na busca de sucesso no trabalho, reproduzem o mesmo tipo de luta, violenta ou não, que se encontra na sociedade.

Nesse sentido, pode-se inferir que ocorreu, por parte dos dirigentes, a exploração de trabalhadores do futebol − jogadores − seja no interesse do aumento da produtividade e dos lucros, seja da promoção clubística ou do prestígio nacional.

Assim, na situação em que tendo sido um jogador incluído na Seleção Nacional, dirigentes se revoltaram quando souberam que este não seria mantido na equipe até o final da competição. Com ofensas e pressões, exigiram dos dirigentes da C.B.F. que este jogador voltasse a integrar o grupo. Esta atitude colocou a opinião pública da cidade contra a Seleção Nacional. Logo na primeira partida que o Brasil realizou neste Estado (Bahia), a Seleção foi vaiada e ofendida, para espanto geral. Como conseqüência − por coincidência ou não − o jogador foi reintegrado à Seleção Nacional.

Analisando-se o fato, percebe-se que, para atingirem seus objetivos, usam de qualquer artifício mesmo que tenham que jogar a opinião pública contra a Seleção Nacional e desrespeitar a opinião do técnico.

Tentando refletir sobre a questão dos "interesses conflitantes" no quadro da organização social do Futebol, começa-se por pensar que grande parte das torcidas que freqüentam os estádios de futebol não pertencem ao quadro social dos referidos clubes. Entretanto, estas torcidas têm como interesse imediatista que o clube tenha um grande time, para ganhar todas as competições de que participe. Como conseqüência acontecem as cobranças com pichações ofensivas e exigências, no sentido de o futebol ser privilegiado em relação a outros desportos no clube.

Estas manifestações, apesar de violentas e negativas, podem ser interpretadas como uma tentativa da torcida de "pertencer" realmente a um clube e como tal interferir em seus destinos. Entretanto, como a condição sócio-econômica os impede de efetivamente ingressarem no quadro de associados do mesmo, reagem daquela forma.

A entrada no mundo do futebol de pessoas ligadas à "contravenção" parece não alterar o quadro relatado anteriormente. Os contraventores no papel de dirigentes desportivos, assumem o discurso da classe dominante, pedindo a responsabilização dos chefes de torcidas, acusando grupos de se infiltrarem nas torcidas organizadas para prejudicar o desporto e exigindo punições. "Emil Pinheiro se declara a favor de se responsabilizarem os chefes de torcidas organizadas, quando elas participam dos tumultos" (...) ou se dá condições dos pais irem aos jogos com seus filhos, ou se deve ser severo com os baderneiros (JB, 10/12/90).

No Capítulo II, mostramos como Jorge Olímpio Bento (1988), argumenta que a procura do lucro é uma conseqüência lógica da profissionalidade e da comercialização e traz no seu bojo, o perigo da vitória a todo custo de jogadores (compráveis e vendíveis).

Muitas manifestações de violência vinculam-se a um estímulo que visa impulsionar o jogador a vencer a qualquer custo, de forma a atender interesses de produtividade e lucro da categoria dos dirigentes.

O grande percentual de violência − agressão física − ocorrido dentro do campo entre jogadores pode, à primeira vista, levar a uma conclusão precipitada, culpando-os. Entretanto não consideramos os jogadores como os maiores responsáveis por tais fatos, visto que a categoria dos dirigentes − que detém o poder em quase todos os aspectos − por "interesses conflitantes" com os dos jogadores, induz a situações cujas conseqüências muitas vezes se desdobram em violência. Muitas reações dos jogadores sem campo são conseqüência de estarem eles submetidos a um sistema altamente competitivo, manipulável e "selvagem" onde os interesses conflitantes oriundos da estrutura sócio-econômica afetam as relações interpessoais e institucionais. Apesar de serem "sujeito" das ações, pois efetivamente as praticam, de fato as praticam dentro de um contexto em que são "objeto" das ações dos outros.

Exemplo marcante foi o acontecido durante as negociações da renovação do contrato de um dos maiores ídolos do time − com escalação assegurada na Seleção Nacional. Os dirigentes não acreditaram na afirmação do jogador de que havia recebido excelente proposta e que portanto gostaria de acertar seu próximo contrato em torno daquelas cifras. Preocupados com a grande valorização que este jogador tinha alcançado no mercado, o menosprezaram, pois achavam que o alegado podia ser uma manobra do jogador e de seu procurador. Quando perceberam que a transação do jogador com o outro clube ia realmente se efetivar, tentaram, de todas as formas, coagir o jogador a

não assinar o contrato, ameaçando sua segurança e insinuando que algo poderia acontecer com ele e/ou sua família.

Esta fato ganhou destaque porque o jogador sempre teve grande carisma no clube do qual saiu e nitidamente manifestou, com afirmações e atitudes, que não desejava sair deste.

No desdobramento desta ocorrência, na primeira vez que enfrentou o antigo clube o jogador − além de ofendido pela torcida que antes o idolatrava − quando provocado por um ex-colega, reagiu violentamente atingindo-o com um soco.

Outro exemplo: ao analisar-se a violência através da categoria coação, constatou-se que no momento de efetuar a contratação de determinado jogador − tendo sido comunicado pelo departamento médico de seu clube que este portava defeito congênito que podia ocasionar futuros problemas − o dirigente ofereceu uma proposta salarial extremamente baixa, aproveitando-se do laudo médico.

Ora, se o jogador realmente portava tal deficiência, a atitude do dirigente deveria se a de não se interessar pelo trabalho do futebolista, aconselhá-lo a se tratar, ou procurar outra profissão. Entretanto, a irrisória proposta feita pelo dirigente demonstrou o desrespeito ao laudo do médico do clube e, aliado à irresponsabilidade de tal contratação, marcada pela exploração da situação do jogador.

Tal atitude reflete a mentalidade extremamente desumana e mercantilista do dirigente que não hesitou em se aproveitar do momento para auferir lucros, mesmo tratando alguém indignamente.

É claro que, submetido a um sistema econômico e social perverso, o jogador aceitou a proposta; jogou durante dois campeonatos sem sofrer qualquer lesão, mas provavelmente com ressentimento, o que pode ser base para atitudes violentas dentro de campo (JB, 12/9/89).

Da mesma forma que a estrutura sócio-econômica afeta a vida profissional do jogador, afeta também a de outros profissionais que militam no Futebol.

A inserção num mercado de trabalho que faz com que haja sempre um técnico esperando o outro cair para tomar-lhe o lugar (o exército de reserva de Marx) possibilita aos dirigentes pressionarem e coagirem os técnicos. Vivem eles sempre o fantasma da necessidade de vencer imediatamente, sem poderem realizar um trabalho a longo prazo. Numa incidência de violência constatada, verificou-se o caso de determinado técnico que, além de ter sido campeão no ano anterior pela categoria de juniores e ao ter sido chamado para dirigir a equipe principal, conseguindo com ela obter o terceiro lugar no Campeonato Nacional, não conseguiu evitar pressões que levaram a sua demissão.

A competitividade exacerbada tem acarretado algumas manifestações de violência. Inclui-se agora um exemplo da categoria fraude que, embora tenha apresentado baixos percentuais nos dois jornais, destacou-se pela repercussão que teve, uma vez que ocorreu em jogo internacional que atraiu muita atenção.

Num jogo entre Brasil e Chile, o goleiro do Chile, aproveitando o fato de uma torcedora brasileira lançar um foquete de sinalização para dentro do campo, simulou uma queimadura e feriu-se com um objeto que já trazia consigo. O time chileno serviu-se desta situação e,

alegando falta de condições de segurança no estádio para continuar a partida, retirou-se de campo.

No desdobramento dos fatos, a FIFA deu a vitória ao Brasil, como o regulamento previa, pois comprovou que toda a situação foi uma grande fraude armada por várias pessoas: alguns membros da comissão técnica do Chile foram punidos e seu goleiro eliminado definitivamente do futebol profissional.

Evidentemente a fraude, e principalmente a forma como foi feita, se caracteriza como tentativa de simular uma situação, aproveitando-se do regulamento ou das regras da competição. Portanto, podemos também classificar como sendo uma violência derivada da organização social do desporto que gera uma exacerbação da competitividade, levando à tentativa de vitória a qualquer preço.

Anualmente milhares de jovens e crianças se apresentam aos clubes de Futebol na expectativa de se tornarem jogadores desses clubes e profissionais de sucesso (JB, 02/12/90, p. 30). No Vasco da Gama, por exemplo, em 1990 dez mil pessoas se apresentaram ao clube para se submeterem ao teste de seleção (O Globo, 2/12/90, p. 84). São as ideologias da "igualdade de oportunidades" em funcionamento, procurando incutir o valor do mérito individual como se lê nos comentários de Wagner Rossi (1980), incluídos no Capítulo II e de Ruben George Olien (1986) no Capítulo III. É importante lembrar ainda que a merotocracia acirra a competição e que esta pode gerar violência. Entretanto, a imprensa relata dramas de todas as espécies. Por outro lado, muitos daqueles são menores, que já viveram a dura experiência de perambular pelas ruas vendendo alguma coisa. Falta de alimentação, verminose, cáries, baixo nível de nutrição, carência afetiva e convivência com a violência são problemas comuns nas divisões de base dos clubes, e que acabam refletindo no futebol profissional.

Em resumo, os exemplos apontados anteriormente mostram como o Futebol inculcou (ou expressou) aspectos ideológicos do capitalismo tais como, individualismo exacerbado, egoísmo, competitivismo exagerado e autoritarismo.

No que se refere à organização social do Futebol, o estudo ainda revelou um alto grau de especialização dos profissionais nele envolvidos. Tomando-se como exemplo a preparação da Seleção Brasileira para as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, observou-se a divisão do trabalho por especialistas − técnico, auxiliar técnico, preparadores físicos, treinador de goleiros, médicos, massagistas, roupeiros, "espião" [1]. Essa estrutura, ainda que de uma forma numericamente reduzida, apareceu reproduzida nos clubes de Futebol que disputaram os diferentes campeonatos em 1989.

A organização social do Futebol revelou também uma estrutura burocrática e hierarquizada, quer seja em nível de confederação e federações, quer seja em nível de clubes. Encontraram-se assim funções como vice-presidente de futebol, vice-presidente de desportos.

O alto grau de especialização da estrutura burocrática e a hierarquização são a réplica dos aspectos principais da moderna racionalização do processo de produção.

Como se viu no Capítulo II, (Rossi, op. cit.) ressalta como a inculcação ideológica se faz no sentido de tornar um competidor cada indivíduo, na sociedade capitalista. Essa inculcação, como se leu, acontece por acaso. Considera-se o montante de dinheiro que, por exemplo, é investido em pesquisas buscando o aperfeiçoamento físico e a sofisticação de equipamentos para aprimorar a performance humana.

O futebol brasileiro, no ano estudado, revelou uma aliança com a ciência e tecnologia. Foram aplicados métodos científicos de treinamento, realizados exames médicos e provas de avaliação feitos em laboratórios de universidades, visando melhorar a produtividade e a quantificação da performance. Isto ficou muito evidente nas notícias publicadas por ocasião da preparação da Seleção Nacional para as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1990.

Métodos científicos de administração e gerência são também aplicados em clubes. Por exemplo, o diretor de Futebol do Grêmio de Porto Alegre, Túlio Macedo vem, desde 1982, organizando um arquivo, que mostra em que condições estão os principais jogadores em atividade no futebol brasileiro e no exterior. Neste arquivo estão registrados vários aspectos, desde a qualidade técnica dos atletas ao comportamento fora do campo (JB, 5/12/90, p. 15).

A organização social do futebol brasileiro desempenhou uma parte importante no treinamento visando à docilidade da força de trabalho. Inculca ela a aceitação de um tipo de disciplina de trabalho altamente desumana (extenso calendário de campeonatos elaborados sem a participação dos jogadores, fato que os obriga a se submeterem a uma rotina de treinamento não padronizada e extenuante, concentrações prolongadas, "caixinhas" para a punição e atrasos etc...).

No momento da pesquisa ficou constatado que os dirigentes dos clubes mais importantes eram homens de negócio (empresários e comerciantes), profissionais liberais e políticos [2]. Tais dirigentes orientaram fortemente seus clubes em direção aos interesses da classe média. Vêem o futebol e maneira diferente da dos torcedores aficcionados, quase todos da classe trabalhadora.

O Estado, representante dos interesses capitalistas, interferiu neste período como cúmplice ativo do sistema de dominação e exploração, visto que ao repetir os mesmos procedimentos adotados pelos clubes reforçou este sistema.

Um exemplo de ocorrência, que evidencia a interferência da CBF, atuando contra os interesses dos jogadores, foi aquela em que estes foram pressionados a jogar as finais do Campeonato Brasileiro de 1988 em pleno período de férias, contrariando a legislação.

Somente em 1990, aparecem evidências de que o Estado cede a reivindicações dos atletas profissionais concedendo-lhes alguns benefícios; mesmo assim num universo de 24 itens, lhes nega 16 e concede 8, sendo que todas as concessões apresentaram uma votação de 4 a 3 em favor dos atletas, ou seja, o Estado concede, mas com grande resistência (JB, 27/11/90).

Outro exemplo de interferência do Estado, foi a construção de estádios monumentais, em vários pontos do Brasil: Castelão, em Natal; Rei Pelé, em Maceió e Lourival Batista, em Aracaju, que no ano da pesquisa haviam se transformado em "elefantes brancos", todos abandonados e com problemas de manutenção (JB, 12/3/89).

Em resumo, pode-se constatar, que o Futebol representa, através de sua organização social, um microcosmo da sociedade capitalista, enquanto parte do sistema de dominação e exploração de classe (e grupos e categorias).

A dificuldade de conceituar "cultura popular", de forma ampla e completa, não impediu que a Teoria Crítica considerasse o Futebol como uma de suas manifestações (GIBSON, 1986, p. 72).

Como se viu no Capítulo VI, quando a cultura popular torna-se parte da "indústria da cultura", submetendo-se progressivamente a pressões comerciais, ela fica sob a censura dos teóricos críticos.

As pressões comerciais sobre o Futebol foram exercidas tanto pelo Estado quanto pela iniciativa privada. Propaganda em estádios, fixação de prêmios por vitórias − que induzem à exacerbação da competição −, cobrança de altas taxas para utilização de estádios estaduais e municipais, assinatura de contratos com empresas privadas para propaganda das mesmas, foram algumas das manifestações de comercialização.

Na decisão do Campeonato Brasileiro de 1988 a Federação Bahiana de Futebol permitiu a venda de cerca de 30.000 ingressos além da lotação prevista para o estádio. Com esta superlotação, vários tumultos ocorreram na entrada do jogo, sendo que tal situação poderia ter ocasionado sérios acidentes, talvez até mesmo uma tragédia.

Somente após a ocorrência destes fatos, e por pressão da opinião pública, o governador do Estado da Bahia interferiu pessoalmente proibindo a venda em excesso de ingressos para o jogo seguinte.

Numa ocorrência que teve início durante as eliminatórias realizadas em 1989 e que culminou na fase final de preparação da Seleção Nacional para a Copa do Mundo de 1990, envolvendo a iniciativa privada e CBF, tem-se mais um exemplo de comercialismo (e

de interesses conflitantes) no Futebol. Os jogadores que integravam a Seleção Nacional recusaram a posar para a foto oficial exibindo o logotipo da multinacional Pepsi − que havia assinado um contrato de exclusividade com a CBF. Para isso, no momento da foto, cobriram com as mãos o referido logotipo. Tal fato deveu-se a uma discussão quanto ao valor do percentual a que tinham direito. Como conseqüência criou-se um clima de tensão e troca de acusações, provocando insatisfação e desconfiança que se prolongou até o momento dos jogos. Quando o Brasil foi eliminado as acusações e uma vez mais os jogadores foram acusados de "mercenários".

Ainda dentro do aspecto "indústria da cultura" é importante não esquecer que o Estado tem procurado legitimar-se através do Futebol. Foi assim durante o Estado Novo quando Getúlio Vargas, a cada 1º de maio, fazia promover um grande encontro de Futebol, no estádio do Vasco da Gama, de forma a reunir uma grande multidão que além de assistir ao jogo, era obrigada a escutar os seus discursos.

Durante a Ditadura Militar pós-64, a vitória na Copa do Mundo do México, em 1970, foi usada: para mostrar a excelência do regime; para distrair a atenção do povo dos problemas sociais e econômicos que o país enfrentava; como manobra diversificadora das críticas internacionais em relação às violações dos direitos humanos que aqui eram perpetradas (FARIA JÚNIOR, 1987). Na década seguinte, continuaram as interferências, com o Campeonato Nacional sendo crescentemente manipulado, com a inclusão de vários times, segundo os interesses políticos do Estado. Recentemente, o presidente Collor de Mello insinuou-se de modo a participar de um treinamento da Seleção Nacional, em Teresópolis, com o objetivo de catalisar apoio político para seu governo. Tudo foi arranjado para que uma falta dentro

da área fosse cometida, de forma que o presidente pudesse ser encarregado da cobrança da penalidade máxima.

Concluindo, no Brasil, o Estado, nos últimos cinqüenta anos, vem se apropriando do Futebol objetivando sua própria legitimação.

Relembrando a importância que a Teoria Crítica atribui à cultura como elemento de autonomia, começa-se agora a discutir os resultados com base no conceito de "subculturas da juventude".

A Teoria Crítica argüiu que as subculturas da juventude devem ser entendidas como produto de forças estruturais: classe, trabalho, desemprego, raça e gênero. A Teoria Crítica também argüi que as subculturas da juventude possibilitam a formação do auto-conceito e um sentido de identidade individual compartilhada pela oferta de problemas acarretados pelas contradições dentro daquelas forças sociais.

Em resposta a este mundo frio, a subcultura da juventude oferece a sua própria solução: excitamento, identidade e "status". A classe trabalhadora busca seu próprio espaço cultural nas atividades de laser. Tal espaço é ao mesmo tempo físico − nossa arquibancada −, e social − nossa torcida, no Futebol. Na realidade é uma tentativa de tornar o homem independente das condições materiais que o limitam.

O excitamento que os atos violentos que praticam trazem, associados à identidade que conseguem − não só pela camisa que defendem −, mas também pelo reconhecimento dos outros grupos − conseqüência dos atos que praticam, lhes confere "status".

Na pesquisa realizada foi possível identificar nas torcidas, sub-grupos que manifestaram comportamentos violentos. Juca Kfouri fala da "Mancha Verde" − parte da torcida do Palmeiras considerada uma das mais violentas do país − e diz que, para pertencer a ela, é necessário um "batismo" que é uma sessão de pancadaria (O Globo, 1/6/89).

Também foi possível identificar que estas torcidas muitas vezes se armam. Como exemplo, a Torcida Independente do São Paulo Futebol Clube, que se armou de uma afiada "lança de bambu", para tentar compensar a inferioridade numérica, quando veio a um jogo no Rio de Janeiro (JB, Esportes, 30/10/89, p. 2).

Estes comportamentos das torcidas parecem ganhar grande destaque nas crônicas nos jornais pesquisados. Praticamente todos os cronistas especialistas dos dois jornais apontam para a repercussão deste tipo de violência. É importante ressaltar que, apesar de apontarem para este problema, entretanto não o relacionam com o contexto cultural e muito menos o associam ao conceito de subculturas da juventude.

A Teoria Crítica vê as soluções encontradas pelas subculturas da juventude como imaginárias e ilusórias. As subculturas da juventude são incapazes de mudar as condições materiais de vida de seus membros, mesmo que, no nível interpessoal, elas propiciem satisfação, significado, auto-estima e identificação coletiva.

Ofender os árbitros por achar que estes estão "roubando" seus times, "pichar" os muros com ofensas e exigências de um grande time, como formas de protesto e de intimidação, não mudarão suas condições. Na maioria dos casos essas pessoas continuarão

efetivamente alienadas do clube, pois do ponto-de-vista sócio-econômico não poderão pertencer a estes.

> "A violência no futebol, vista através do [deste] exemplo-tipo de hooliganismo, é não somente uma manifestação espetacular de violência da sociedade, mas também uma manifestação significativa das tensões profundas que existem entre o ideal individualista, característico das sociedades modernas, e o desejo coletivo próprio da estrutura humana. (COSTA, 1989, p. 73).

Finalizando, ao considerarmos esta análise que Antônio da Silva Costa faz do exemplo tipo do hooliganismo vemos que ela também pode ser pertinente em nossa sociedade.

NOTAS

1. O termo "espião" refere-se àquela pessoa que é encarregada de observar os times adversários, com o objetivo de descobrir táticas, jogadas ou qualquer outro aspecto que possa ser usado para seu próprio time. No caso do Brasil o nosso "espião" era um oficial da Marinha Brasileira que é um estudioso do futebol.

2. No ano de 1989, somente para exemplificar alguns casos de presidentes de clubes que eram empresários ou profissionais liberais, podemos citar: Vicente Mateus, Presidente do Coríntians, empresário; Antônio Soares Calçada, Presidente do Vasco da Gama, empresário; Castor de Andrade, Presidente do Bangu, empresário e Gilberto Cardoso Filho, Presidente do Flamengo, empresário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hanah. On violence. New York: Harcoutr, Brace and World. 1970.

ATLETA ganha data-base mas não consegue o piso. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 nov. 1990. Esportes, p. 15.

ATLETAS do Flu deixam o campo para brigar nas arquibancadas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 mar. 1989, 1º Caderno, p. 31.

A VIDA de altos e baixos do jogador de Futebol. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 dez. 1990. Esportes, p. 38.

AUDI, Robert. On the meaning and justification of violence. In: SHAFFER, Jerome A. Violence. New York: David Mackay, 1971.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BARCINSKI, André. O vasto arsenal ... (foto). O Globo, Rio de Janeiro, 30 out. 1989, Esportes, p. 2.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Nilo. Futebol e violência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 mar 1989, 1º caderno.

CARE, Norman S., TRELOGAN, Thomas K. (eds.) Issues in Law and Morality. Cleveland: Case Western Reserve University, 1973.

CLAYES, V. Violência e "fair play" no desporto: causas medidas. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral dos Desportos, 1986.

COSTA, Antônio da Silva. Futebol e violência: o caso do hooliganismo. Vértice, Porto, 1989.

De LANDSHEERE, Gilbert. Introduction à la recherche em education. Paris: Armand Colin-Bourrelier, 1976.

DURANTEZ, Conrado. Existiria violência nos Jogos Olímpicos da Antiguidade? Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral dos Desportos, 1987.

DUSSAULT, Gilles; LECLERC, Mariel; BRUNELLE, Jean; TURCOTTE, Claire. L´analise de l´enseignement. Montreal: Les Presses de l ´Université du Quebec, 1981.

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Une contribuition à l´étude du comportement verbal du professeur d´education physique. Proposition du Systéme FaMOC d´analyse d´enseignement. Dissertation doctorale. Bruxeles: Université Libre de Bruxeles, 1980.

FERRANDO, Manuel Garcia. Interpretações Sociológicas da Violência no Desporto. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral dos Desportos, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holland. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1978.

FLU e Botafogo querem acabar com a violência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de dez. 1990. Esportes, p. 3.

GARRET, Henry E. Estatística em psicología y educación. Buenos Aires: Paidós, 1974.

GARVER, Newton. What violence is? In: CARE, Norman S.; TRELOGAN, Thomas K. (eds). op cit.

HONDERICH, Ted. Appraisals of Political Violence, in: CARE, Norman, TRELOGAN, Thomas K. (eds). op. cit.

LECLERC, Mariel; TURCOTTE, Claire. Lê systéme d´analyse de l ´enseignemetn de Bruce R. Joyce, In: DUSSAULT, G. et al. op. cit.

LEON, Antoine; CAMBON, Jacqueline; LUMBROSO, Max; WINNYKAMEN, Fajda. Manuel de Phychopédagogie Experimentale. Paris: PUF, 1977.

LESÃO faz Fluminense baixar salário. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 out. 1989. Esportes.

OLIVEN, Ruben George. Violência e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

OS ELEFANTES brancos que o milagre econômico criou. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 mar. 1989, Esportes.

OS MENINOS de São Januário. O Globo. Rio de Janeiro, 2 dez. 1990. Esportes, p. 84.

RICH, John Martin. Discipline and authority in school and family. S. 1.: D.C. Health and Company, 1982.

ROSSI, Wagner. Capitalismo e Educação: Contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. São Paulo: Moraes, 1980.

SALDANHA, João. Futebol e política. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31 out. 1989. Esportes, p. 23.

SELOSSE, Jacques. A violência dos espectadores nos estádios: processo, estrutura e efeitos de contágio. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral dos Desportos, 1986.

SHAFFER, Jerome A. (ed.) Violence. New York: David McKay, 1971.

SÓ O VASCO marca ponto no Rio. O Globo. Rio de Janeiro, 30 out. 1989. Esportes, p. 1.

SOREL, George. Reflections on Violence. Glencoe: Free Press, 1950.

UM PRECIOSO arquivo de jogadores. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 dez. 1990. Esportes, p. 15.

CONCLUSÕES

> "Se o futebol se transforma em morte e se os estádios se tornam campos de batalha onde reina o terror e onde os espectadores se matam em nome da bandeira de um clube, então que o futebol desapareça, pura e simplesmente, porque os seus princípios estão pervertidos e ele perdeu a razão de existir. Mas o futebol não é isso. Ele não é uma guerra senão enquanto combate simbólico, não é tragédia senão enquanto representação dramática, não é morte senão enquanto celebração ritual" (COSTA, 1989).

A afirmação de Antônio da Silva Costa certamente provoca impacto em que a leia porque o autor vai ao cerne da questão que hoje envolve a violência no Futebol.

O Futebol enquanto desporto, nada tem de diferente dos outros desportos que lhe são similares − e que, portanto, solicitam contato, empenho físico e determinação. Mas empenho físico e determinação não são sinônimos de violência. A utilização que a sociedade faz do Futebol − e principalmente a nossa sociedade − é que ocasiona as várias manifestações de violência.

Portanto, caso o atual clima de tensão e violência reinante no Futebol brasileiro permaneça, fica difícil justificar-se a utilização do Futebol como meio educacional, pois nenhuma educação nos conduz à morte. Por outro lado, é importante que se aponte o caminho para que

se recomece a encará-lo como efetiva educação e principalmente educação para uma vida plena.

Neste sentido parece ser apropriado recorrer à própria Teoria Crítica, que orientou a elaboração deste estudo.

Na sua essência ela diz que o desporto deve refletir os anseios das pessoas às quais favorece ou desfavorece, e que o desporto pode ser modificado por essas pessoas.

Conforme já comentado no Capítulo I, percebe-se que os próprios jogadores − os responsáveis pela manifestação da arte − já começaram a tentar reverter o contexto do futebol, quanto, por exemplo, no começo de um jogo ostentavam uma faixa com dizeres que buscavam despertar colegas de profissão para o perigo do aumento da violência.

Entretanto, é preciso que tenham bem claro que a luta contra a disseminação da violência no Futebol brasileiro é uma luta que envolverá muita conscientização e organização política.

Um dos pontos mais importantes neste caminho de conscientização é que percebam que, ao perpetrarem qualquer tipo de violência, "malandragem" ou comportamentos que induzam a luta pela "vitória a qualquer custo", talvez esse "custo" seja alto demais para a categoria. É preciso que entendam que ao cometerem violências entre si na realidade se "domesticam" pois assumem o comportamento que a classe dominante espera que tenham, pois este tipo de violência a mantém no poder.

A organização política, anteriormente referida, deve ser feita através de um sindicato de atletas profissionais representativo, forte e

atuante. Algumas evidências levantadas nesta pesquisa mostram alguns resultados positivos das ações sindicais. Entretanto é importante ressaltar que para que outras conquistas sejam alcançadas, esta luta (de interesses) deve ter um caráter permanente, como aponta a Teoria Crítica.

Também é importante lembrar que nesse processo infindável de luta (e negociações), os valores que permeiam estas relações serão desveladas, tornando explícita a ética das pessoas envolvidas.

No momento em que, mesmo dentro desta sociedade capitalista a ética das atitudes seja questionada, espera-se com estes questionamentos iniciar um processo que reverta o atual quadro de injustiças e desequilíbrio de poder.

ABSTRACT

EDUCATION, SPORT AND VIOLENCE IN BRAZILIAN FOOTBALL

Current evidence indicates that violence on the Brazilian football (soccer) grounds has grown since the mid-1970s. However, this account of incidence of football violence has been almost exclusively stressed by the mass media. No references to this theme have been found in the national academic literature reviewed (FARIA JUNIOR, 1987; 1988). Thus, the aims of this study are: (a) to map the different types of violence in the Brazilian football, (b) to establish possible explanations for these manifestations of violence. Violence is discussed from the Critical Theory point of view. The "content analysis" (BARDIN, 1977) was used to study the material published in all issues of two newspapers in Rio de Janeiro − O Globo (conservative) and Jornal do Brasil (liberal) − during the year of 1989. A system of categories was created in order to classify the material. In the quantitative assessment, Physical aggression (54,2%), Insult (15,2%) and Coercion (10,1%) concentrated the majority of incidents of violence. Base (capitalist mode of production), Football Social Organization (commercialism, consumerism, conflicting interests, State intervention, competitiveness, individualism) and Culture (Popular Culture as part of the industry of culture and working class youth sub-cultures) were used in the qualitative assessment. The account of football violence in the press is one of significant silences (on social context and personal biography).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CIRANDA dos técnicos brasileiros. Jornal do Brasil (c), Rio de Janeiro, 10 dez. 1989. Esportes, p. 46.

A VIDA de altos e baixos do jogador de Futebol. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1990. Esportes, p. 38.

ANDERSON, Charles; GIBSON, J.R. Toward a new sociology. Homewood: The Dorsey Press, 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O momento feliz. In: DaMATTA, Roberto et al. op cit.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. In: SOUZA, Doralice Lange de. op. cit.

ARENDT, Hanah. On violence. New York: Harcoutr, Brace and World. 1970.

ARTIMANHAS rubro-negras para coagir o atacante. Jornal do Brasil (b), Rio de Janeiro, 28 jul. 1989, Esportes, p. 21.

ARTUS. Revista de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, v. II, n. 6, 1979.

ATLETA ganha data-base mas não consegue o piso. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 nov. 1990. Esportes, p. 15.

ATLETAS do Flu deixam o campo para brigar nas arquibancadas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 mar. 1989, 1º Caderno, p. 31.

AUDI, Robert. On the meaning and justification of violence. In: SHAFFER, Jerome A. Violence. New York: David Mackay, 1971.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BARCINSKI, André. O vasto arsenal ... (foto). O Globo, Rio de Janeiro, 30 out. 1989, Esportes, p. 2.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Nilo. Futebol e violência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 mar 1989, 1º caderno.

BELBENOIT, Georges. O desporto na escola. Lisboa: Estampa, 1974.

BELLUZZO, Luiz G. Violência Monetária. Isto é/Senhor. Rio de Janeiro, p. 39, 7 jun. 1989.

BENTO, Jorge Olímpio. O desporto "Matéria de Ensino". Lisboa: Caminho, 1987.

BRANCO, Roberto. In: VENTURA, Mauro, et al. op. cit.

CALAZANS, Fernando. A violência no Futebol e o nazismo da fórmula 1. O Globo. Rio de Janeiro, 19 jan. 1990. Esportes.

CARE, Norman S., TRELOGAN, Thomas K. (eds.) Issues in Law and Morality. Cleveland: Case Western Reserve University, 1973.

CARTA, Mino. Que tal um pouco e seriedade? In: CASTELANI FILHO, Lino. op. cit.

CASTELANI FILHO, Lino. O fenômeno cultural chamado Futebol − uma proposta de estudo. Artus. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 15, p. 6, 1985.

CASTRO, Armando. In: Sergio, Manuel. op. cit.

CARVALHO, A. Melo de. Violência no Desporto. Lisboa: Horizonte, 1985.

_____. A juventude e violência no Desporto. Lisboa: Horizonte, v. Viii, n. 13, p. 29-33. 5 mai/jun. 1986.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos − um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1981.

CLARKE, John. Football and working class fans: tradition and change. In: INGHAM, R. (ed.). op. cit.

COAKLEY, Jay. J. Sport in Society: Issues and Controversies. St. Louis: Times Mirror/Mosbu, College Publishing. 1986.

COELHO, Olímpio. Opção Desporto: o desporto na escola. Lisboa: Caminho, 1985.

CONSTANTINO, José Manuel. Reflexões em torno do valor cultural e ético do espetáculo desportivo. Lisboa: Horizonte, v. VI, n. 35, p. 167-172. Jan./fev. 1990.

COSTA, Antônio da Silva. Futebol e violência: o caso do hooliganismo. Vértice, Porto, 1989.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Violência e crime no esporte. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 jul. 1988. Cidadesl. P. A12.

DAMATTA, Roberto et al. As raízes da violência no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. Roberto et al. Universo do Futebol − Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

_____. Explorações; Ensaios de Sociologia Interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

De LANDSHEERE, Gilbert. Introduction à la recherche em education. Paris: Armand Colin-Bourrelier, 1976.

DURANTEZ, Conrado. Existiria violência nos Jogos Olímpicos da Antiguidade? Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral dos Desportos, 1987.

DUSSAULT, Gilles; LECLERC, Mariel; BRUNELLE, Jean; TURCOTTE, Claire. L´analise de l´enseignement. Montreal: Les Presses de l ´Université du Quebec, 1981.

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Une contribuition à l´étude du comportement verbal du professeur d´education physique. Proposition du Systéme FaMOC d´analyse d´enseignement. Dissertation doctorale. Bruxeles: Université Libre de Bruxeles, 1980.

_____. Alfredo Gomes de. Research Trends in Physical Education in Brazil, England and Wales 1975/1984: a comparative study. Relatório de pesquisa/Pós-Doutorado. London: University of London Institute of Education, 1987.

FERRANDO, Manuel Garcia. Interpretações sociológicas da violência no desporto. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura/Direção Geral dos Desportos, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

FILHO, Mário. O negro no Futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FLORES, Luiz Felipe B. Neves. Na Zona do Agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do Futebol. In: DaMATTA, Roberto et al. op. cit.

FLU e Botafogo querem acabar com a violência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de dez. 1990. Esportes, p. 3.

FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

GARRET, Henry E. Estatística em psicología y educación. Buenos Aires: Paidós, 1974.

GARVER, Newton. What violence is? In: CARE, Norman S.; TRELOGAN, Thomas K. (eds). op cit.

GRANDES competições não mudam a realidade do atleta brasileiro. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 dez. 1989.1º Caderno, p. 46.

HONDERICH, Ted. Appraisals of Political Violence, in: CARE, Norman, TRELOGAN, Thomas K. (eds). op. cit.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: a study of the play element in culture. Boston: Bacon Press, 1955.

INGHAM, R. (ed.) Football Hooliganism: the wider context. London: Inter-Action, 1978.

ISTO É. Perigos do esporte infantil. Rio de Janeiro: V. XII, n. 596, 1988.

KEATING, J.W. Spotsmanship as moral category. Ethycs. V. 75, n. 1, p. 23-35, 1964.

LARROYO, Francisco. In: SILVEIRA, Milton César Prado da. Desporto e Desenvolvimento Econômico. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1988.

LECLERC, Mariel; TURCOTTE, Claire. Le systéme d´analyse de l ´enseignemetn de Bruce R. Joyce, In: DUSSAULT, G. et al. op. cit.

LEON, Antoine; CAMBON, Jacqueline; LUMBROSO, Max; WINNYKAMEN, Fajda. Manuel de Phychopédagogie Experimentale. Paris: PUF, 1977.

LESÃO faz Fluminense baixar salário. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 out. 1989. Esportes.

LEVAR vantagem em tudo. Certo? Rio de Janeiro, 2 out. 1988. Caderno Especial, p. 4.

LEVER, Janet. A loucura do Futebol. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVIN, Jack. Estatística aplicada a ciências humanas. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1985.

MÃE quer o estado com réu na morte de Josimo. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 maio 1989. 1º Caderno. p. 12.

MAHEU, René et al. A educação no século XX. Lisboa: Presença, 1966.

_____. O desporto como forma de educação. In: MAHEU, René et al. op. cit.

MANNHEIN, Karl. Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MARACANÃ sem armas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 ago. 1989. Esportes.

MARINHO, Inezil Pena. In: Silveira, Milton César Prado da. op. cit.

MÁXIMO, João. In: VENTURA, Mauro et al. op. cit.

McLUHAN. Marshal. In: LIMA, Lauro de Oliveira. Mutações em educação segundo McLuhan. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

MEIER, K. On the inadequacies of sociological definition of sport. International Review of Sport Sociology. V. 16, n. 2, p. 79-100, 1981.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A crise da crise de uma arte. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 jun. 1990. Idéias-Ensaios, p. 7.

MELLO, Guimar Namo de. Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1985.

OLIVEN, Ruben George. Violência e Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

OS ELEFANTES brancos que o milagre econômico criou. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 mar. 1989, Esportes.

OS LIMITES do homem. Veja. Rio de Janeiro, n. 827, p. 64, 1984.

OS MENINOS de São Januário. O Globo. Rio de Janeiro, 2 dez. 1990. Esportes, p. 84.

PADILHA, José Roberto. Futebol: a dor de uma paixão. São Paulo: Guanabara, 1988.

PAZ Júnior, Aloysio Campos da. Medicina não é comércio. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 2 jul. 1989. Caderno Especial, p. 8.

PEREIRA, Flávio M. Dialética da cultura Física. São Paulo: Ícone, 1988.

PEREIRA, Jair. In: A ciranda dos técnicos brasileiros. Jornal do Brasil, op. cit.

POULANTZAS, Nicos. Fascisme et dictature. Paris: Seuil/Máspero, 1974.

PUNIR violência com crime tem apoio total. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 mar. 1989. Esportes.

REIS, Ney. Mais um Vietnã de chuteiras? Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 jun. 1990. Idéias-Ensaios, p. 9.

RICH, John Martin. Discipline and authority in school and family. S. 1.: D.C. Health and Company, 1982.

RODRIGUEZ, João Carlos. Uma paixão em crise. Rio de Janeiro: Afinal, 11 ago. 1987.

ROSSI, Wagner. Capitalismo e Educação: Contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. São Paulo: Moraes, 1980.

SALDANHA, João. Meus amigos. Rio de Janeiro: Nova Mitavai, 1987.

SALDANHA, João. Futebol e política. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31 out. 1989. Esportes, p. 23.

_____. O incêndio. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 jul. 1989. Esportes, p. 19.

_____. O mandante do crime. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 out. 1989. Esportes, p. 21.

SANTOS, Joel Rufino dos. A história política do Futebol Brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Osmar. Vamos chutar só a bola. Veja. São Paulo: v. 22, n. 19, p. 142. 17 mai 1989.

SERGIO, Manuel. Desporto em Democracia. Lisboa: Seara Nova, 1976.

_____. A prática da Educação Física. Lisboa: Compendium, 1982.

SHAFFER, Jerome A. (ed.) Violence. New York: David McKay, 1971.

SILVEIRA, Milton César Prado da. Desporto e Desenvolvimento Econômico. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1988.

SÓ O VASCO marca ponto no Rio. O Globo. Rio de Janeiro, 30 out. 1989. Esportes, p. 1.

SODRÉ, Muniz. Futebol, teatro ou televisão? O monopólio da fala. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOREL, George. Reflections on Violence. Glencoe: Free Press, 1950.

SOUZA, Cláudio Mello e. Vale tudo no país do Futebol. O Globo. Rio de Janeiro, 9 dez. 1988. Esportes.

SOUZA, Doralice Lange de. O significado do Futebol na Cultura Brasileira. Monografia de Especialização. São Paulo: UNESP, 1989.

SOUZA, José Maurício Capinussu de. A transgressão no esporte. Rio e Janeiro: Artuz, p. 7, dez. 1987.

TAYLOR, Ian. On the sports violence question: Soccer hooliganism revisited. In: HARGREAVES, Jeniffer (ed.) Sport, culture and ideology. London: Routledge Kegan Paul, 1982.

TOSCANO, Moema. Quando a vida deixa de ter qualquer valor. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 abr. 1989. 1º Caderno, p. 5.

UM PRECIOSO arquivo de jogadores. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 dez. 1990. Esportes, p. 15.

UNESCO. Terminology of Adult Education. Paris: UNESCO, 1979.

UNESCO. Estudio muldisciplinario sobre la violência em la actividad desportiva. Revista Colombiana de Educación Física. Bogotá, n. 4, p. 75-91, jul. 1989.

VENTURA, Mauro e colaboradores. Torcer até morrer. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 mai 1989. Revista de Domingo, p. 28.

ANEXO I
JORNAL DO BRASIL

Agressão Física

"Eleição na Federação Paraibana de Futebol com agressão física, insultos e acusações de fraude (1/89). "Alcindo expulso por atingir com soco Serginho na Semifinal do Brasileiro" (2/89). "O apoiador Tobi usou sempre da violência para tentar conter a Cabofriense (2/89). "Flamengo medíocre leva pedras e chuva de latas de cerveja da torcida" (2/89). "Critica de João Saldanha diz que violência das torcidas está ganhando força. Rapaz agredido quando deixava o estádio, teve que fazer cirurgia fqcial" (2/89). "Vasco empata em jogo violento e tumultuado. Torcida atira latas nos jogadores do Olaria. Dois jogadores são expulsos. Árbitro leva tapa no rosto de jogador. Jogo no campo do Olaria" (3/89). "Treino ríspido revela como Botafogo vai jogar. Capitão do time justifica necessidade de se acostumar ao jogo" (3/89). "América vence Cabofriense em jogo de brigas e expulsões. Onze jogadores são expulsos, entre titulares e reservas. Briga generalizada em campo e nas torcidas" (3/89). "Botafogo 2x0 Americano, duas expulsões sendo uma por agressão" (4/89). "Eduardo (Flu) agride colega no treino. Depois de estar passando por dificuldade para marcar Marcelo Henrique, Eduardo entra de "sola" nas costelas do colega. "Não vou deixar ele se criar em cima de mim". Eduardo já criara vários problemas no clube" (4/89). "Fluminense suspende Edinho por acusá-lo de agressão ao Vice-Presidente de Finanças, no vestiário do jogo com o Flamengo" (4/89). "Juiz exige pena de 1 ano para quem o agrediu e quebrou sua dentadura. Promete fazer justiça com as próprias mãos se o jogador não for punido. Expulsou quatro jogadores e saiu vaiado e apedrejado" (4/89). "Tumulto entre policiais e torcedores. Policial agride menino e

revólver dispara. Torcida revoltada ataca policiais com rojões" (5/89). "Tumulto no empate do Flu em Campos, capital estadual da violência. Campo invadido juiz agredido pelo diretor de futebol amador. Várias pessoas do clube local tentam agredir juiz que anulou gol corretamente. Presidente garante e jogo continua" (5/89). "Grêmio vence jogo em que Edinho (estréia) faz gol e é expulso. Time local não se conforma com marcação de pênalti e invade o campo para agredir o árbitro. Time local cria várias brigas" (5/89). "Violência exagerada do Nova Cidade faz com que goleiro do Botafogo saia de campo com suspeita de fratura no nariz. Nenhum jogador expulso apesar de várias agressões. Torcedor do Flamengo massacrado pela torcida do Botafogo só porque estava em local errado" (5/89). "Clássico da paz paulista, termina em briga de torcida. Apesar da campanha feita no início do jogo por jogadores e administração do estádio, no final do jogo torcidas brigam" (5/89). "Na confusão que se seguiu à marcação de um pênalti no jogo Blumenau X Criciúma, torcedores invadem campo; cinco torcedores ficam feridos e um morre com traumatismo craniano provocado pela queda do alambrado" (5/89). "Torcedor leva tiro na briga entre a torcida palmeirense e a Polícia Militar de São Paulo. Estádio estava superlotado. Torcida joga pedras e latas nos jogadores do Bragantino" (5/89). "Confusão marca vitória do Botafogo. Jogo tumultuado com juiz sendo empurrado e três jogadores do América expulsos" (5/89). "Vasco vence Volta Redonda e dirigente invade campo e juiz é agredido. Apesar de avisado pelo auxiliar de irregularidade juiz confirma o gol" (5/89). "Atlético e Tupi empatam em partida tumultuada. Invasões de campo e tentativas de agressões ao árbitro. Briga entre jogadores sendo três expulsos" (5/89). "Brasil 1X1 Chile jogo mais violento do ano. Romário expulso aos 2 minutos do jogo, brigara e tinha sido ofendido antes do jogo começar. Lazzaroni agredido quando jogo acabou. Torcida joga objetos" (8/89). "Eduardo do Fluminense é punido por causa de briga (física) com o técnico Procópio" (8/89). "Presidente

da Federação Pernambucana de Futebol suspenso 180 dias por tentativa de agressão a juiz" (9/89). "Borghi briga no treino e tenta agredir colega" (10/89). "Após sofrer entrada duríssima, Marcos Roberto é obrigado a sair de campo com dupla fratura tendo que fazer cirurgia para correção. Juiz nem deu cartão amarelo" (10/89). "Conflito generalizado envolvendo torcedores do Flamengo e Vasco numa lanchonete na Via Dutra, em Barra do Piraí, 16 feridos" (10/89). "Rodada de violência. Zico atingido por Zé Teodoro fica duas semanas sem jogar. Mirandinha já está há três semanas sem jogar porque foi pisado no rosto" (10/89). "Polícia Militar tenta intervir para separar briga de torcidas" (10/89). "Polícia apreende lança que torcida usava para se defender" (10/89). "Palmeiras e Internacional, jogo violento, sendo que o juiz demora a usar a autoridade e só no final expulsa dois jogadores" (11/89). "Bebeto expulso por atingir Zé Carlos. São Paulo e Palmeiras, jogo violento. Zé Teodoro fratura o tornozelo e Toninho o tendão de aquiles." (11/89) "Marcelo Barreto sofre falta violenta" (11/89). "Torcida quase lincha juiz. Juiz agride técnico do Coríntians. Fiscais da Federação agridem juiz. Fiscais da Federação agridem fotógrafo que quis registrar a cena" (12/89). "Briga em treinamento entre Vivinho e Marco Aurélio" (12/89).

Ameaça − ato de meter medo, castigo ou malefício, usar a palavra ou gesto intimidativo.

"Troca de provocações entre Márcio Rossini e Edinho - Quem entra no prejuízo é Edinho. "Só lembro a ele que o jogo será no campo do Bangu" (2/89) "Juiz promete fazer justiça com as próprias mãos se jogadores não forem punidos" (4/89). "Dirigentes têm recebido ameaças por se negar a vender entradas diretamente ao clube e aos chefes de torcida". (5/89) "Juiz paulista não apita se for à Justiça. Árbitros são ameaçados pelo diretor da Cobrafe que não seriam escalados se estivessem movendo ação trabalhista contra a mesma". (8/89) "Comissão julga Aragão por prepotência. Jogador pede para sair

dizendo que o árbitro o estava perseguindo no jogo. Durante a semana mandava avisar ao jogador para ficar quieto. Gilberto Costa confirma que foi perseguido pelo mesmo juiz, em outro jogo. Raí confirmou o fato com Nelsinho. Árbitro, já em 1970, foi acusado do mesmo fato. No inquérito promovido para apurar tais fatos jogadores confirmam suas declarações e árbitro é escalado para apitar na segunda divisão." (11/89).

Coação - constranger; forçar; pressionar; obrigar.

"Cacau é barrado por ordem da Diretoria. Por estar sem contrato jogador é barrado no momento da assinatura de novo contrato. A diretoria acha que o estará prestigiando caso jogue" (1/89). "O mau exemplo do diretor. Invasão de campo por Eurico Miranda e Paulo Angioni com reclamações contra o árbitro" (2/89). "Discussão entre Helal e Telê. Dirigente tenta escalar o time" (2/89). Presidente escala e Jandir volta para o Fluminense" (2/89). "Torcida da Ponte Preta faz manifestação na CBF para pressioná-la a aprovar recurso do clube, que o faça voltar à primeira divisão do futebol." (2/89). "Pressões provocam saída de Sérgio Cosme do Fluminense" (2/89). "Polícia reprime cambistas que vendiam ingressos com preços triplicados" (2/89). "Tumulto no empate do Fluminense em Campos. Várias pessoas, do clube local tentaram agredir árbitro, que anulou gol corretamente" (5/89). "Grêmio vence jogo em que Edinho faz gol e é expulso. Jogo paralisado por 10 minutos. Time invade campo tentando agredir árbitro" (5/89). "Artimanhas rubro-negras para coagir atacantes. Coações e pressões que jogador assine contrato" (7/89). "Lesão faz Fluminense baixar salário. Em conseqüência do diagnóstico presidente do Fluminense pressiona jogador para jogar pela metade do salário. Jogador ficou no clube (9/89). "Áulio deixa a Cobraf acusando dirigentes por más arbitragens. Dirigente se afasta por reconhecer que não tem autonomia e que existem pressões e acordos para inclusão e exclusão de árbitros" (10/89). "Viana admite ter pressionado Cobraf.

Dirigente admite pedir inclusão e exclusão de árbitros a partir de seu julgamento" (10/89). Diretoria cobra de técnico inclusão de jogador na delegação. Este não concorda e se demite" (10/89) "Vasco muda 4 jogadores e os barrados ser rebelam e pressionam técnico para que não faça mudanças. O mesmo acontece no Fluminense" (11/89). "Eurico fecha as portas do treino do Vasco, culpando jornalistas e torcedores pela indisciplina reinantes. Presidente não concorda" (12/89).

Fraude - ato de enganar, iludir, falsificar, adulterar.

"Abandono chileno revolta jogadores. Após simulação de contusão time se retira de campo. Brasil vencia por 1 x 0." (9/89).

Furto - ato de apoderar-se (de coisa alheia) sem que este saiba.

"Evasão de renda em Minas Gerais. Porteiro e cambista são presos em flagrante quando revendiam ingressos" (10/89). "Funcionários roubavam ingressos. Coordenadoria afasta 117 funcionários suspeitos" (6/89).

Indução - Ato de instigar, incitar, sugerir, persuadir.

"O autor do projeto de construção do estádio da Fonte Nova adverte para o problema da superlotação do estádio, que recebeu 30.000 pessoas a mais do que comportava. Vários tumultos ocorreram." (2/89). "Em jogo tumultuado Grêmio e Uberlândia, Uberlândia faz cai-cai para acabar com o jogo. Jogadores recebem ordem para cair em campo" (5/89). "Insinuações e provocações esquentam o campeonato gaúcho. Dirigentes insinuaram que goleiro favoreceu outro adversário" (5/89).

Ofensa - injuriar, melindrar, afrontar, molestar.

"Ailton e Delacir ´os judas´ de uma noite de tristezas. Torcida ofende os jogadores e os culpa pela derrota do time." (2/89). "Discussão sobre tabelamento dos preços das entradas. Presidente do Flamengo chama Eurico Miranda de débil mental" (2/89). "Presidente da Cobraf diz que árbitro foi burro. Confusão pelo fato da conclusão da jogada." (2/89). "Atletas do Fluminense brigam nas arquibancadas contra pessoas que assistiam ao treinamento e os ofendiam" (3/89). "Palmeiras veta Dulcídio por xingar jogadores. Árbitro será vetado naturalmente pois xingou Eraldo de Negrinho Safado e Favelado" (5/89). "Corte de Charles revolta baianos. Diretor retira jogador da concentração e critica duramente os dirigentes e técnicos da CBF com ofensas (7/89). "Vaias e ofensas da torcida baiana envergonham Lazzaroni" (7/89). "Torcida coloca faixa no Maracanã - Chorão traidor. Referência a Bebeto" (7/89). "Na chegada Lazzaroni chama Aravena de imbecil" (8/89). "Telê critica Renato e pede demissão. Foi ofendido pelo jogador quando o substituiu" (9/89). "Maurício se irrita com técnico e diz que este é traidor. Jogador critica saída do técnico do clube, após este ter pedido para que os jogadores ficassem e não aceitassem outras propostas." (10/89). "Presidente da Federação Paulista de Futebol é punido por ofensa e negligência" (11/89). "Torcida ofende técnico do Vasco" (11/89).

Suborno - ato de dar dinheiro ou outros valores, aliciar para mau fim.

Esta categoria de violência não foi encontrada na pesquisa. O que houve foi uma acusação de tentativa de suborno, sem que entretanto ficasse provado o fato e ter ocorrido efetivamente.

"Candidata à Federação Paraibana acusa concorrente de subornar dois presidentes (de clubes) em troca de votos" (1/89).

Vandalismo - ato de destruir, quebrar, estragar por ignorância ou por estupidez, rebentar.

"Crítica de João Saldanha comparando a violência que ocorre aqui - nas arquibancadas e cadeiras com a queima de papel higiênico que destrói os estádios - com a da Inglaterra" (4/89). "Torcida do Fluminense pixa muros e dirigente acha que ela tem razão" (6/89). "Torcida alvi-negra pixa muros da Gávea. Véspera da decisão com o Flamengo" (6/89). "Torcida do Flamengo faz protesto na Gávea e joga boneco em chamas sobre toldo do estádio, e este se incendeia. Protesto contra a saída de Bebeto" (7/89).

2ª Edição □ quinta-feira, 16/3/89 □ 1º caderno □ 31

Atletas do Flu deixam o campo para brigar nas arquibancadas

Liberati



O time do Fluminense deu ontem a maior demonstração de união desde que mergulhou na crise. Os jogadores deixaram o campo de Caio Martins, em Niterói, onde iniciavam o aquecimento antes do treino, e subiram correndo as arquibancadas para agredir agitadores que debochavam deles, sobretudo de Romerito. Não chegou a haver violência, só cutucões e peitadas, mas eles ocuparam a arquibancada com uma disposição que não foi vista nos últimos jogos.

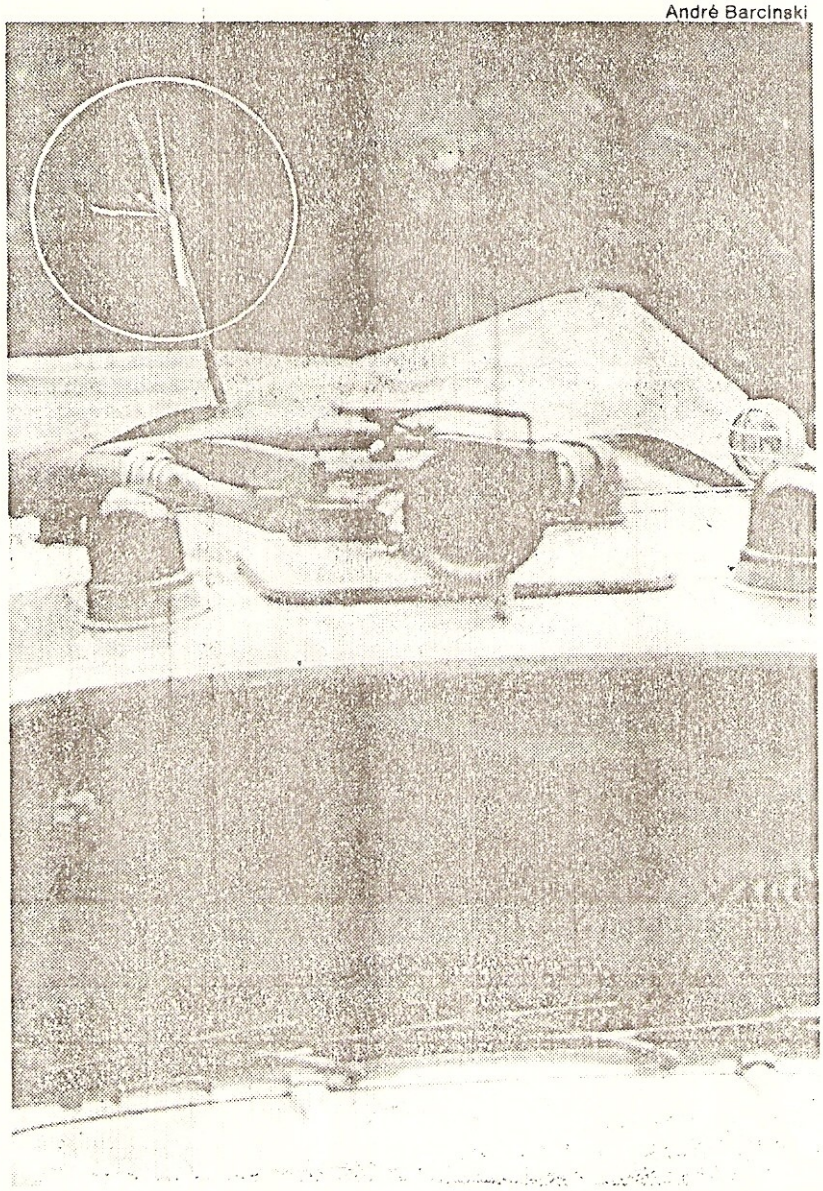
Edgar e Torres, os mais irados depois de Jandir e Romerito, chegaram a se armar com um pau de um metro e meio que encontraram no caminho, embora não tenham feito uso da arma improvisada. Até o novato Nilton participou da invasão. "Cadê o meu dinheiro?", gritava, imitando o sotaque paraguaio, Carlos Henrique, lateral-esquerdo do time amador Bela Vista, da favela Rala Coco, em Cubango. Ele fazia parte de um grupo de desocupados que têm como diversão predileta incomodar jogadores que treinam no Caio Martins, não importa qual o clube.

O deboche é desatualizado, se refere a um antigo litígio financeiro entre jogador e o Fluminense, mais que superado. Romerito, entrando em campo, respondeu a primeira ofensa com um gesto obsceno. Após a segunda, combinou com Jandir que resolveriam o problema no intervalo do coletivo. Na terceira, não se conteve, deu um pique e num instante chegou à arquibancada.

"Há muito tempo ele não corria assim", comentou um torcedor. Mas o grupo todo — quase todo, faltaram Dago, Robert, Carlos André e Edinho, que permaneceram no aquecimento — já corria enfurecido puxado pelo "gringo". A turma do *deixa disso*, capitaneada pelo supervisor José Dias, impediu uma carnificina. A confusão durou menos de dez minutos, o agitador fugiu, deixando seus companheiros calados. Um deles admitiu que a mesma turma fora responsável por incidente quase igual, há cerca de um ano, quando treinava o Botafogo. Nessa ocasião, o comandante da expedição foi Cláudio Adão.

"Estamos trabalhando, tivemos que calar a boca deles e eles, covardes, calaram mesmo", disse Romerito depois. "Estamos com a cabeça cheia, já entramos em campo preocupados, não dá para aguentar uma coisa dessas", disse Jandir. "Estou mais leve agora", disse Torres a Edgar. Para o técnico Othon Valentim, esse espírito de luta é saudável à equipe: "Foi um desabafo." Othon gostou do treino, definiu Franklin na ponta e vai mudar mais até sábado. Enquanto um Fluminense, o dos dirigentes sentados nas Laranjeiras, permanece perplexo diante da crise e relutante em apontar soluções, um outro Fluminense, que esta semana só treina em lugares distantes como Xerém ou Jacarepaguá, começa a se encontrar. Foi a melhor notícia dos últimos tempos para a torcida tricolor, igualmente perplexa.

André Barcinski



□ *O vasto arsenal de armas utilizadas pelas torcidas no Maracanã, ganhou mais um componente. A Torcida Independente do São Paulo, cujo slogan é* se é pra matar, se é pra morrer", *quis compensar sua inferioridade numérica na* luta *contra os vascainos com uma afiada lança feita de bambu (no círculo). Ninguém foi atingido, mas os paulistas conseguiram cravá-la no toldo de um caminhão de bombeiros. No habitual quadro de violência que tomou conta dos jogos, o saldo de 54 feridos, a maioria vítima de pedradas. "Coisa de rotina", como definiu um policial, numa prova de que as insistentes revistas à porta do estádio continuam ineficazes.*

TABELA 1

Resultados obtidos com a aplicação do teste de significância da diferença entre porcentagens, em relação às incidências de violência no futebol por categoria, nos dois jornais - O Globo e Jornal do Brasil (1990).

Categorias/Jornais	**Razão crítica Valores obtidos**	**Aceitação da Ho Ao nível de 0,05 (± 1,960)**
Ameaça	0,086	Não
Agressão	1,143	Não
Coação	2.030	Sim
Fraude	0,23	Não
Furto	0,43	Não
Indução	0,93	Não
Ofensa	0,026	Não
Vandalismo	1,71	Não